DEVOÇÃO E FESTA A SÃO SEBASTIÃO NO SUL DA BEIRA INTERIOR: PRIMEIRA LEITURA

Devotion and Feast of St. Sebastian in the South of Beira Interior: first approach

Francisco José Ribeiro Henriques
Arqueólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo. Projeto de Investigação Mesopotamos.
Campo Arqueológico de Proença-a-Nova. fjrhenriq@gmail.com

Palavras-chave São Sebastião, culto a São Sebastião, Beira Baixa
Keywords St. Sebastian, devotion to St. Sebastian, Beira Baixa

Vila Velha de Ródão, 2019

Resumo

Em 1993 a Profª Doutora Paula Godinho desafiou os seus alunos a estudarem a festa de São Sebastião no sul da Beira Baixa, enquanto festa de inverno. Com este objectivo os alunos estiveram vários dias em comunidades dos concelhos do Fundão (Lardosa) e Castelo Branco (Louriçal do Campo, Partida e Almaceda). Para complementar o trabalho anterior um dos alunos foi responsável pelo enquadramento geral da festa nos sítios atrás mencionados e para o efeito percorreu os concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova.

No enquadramento referido, que designámos de *Devoção e Festa a São Sebastião no Sul da Beira Interior – Primeira Leitura*, caracterizámos, de um modo breve, a região em causa, o protótipo de imagem de São Sebastião e analisámos os testemunhos de culto identificados nas 37 comunidades inventariadas.

Na segunda parte apresentamos, de modo compartimentado, cada uma das 37 comunidades, nos quatro concelhos mencionados, e o modo como vivem o culto a São Sebastião. Abordamos deste modo a etiologia do culto, a capela, ou imagem, a festa, a procissão, a perpetuação, a devoção e promessas, a gastronomia associada, a angariação de meios e outras notas.

Todas as 37 comunidades referenciadas neste trabalho foram visitadas nos meses de Novembro e Dezembro de 1992 e Janeiro de 1993.

Abstract

In 1993 Ph.D Paula Godinho challenged her students to study the feast of St. Sebastian in the south of Beira Baixa as a winter festival. With this objective the students spent several days in communities in the counties of Fundão (Lardosa) and Castelo Branco (Louriçal do Campo, Partida and Almaceda). To complement the previous work, one of the students was responsible for the general setting of the feast and for that purpose he went through the counties of Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão and Proença-a-Nova.

In the aforementioned framework, which we named *Devotion and Feast of St. Sebastian in the South of Beira Interior - First Reading*, briefly was characterized the region in question, the image prototype of St. Sebastian, and analyzed the testimonies of worship identified in the 37 communities surveyed.

In the second part we present each one of the 37 communities, in the four mentioned counties, and the way in which they live the cult to St. Sebastian. We approach in this way the aetiology of worship, the chapel, or image, the feast, procession, perpetuation, devotion and promises, associated gastronomy, fundraising and other notes.

All 37 communities referred to in this study were visited in November and December 1992 and January 1993.

Prefácio

O texto que agora se publica, *Devoção e Festa a São Sebastião no Sul da Beira Interior – Primeira Leitura*, foi escrito em 1993. Foi um trabalho escolar para avaliação da disciplina de Etnologia Portuguesa I, administrada pela Profª Doutora Paula Godinho, na licenciatura de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa.

Mantém-se a redacção da altura, sem alterações, porque não voltámos posteriormente ao tema e não o queremos agora fazer, passados que são 26 anos.

Era, e continua a ser, hábito da Profª Doutora Paula Godinho proporcionar aos seus alunos experiências pedagógicas extra, no sentido de vivenciarem o que a sala de aulas não consegue proporcionar. Assim, no ano de 1992/1993, vieram para a Beira Baixa um grupo de alunos com o objectivo de estudar a festa de São Sebastião nas comunidades de Lardosa (Fundão) Louriçal do Campo, Partida e Almaceda (Castelo Branco). A responsabilidade do autor, e a deste trabalho, seria a de enquadrar as festas referidas num âmbito geográfico mais vasto, neste caso nos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova.

Na altura chegou a haver contactos, e vontade de alguns, na publicação de uma brochura que integrasse os estudos das festas de São Sebastião de Lardosa, Louriçal do Campo, Partida e Almaceda, juntamente com o documento que agora damos a conhecer, o que não veio a acontecer, infelizmente.

Entretanto, cremos que continua pertinente a sua divulgação, mesmo que amputado das restantes quatro perspectivas.

Francisco Henriques

Introdução

Este trabalho surge como resposta a uma proposta lançada pela Professora Dr.ª Paula Godinho da disciplina Etnologia Portuguesa I.

Propôs que estudássemos a festa e mais propriamente a festa de São Sebastião no sul da Beira Interior.

A festa é um tema vasto, complexo e de difícil tratamento para meros candidatos a antropólogos como somos. Além da riqueza da temática fui confrontado com uma tradição muito viva que as gentes da Beira conseguiram fazer perdurar até aos nossos dias.

Duvido que, tenha conseguido trazer para o papel, a essência e a grandiosidade da alma destas gentes.

Quantas vezes fui recebido, sem me conhecerem, no interior das suas casas? Depois era a oferta de comida, de bebida, da informação que procurava e por fim de um convite para regressar.

Para "conversar" todos os lugares serviam, a casa, o quintal, a soleira da porta, o jardim público, o interior de um templo religioso, a taberna e a recepção foi sempre semelhante a de franca e total disponibilidade.

Se não consegui trazer e deixar aqui a "alma" destas gentes foi por incapacidade pessoal. Fica-me ao menos a sua lembrança.

Valeu também para conhecer um pouco mais e melhor esta Beira. Quantas vezes passava à porta de uma aldeia e não ousava entrar!? Falta de tempo e outros condicionalismos. E quantas aldeias visitei agora pela primeira vez. Penso que, independentemente do tipo de análise e informação que consiga verter para o papel, ficou uma experiência a todos os níveis positiva.

Autocritico-me por não ter conseguido estancar, neste trabalho, a corrente megalómana.

O querer tudo, o querer fazer tudo. Certo que é uma grande aspiração e fica bem a qualquer investigador. Resta saber se o desejo de abranger a globalidade não rouba a qualidade do produto final.

A partir do meio do trabalho de campo dei conta de que o produto final iria ser prejudicado pela demarcação, demasiado extensa, da área geográfica a estudar, tendo em conta, naturalmente, o factor tempo. "Ter mais olhos que barriga" como sintetiza muito bem um provérbio popular difundido na Beira.

Não obstante este contratempo ao longo do trabalho tentei, em cada ocasião, por nele toda a minha energia e capacidade.

Porque tive mais olhos que barriga? Primeiro, porque venho registando, desde há alguns anos, aspectos parcelares da cultura do sul da Beira Interior, mais propriamente da área geográfica agora adoptada; segundo, porque pensei inicialmente que o culto a São Sebastião não estivesse tão difundido nesta área. A razão terceira tem a ver com a importância de um levantamento extensivo para o enquadramento dos trabalhos desenvolvidos por outras equipas de campo (Lardosa, Louriçal do Campo, Partida e Almaceda). Logo, abstive-me de realizar trabalho de investigação onde os outros quatro grupos o fizeram. Penso que estes cinco trabalhos são passíveis de vir a possuir uma unidade própria.

Naturalmente que os objectivos para este trabalho variaram consideravelmente mediante a perspectiva.

A professora ao propor esta temática e esta região teve naturalmente um objectivo. Os alunos, obviamente, têm os seus, enquadrados nos primeiros.

Para este trabalho os meus objectivos foram o de inventariar as manifestações festivas em redor de São Sebastião, independentemente da época do ano. Compreender a função da festa numa comunidade e por fim elaborar uma leitura pessoal desta festividade.

Estou consciente de que nem todos os objectivos foram cabalmente atingidos, talvez nenhum deles. Ainda assim, o primeiro foi o que esteve mais próximo de o ser. Ao nível há sempre pequenas diferenças de comunidade para comunidade, por isso a importância reforçada que dou a deste tipo de registo. É possível que amanhã esta ou aquela manifestação não exista ou haja uma maior uniformização. O inventário é o meio de que dispomos para realizarmos leituras espaciais. Para mim o inventário é algo fundamental, apesar de haver quem defenda que está fora de moda.

Não senti, em todas as actividades inerentes ao trabalho de campo, dificuldades. Para isso muito deve ter contribuído a minha experiência profissional e alguma experiência etnográfica adquirida.

Não era muito o tempo que estava em cada comunidade. Logo, para obter toda a informação que desejava, sem cortes significativas nem inibições dos informantes, tinha por hábito apresentar-me, a mim e à minha acompanhante, informava do nome, morada e local de trabalho de ambos. Permitia e favorecia o estabelecimento dos primeiros elos

de identificação comuns (- Ah, mora em Vila Velha! Eu tenho lá uma sobrinha casada? Conhece? / - Então quem é? Onde mora?).

A partir daqui ia-se vencendo a resistência natural inicial e após uns minutos mais apresentava o assunto a que vinha e, o porquê. Tenho sempre a preocupação de esclarecer cabalmente todas as dúvidas e interrogações que me colocam, mesmo as que nada tenham a ver com São Sebastião e eram a sua quase totalidade.

Logo que pressentia o momento propício dava início à recolha de informação.

Ao longo da entrevista o guião servia de base a incursões várias a outros domínios.

O tempo foi a maior, e sem dúvida a mais preocupante, dificuldade que tive que vencer.

Fazer pesquisa bibliográfica, leituras, ir ao terreno recolher elementos e transcrevê-los das cassetes, arrumá-los e finalmente produzir o texto final. Investigar é, em suma, tarefa quase incompatível com prazos como os que devo cumprir.

Do ponto de vista financeiro não foi um trabalho barato, cassetes, pilhas, fotos e respectiva revelação, gasolina para as muitas centenas de quilómetros, alimentação, etc.

Estou consciente que o acto de pesquisar e registar são tarefas sempre muito morosas e geralmente dispendiosas.

Do ponto de vista da arrumação temporal da informação recolhida debati-me com um grande problema que não consegui ultrapassar.

Os vários passados (mais ou menos recentes) surgiam sempre como uma amálgama de dificílima destrinça; todos pareciam projectados sobre um mesmo plano. É natural que isto também tenha a ver com o tipo de fenómenos observados. É que os fenómenos sociais não são caracterizados por uma fiel reprodução e, a existir semelhanças mantêm uma saudável margem de flutuação gerida pelo protagonista. A festa, mesmo que semelhante todos os anos tomava também aspectos particulares em cada ano. Depois, a maior parte das alterações introduzidas na festa não são de um modo radical. A alteração é geralmente introduzida com avanços e recuos. Esta realidade pode ser bem observada quando perguntava, por exemplo, “quando é que se deixou de fazer leilão das varas do andor de São Sebastião?”. A resposta era sempre difícil. Porque, a partir da proibição episcopal do leilão este continuou a realizar-se uns anos por entre outros até definitivamente se instalar a ordem episcopal que o proibia.

Assim, pelas características dos fenómenos sociais e pela multiplicidade dos tempos passados é natural que se observe ou pressinta, ao longo dos vários textos, uma certa “confusão” entre passados mais remotos e passados mais recentes. Mas como quantificar em anos um “d'antes” ou “antigamente”? Pelo tipo de pesquisa (extensiva e não intensiva) que realizei não se tornou possível dicotomizar os passados.

Para além dos aspectos críticos mencionados, observei, numa altura em que se tornava impossível refazê-lo, as grandes limitações do guião utilizado.

O guião está muito pouco perspectivado para a vertente laica da festa. Onde está o profano? Os bailes? A música? O prazer? Onde está o fogo? E o fogueteiro? Elementos tão importantes para a qualificação da festa. Resta-me um dia refazer, a globalidade do trabalho.

Para um trabalho qualitativamente superior seria imprescindível assistir à totalidade destas festas. Obviamente que era tarefa bem difícil para uma única pessoa. Este problema foi parcialmente resolvido com o estudo das comunidades mencionadas. Pessoalmente sou de opinião que para uma melhor caracterização seria importante também o estudo da festa noutras épocas do ano.

Pessoalmente pude assistir às manifestações públicas da festa na Lardosa e à parte final da festa no Louriçal do Campo.

Na parte II apresento, algumas vezes, mais do que uma versão sobre o mesmo facto. Isto porque me parece mais rigoroso referir as versões ouvidas que optar por qualquer delas.

Ao longo dos textos mencionados não se refere, habitualmente, a ausência desta ou daquela prática. Assim, a ausência de menção significa a sua não observação.

Creio estarmos perante um culto sincrético, que nada tem a ver com as lendas douradas que o pretende explicar.

Segundo OLIVEIRA (1984, p.333 e ss.) o culto a São Sebastião não consta nas grandes devoções propostas pela igreja e pelo poder político a partir de 1640. Mesmo que difundido por todo o país é provável que em áreas específicas estivesse mais enraizado.

As festas de São Sebastião, no distrito de Castelo Branco, não conseguem mobilizar a mesma quantidade de pessoas que os santuários marianos, nem ao nível do impacto conseguem com eles rivalizar (LOBO, 1984).

Segundo o Diccionario Geographico de Portugal (Tomo XVIII, p.45 e ss.) São Sebastião terá vivido em Idanha-a-Velha e, segundo a mesma obra, a capela de São Sebastião desta povoação terá sido a primeira a ser erguida em Portugal.

Na capela de São Brás, em Belver (povoação pertencente ao concelho do Gavião) é referido a existência de várias relíquias, uma das quais "o osso de S. Sebastião, única e singularíssima" (FERREIRA, 1984, p.93).

Em toda a área envolvente, à que me propus estudar, dou conta de múltiplos vestígios a São Sebastião.

No caso específico da imagem de São Sebastião a tradição popular não lhe atribui um aparecimento especial ou lendário. Nem há uma íntima ligação a grutas, árvores e campos, ao invés de muitas outras imagens de santos.

Excepto nas lendas, em que São Sebastião aparece referenciado com relativa abundância, na restante tradição oral local (orações, contos, poesia e provérbios etc.) quase não encontrei referências. As poucas encontradas são registadas na II parte deste trabalho.

Registo, ao nível do canto, hinos de louvor na Lardosa, no interior da igreja, antes do início da missa e que as pessoas denominam de chacotas. Em Escalos de Baixo havia prática semelhante, desaparecida entretanto. Os hinos referidos, nesta última povoação, tomavam a designação de alvíssaras.

Para a elaboração deste trabalho contei com a extraordinária colaboração de Mª Anjos Henriques, que além de me acompanhar em todo o trabalho de campo sempre me incentivou nos momentos de cansaço.

Por último, desejo agradecer às várias dezenas de pessoas mencionadas, ou não, e que ao longo do trabalho prestaram a informação recolhida.

Metodologia

Depois da definição do objecto e do território a estudar, iniciei este trabalho por elaborar uma listagem, o mais completa possível, de todos os aglomerados populacionais existentes na área geográfica pré-determinada.

Do inventário obtido, dividido por concelhos e freguesias, tentei saber quais os aglomerados que tinham recinto religioso (capela ou igreja) e posteriormente, ou em simultâneo, saber da existência de recinto religioso próprio de São Sebastião ou simplesmente de figura sacra.

Seguidamente foi feito um levantamento bibliográfico da área e temática em questão, dando sempre tratamento privilegiado a São Sebastião e ao seu culto. Seguiu-se, naturalmente, a leitura da bibliografia seleccionada.

Paralelamente com as actividades mencionadas, ou a mencionar, tentei realizar um conjunto variado de leituras recomendadas de modo a servirem de base a um corpo teórico, tanto quanto possível coeso e unitário, para uma percepção e manejo mais coerente do objecto.

Num tempo posterior abri fichas individuais para todas os aglomerados populacionais que tinham capela ou imagem de São Sebastião.

Nestas fichas individuais fui acumulando dados (bibliográficos e orais) que ia recolhendo (Parte 2).

Para que no final do trabalho pudesse fazer as necessárias comparações era imprescindível que as temáticas e sub-temáticas tratadas não divergissem de comunidade para comunidade. Para isso, e não só, elaborei um guião. Testei-o e conclui ser inadequado. Não respondia minimamente aos objectivos exigidos (Anexo 1, esboço de guião 1). Elaborei, logo após, um segundo que se revelou na prática adaptado à realidade, respondendo às exigências do trabalho de campo (Anexo 1, esboço de guião 2).

Para recolher elementos e conhecer o ponto da situação actual do culto a São Sebastião visitei a totalidade dos aglomerados populacionais de onde tinha recolhido notícia (oral ou bibliográfica) de São Sebastião.

Por motivos profissionais, mas não só (era quando as pessoas tinham maior disponibilidade de tempo), as visitas realizadas eram preferencialmente aos Domingos.

Nas povoações, geralmente, dirigia-me a grupos de pessoas (muitas das vezes sentadas ao sol), apresentava-me, dizia ao que vinha e começava pouco depois a recolher elementos. Como disse, dirigia-me preferencialmente a grupos de pessoas, para não ter que confirmar os dados recolhidos. Porque, logo que um dos informadores não fosse correcto na informação ou a desconhecesse, imediatamente, se levantava a voz do grupo, ou de qualquer outro indivíduo, para esclarecer ou acrescentar. Para economia de tempo e maior fidelidade da recolha de informação utilizei, quase sempre, a gravação em fita magnética.

Nunca, e sublinho nunca, foi manifestada recusa ou pressenti inibição das pessoas contactadas; depois de previamente expor o porquê da utilização do gravador e não somente a escrita.

Para um escasso número de povoações não houve registo gravado por deficiências técnicas; ficou destruída parte da gravação realizada em Sobral do Campo e Alcafozes.

Em breve penso refazer estas gravações. Sempre que possível visitei a capela de São Sebastião e fotografei a imagem.

Numa fase posterior transcrevi o conteúdo das cassetes para papel. Arrumei o material e inseri-o na ficha da localidade a que dizia respeito.

Depois, da amálgama geral (bibliografia geral e específica, problematização, colocação de hipóteses) surgiu o texto final.

Na Parte 2 do trabalho, na descrição das festividades que ocorrem em cada comunidade, pareceu-me que seria mais razoável, por razões de exposição, a divisão da festa em procissão, comissão, perpetuação, etc... do que elaborar apenas texto corrido. Alerto, entretanto, que os parâmetros não são estanques e é possível deparar com informações de uma categoria arrumadas numa outra.

Há excepção na Partida, onde já me havia deslocado, e parcialmente na Lardosa, não realizei trabalho de campo nas comunidades onde os restantes elementos da equipa o fizeram.

Para a elaboração de uma leitura global, obrigatória num trabalho extensivo, distribui (num envelope selado e devidamente endereçado) a um dos elementos de cada uma das restantes equipas o esboço de guião utilizado (Anexo 1, esboço de guião 2) para que me respondessem de modo muito sucinto. Não recebi as respostas relativas a Louriçal do Campo e Almaceda. Logo, quase não contaram para as observações desenvolvidas.

Parte 1

O Sul da Beira Interior – aspectos vários

A Beira que agora apresento posso, “grosso modo”, identificá-la como Beira Alentejana, pelo menos na sua metade oriental. É o campo na expressão de Orlando Ribeiro (RIBEIRO, 1987, p.307).

Nesta metade as amplitudes hipsométricas não são grandes. O granito predomina a norte e o xisto a sul. Os cursos de água mais importantes (Erges, Aravil e Ponsul) são subsidiários do Tejo. Têm um carácter quase pluvial e não têm uma influência significativa na economia da área. Os verões são quentes e secos e os invernos temperados e pouco chuvosos. As amplitudes térmicas durante o ano têm um valor significativo. O território está coberto de montado de sobro e azinho e grandes áreas de olival e eucaliptal.

Na metade ocidental a morfologia é muito irregular predominam as terras de xisto. Os agentes erosivos actuaram aqui de um modo muito acentuado. O rio Ocreza é o curso de água mais importante, corre muito encaixado e, logo assim, pouco útil para as actividades agrícolas. Os solos são esqueléticos e muito pobres. O clima e a temperatura não diferem da parte restante do território, ainda que os coeficientes de humidade sejam superiores. A floresta, à base de pinhal, cobre parte significativa deste território.

A oliveira é uma árvore comum às duas metades e o azeite além de bem alimentar é “sinónimo de capital, igual a moeda” (HENRIQUES, 1992).

Ao longo de toda a pré-história a área que corresponde a estes quatro concelhos teve, pela quantidade e qualidade dos vestígios encontrados, uma intensa ocupação humana.

Os mais importantes vestígios do paleolítico estão juntos dos maiores cursos de água (Tejo e Ponsul). Do neolítico datam centenas de vestígios, de vária ordem (sagrada, funerária e habitacional), alguns com importância a nível europeu. Creio que toda esta região deve ter atingido, nesta época, o seu apogeu.

Do neolítico à chegada dos romanos restam testemunhos de espaços habitacionais, alguns deles podem ser tidos como importantes.

Os romanos ocuparam profusamente esta área, chegando a criar uma importante cidade (*Civitas Igaeditoruni* - Idanha-a-Velha) no seu interior.

Com os romanos surgiu, segundo penso, a base do modelo de exploração actual da terra (pelo menos para a metade oriental desta área).

Com a Reconquista primeiro e com a Independência depois, foi criado na área fronteiriça uma rede relativamente apertada de castelos (Monsanto, Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, Segura, Salvaterra do Extremo, Rosmaninhal, Castelo Brando) de modo a garantir a sobrevivência de um país e evitar as incursões de Espanha.

Proença-a-Nova foi pertença da Ordem dos Hospitalários e os três concelhos restantes de Ordem dos Templários e posteriormente da Ordem de Cristo.

A comunidade judaica instalou-se em toda esta área, principalmente nos dois maiores concelhos (Castelo Branco e Idanha-a-Nova) deixando neles intensos vestígios.

Como do ponto de vista morfológico é uma área muito aberta (parte da região norte e oriental) foi palco ideal de grandes movimentações militares (guerra dos sete anos, invasões francesas, etc.).

O sul de toda esta área foi servido, ao longo da história, pela excelente via de comunicação que foi o rio Teja, no movimento centro-periferia e vice-versa. Desciam o oiro, carvão, azeite, cortiça, minérios, etc. Subiam as ideias novas, os torna-viagem e o sal.

O eixo Castelo Branco - Vila Velha de Ródão foi palco do movimento norte-sul e vice-versa, protagonizado especialmente por viajantes e pela transumância.

Na história recente, Castelo Branco, foi sempre o mais importante centro de decisões e mesmo símbolo do poder, toda esta região gravitava em seu torno.

Nos modos de ser, de estar e na filosofia da vida podem-se encontrar diferenças com alguma importância entre a região oriental e ocidental.

A actividade base de toda esta região era e é a agricultura.

A propriedade é pequena e murada em toda a metade ocidental, grande e aberta em toda a região oriental. Mas tanto de um lado como do outro, a pobreza é semelhante, uns apenas por terem umas courelas de onde sobrevivem. Os restantes por estarem dependentes dos grandes proprietários rurais.

A crise que grassou na actividade agrícola e a falta de perspectivas empurrou esta gente (sobretudo jovens) para a emigração.

A metade ocidental da área em causa reconverteu, há algumas dezenas de anos, parte significativa da sua actividade agrícola para o sector florestal. A metade oriental continua virada, essencialmente, para o sector agro-pastoril. É também aquela que possui melhores potencialidades para estas actividades e nos anos mais recentes está sendo perspectivada para a actividade turística e cinegética.

De toda esta área o único pólo industrial digno desse nome, centra-se no eixo Vila Velha de Ródão-Castelo Branco-Alcains. Sendo o de Castelo Branco o único com vitalidade.

Por isso, Castelo Branco está a atrair a pouca gente nova que se criou nas aldeias. Tornando-se uma cidade cada vez maior, à custa das aldeias destes quatro concelhos.

As práticas industriais tradicionais (cardação, fiação, tecelagem, chapelaria e serração) entraram em colapso total.

Todas as comunidades possuem festa (excepto os aglomerados populacionais muito pequenos que aceitam como sua a mais importante festa da freguesia) ou mesmo várias durante o ano. Há sempre uma festa que sobressai das restantes que corresponde, quase sempre, à do padroeiro da freguesia festejado entre meados de Maio e fins de Setembro seguinte.

As festas que, geralmente, conseguem mobilizar as gentes de uma área maior, não respeitando os limites administrativos, são as romarias dedicadas a uma qualquer Senhora. As suas capelas são sempre fora do aglomerado populacional, em pleno campo, e as mais importantes são a Senhora do Almurtão (Idanha-a-Nova), Senhora da Orada (São Vicente da Beira), Senhora de Mércules (Castelo Branco) e a festa de Santa Cruz (Monsanto), existindo muitas outras secundárias.

De realçar que estas romarias se localizam a norte do paralelo de Castelo Branco e na região oriental da área em estudo.

Não é fácil caracterizar, mesmo em traços gerais, o homem do sul da Beira Interior. Naturalmente que na sua essência não foge ao padrão do “homem português”. Se me fosse pedido para o definir em meia dúzia de palavras caracterizá-lo-ia como folião, extrovertido, religioso, amante do prazer físico, crente no sobrenatural e trabalhador.

Do ponto de vista administrativo, esta área compreende quatro concelhos (Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão) do sul do distrito de Castelo Branco (Fig. 1).

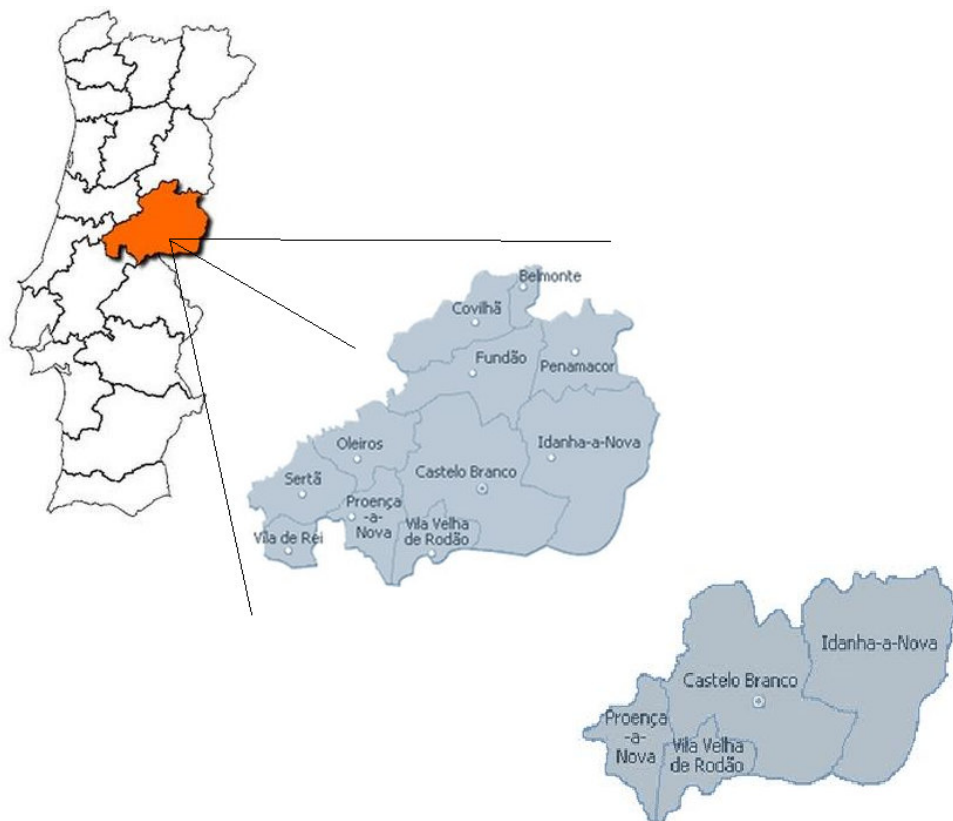



Figura 1. 1 – O distrito de Castelo Branco no contexto nacional; 2 – Malha concelhia do distrito de Castelo Branco; 3 – Os quatro concelhos objecto de estudo.

Como verificamos no quadro I, no que concerne à classificação, temos três municípios rurais e um único urbano (Castelo Branco).

Relativamente à área temos dois grandes concelhos (Castelo Branco e Idanha-a-Nova) com vinte e cinco freguesias e dezassete freguesias, respectivamente, que lhes conferem no *ranking* nacional o terceiro e quarto lugar em extensão e dois pequenos concelhos (Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão com seis e quatro freguesias, respectivamente).

Quadro I Território e organização administrativa

Conselhos	Classificação do Município	Área Km²	Densidade populacional		Número de freguesias
			1981	1991	
Castelo Branco	U1	1440	38.1	37.6	25
Idanha-a-Nova	R2	1414	11.4	10	17
Proença-a-Nova	R3	395	30.3	27	6
Vila Velha de Ródão	R3	328	17.1	14.9	4

Chave: U1 – urbano; R2 – rural 2ª ordem; R3 – rural 3ª ordem

Quadro II Evolução da população concelhia de 1911 a 1991

Concelhos	1911	1930	1950	1970	1981	1991
Castelo Branco	41887	50848	62496	54435	55049	54194
Idanha-a-Nova	26853	27952	32923	20580	15904	14188
Proença-a-Nova	13384	15416	18384	13825	11925	10671
Vila Velha de Ródão	7877	8824	9263	6695	5456	4899

Através do quadro II podemo-nos aperceber da evolução da população ao longo do século XX, nos quatro concelhos mencionados. O que sobressai imediatamente é um crescimento permanente da população, nestes quatro concelhos, desde o início do século XX até à década de 50. A partir do meio do século XX assistiu-se a um movimento inverso. A população diminui de uma forma contínua em todos os quatro concelhos. Esta descida foi de forma mais marcante no período 1950 - 1970 e a partir dos anos 70 de modo menos acentuado.

Chamo a atenção para os casos específicos de Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão que da década de 50 até à de 90 perderam cerca de 50% da população.

Quadro III Percentagem (sobre o total) de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos

Concelhos	1911	1930	1950	1960	1970	1981
Castelo Branco	5.41	6.30	7.20	9.50	14	16.64
Idanha-a-Nova	4.50	5.53	8.10	13.60	18	29.12
Proença-a-Nova	6.14	7.29	7.90	10	14	19.93
Vila Velha de Ródão	5.92	7.17	10.02	13	20	25.74

No quadro III apresento a percentagem de indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos (sobre o total de indivíduos).

Não pude elaborar a coluna relativa a 1991 por inacessibilidade aos dados.

Podemos verificar que ao longo do século, e em todos os concelhos, a percentagem de indivíduos com 65 ou mais anos foi sempre crescente.

Estou certo que os números para 1991 mantêm a tendência verificada (aumento crescente de idosos).

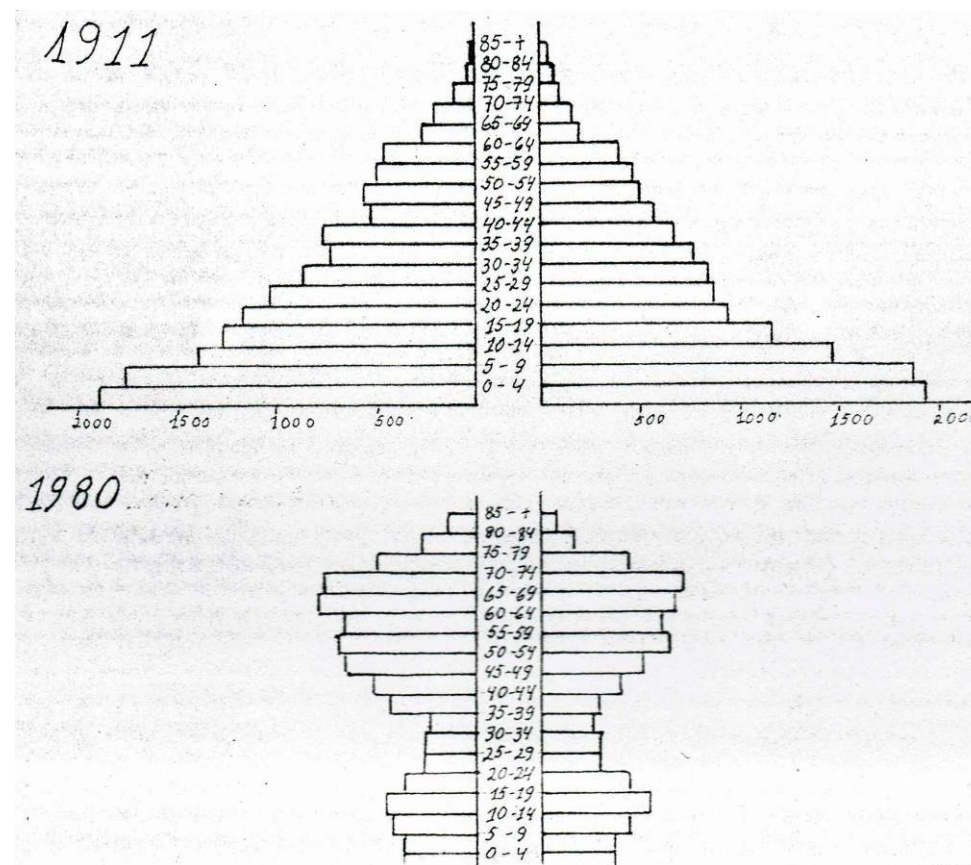
Creio que para Idanha-a-Nova este valor deve ter subido para cifra superior a 33%.

Quadro IV Evolução do índice de envelhecimento ao longo do século XX (superior a 65 anos)

Concelhos	1911	1930	1950	1960	1970	1981
Castelo Branco	26.38	19.50	24.50	36.50	59	87.70
Idanha-a-Nova	11.57	17.17	26.90	53.70	95.20	194.80
Proença-a-Nova	18.07	21.89	21.40	36.10	46.20	99.50
Vila Velha de Ródão	18.27	23.95	39.30	58.20	117	160.10

Relativamente ao índice de envelhecimento (quadro IV) podemos verificar a tendência, sempre crescente, dos concelhos de Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão, a partir de 1911. Ao passo que esta tendência se começou a manifestar em Castelo Branco depois da década de 30.

Chamo a atenção para os números de Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão relativos a 1911 e 1981. Por falta de informação no pude trabalhar os índices para o ano de 1991.

Pirâmides etárias do concelho de Idanha-a-Nova de 1911 e 1981

Elaborei as pirâmides etárias para os quatro concelhos relativas aos anos de 1911 e 1981. No final e devido à sua semelhança de configuração optei por inserir apenas as pirâmides de Idanha-a-Nova.

Pela observação podemos verificar que a pirâmide de 1911 é típica de uma sociedade do antigo regime, onde a natalidade e mortalidade são muito elevadas. A de 1981 é uma

pirâmide típica de um país desenvolvido. Aqui os índices de natalidade e mortalidade são muito baixos.

Quanto aos modelos de povoamento existentes nesta área temos: na parte mais ocidental (todo o concelho de Proença-a-Nova, as freguesias de Fratel e Vila Velha de Ródão do concelho de Ródão e as freguesias de Santo André das Tojeiras e Sarzedas do concelho de Castelo Branco), um grande número de pequenos aglomerados populacionais relativamente próximos uns dos outros; a parte mais oriental possui um povoamento mais concentrado, com povoações de maior tamanho e mais separadas entre si que o modelo anterior.

Toda a população desta área está muito envelhecida especialmente a da parte oriental.

A tendência geral da área consiste na emigração das pessoas do campo para a sede do concelho e especialmente do campo e da sede do concelho para a cidade de Castelo Branco, único grande pólo industrial da região.

Imagem de São Sebastião

Ao longo do trabalho de campo pude observar muitas imagens de São Sebastião de épocas e estilos diversos. A elas não prestarei atenção especial. Porque todas elas são muito semelhantes e diferentes entre si. Não deixo de destacar o detalhe artístico que possui a figura existente em Idanha-a-Nova, a mais bela de São Sebastião desta região que bem contrasta com a imagem, possivelmente renascentista, de Louriçal do Campo.

Em termos descritivos prefiro mencionar os aspectos comuns. Assim, ao nível do tamanho é geralmente uma imagem que não atinge grande altura. Sendo mesmo algumas delas muito pequenas (Louriçal do Campo). O padre local qualifica-a de imagem de oratório. Sou de opinião que o seu tamanho tem mais a ver com a época da sua feitura.

É uma figura seminua, das poucas que a igreja católica venera. Cobrem-lhe os genitais uns calções (figuras mais antiga) ou uma tanga. Está traspassada por um conjunto de setas (cravos) cujo número, nos casos observados, varia entre as cinco e sete.

Uma fita (banda) vermelha atravessa diagonalmente a imagem. Esta fita nem sempre está sobre o santo. Em Segura esta fita era de cor rosa (ANDRADE, 1949, p.155). Desconheço razão para o facto. Nesta região é o único que possuía fita desta cor.

A imagem representa um adulto muito jovem, com o rosto quase alheio ao sofrimento que está vivendo, apresentando mesmo, algumas vezes, um fácies de alegria.

O posicionamento do tronco também não condiz com o sofrimento.

As figuras estão amarradas a um tronco que está na sua parte posterior. As mãos, ou uma delas, estão, muitas vezes, livres dessas amarras.

Em algumas das figuras a imagem de guerreiro é complementada pela presença de elmo na cabeça ou no chão e lança e escudo, no solo.

Para terminar, chamo a atenção especial para a imagem exuberante, quase exibicionista, da figura de São Sebastião existente em Sobral do Campo. A sua face faz-me lembrar Sebastião José Carvalho e Melo (Marquês de Pombal).

Testemunhos públicos de São Sebastião

Início a análise com a inventariação dos testemunhos públicos (imagens, capelas e notícias históricas de capelas ou imagens) de São Sebastião existentes nos concelhos que me propus estudar.

Inventariei trinta e sete imagens (públicas) distribuídas por outros tantos aglomerados populacionais (figura 2). Na observação, superficial, da figura 2 deparamos com uma maior concentração de imagens nas áreas norte dos concelhos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova. Quase que podíamos traçar um arco tendo como limites Almaceda, Salgueiro do Campo, Escalos de Baixo, Mata, Idanha-a-Nova, Alcafozes e Penha Garcia, a norte do qual se verifica uma maior concentração de imagens. A sul do mesmo, em área muito superior, o número de imagens é francamente inferior, além da sua grande dispersão.

Seria importante alargar, numa primeira fase, o levantamento efectuado, para norte dos concelhos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova para verificar a manutenção, ou não, do fenómeno de concentração observado. Para isso havia que alargar a observação para os concelhos do Fundão e Penamacor e outros caso fosse necessário. Depois, julgo que seria de grande utilidade alargar o território da observação à região vizinha de Espanha de modo a poder verificar, ou talvez não, a manutenção dos modelos de distribuição e de outras características identificadas. O alargamento além-fronteiras poderia fornecer bons elementos para o conhecimento das causas gerais de culto a São Sebastião, numa perspectiva histórica.

Uma das causas possíveis para uma tão forte concentração do culto de São Sebastião a norte de Castelo Branco, mais propriamente no interior do arco proposto, penso que esteja ligada com causas demográficas.

Quadro 1 Comunidades com culto ou vestígios de culto a São Sebastião

Concelho de Castelo Branco	Concelho de Idanha-a-Nova
Alcains	Alcafozes
Almaceda	Aldeia Santa Margarida
Benquerenças	Idanha-a-Nova
Castelo Branco	Idanha-a-Velha
Escalos de Baixo	Medelim
Escalos de Cima	Monsanto
Freixial do Campo	Penha Garcia
Lardosa	Proença-a-Velha
Louriçal do Campo	Salvaterra do Extremo
Lousa	São Miguel de Acha
Mata	Segura
Partida	Rosmaninhal
Póvoa Rio de Moinhos	Zebreira
Salgueiro do Campo	
São Vicente da Beira	
Sarzedas	
Sobral do Campo	
Tinalhas	

Concelho de Proença-a-Nova	Concelho de Vila Velha de Ródão
Lameira de Ordem	Fratel
Proença-a-Nova	Sarnadas de Ródão
Sobreira Formosa	Vila Velha de Ródão

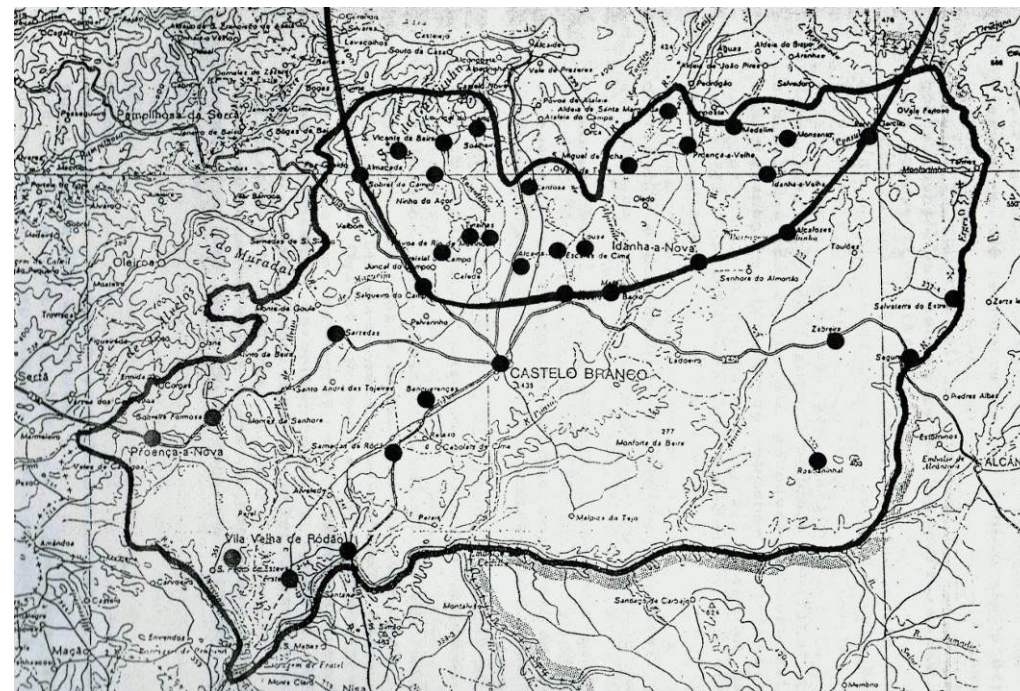



Figura 2. Aglomerados populacionais com fortes testemunhos de São Sebastião.

Pela observação da figura 2 podemos verificar que o culto a São Sebastião se instala em povoações bem estruturadas, com tamanho e número de pessoas razoável, mesmo no exterior do arco referido. Alguns destes lugares chegaram mesmo a ser sedes de concelho até às reformas administrativas do século XIX.

Tivemos oportunidade de observar, grosso modo, quão distinto é o povoamento da região ocidental, da área em estudo, da região oriental. O povoamento na primeira área (ver anexo 1), que compreende todo o concelho de Proença-a-Nova, as freguesias de Fratel e V.V. de Ródão do concelho de Vila Velha de Ródão e as freguesias de Sarzedas e de Santo André das Tojeiras do concelho de Castelo Branco, é caracterizado por uma dispersão acentuada do povoamento. As aldeias são em grande número, de reduzidas dimensões e com poucas pessoas em cada uma. A área oriental é caracterizada por escasso número de aglomerados populacionais, quase todos eles bem estruturados, de tamanho razoável e com um número de habitantes que chegou a ser elevado.

Os principais aglomerados populacionais agora existentes a norte de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova, parecem corresponder a povoações que desde os séculos XV-XVI possuem tamanho razoável, para a época e para a área, além de estarem munidas de estruturas sociopolíticas suficientemente estáveis.

A sul do arco referido todas as povoações que obedecem às características anteriores têm, ou tiveram, culto a São Sebastião.

Ao longo do trabalho inventariei vinte e cinco capelas cujo orago é São Sebastião.

Dos vinte e cinco recintos de culto inventariados seis encontram-se completamente destruídos. A dois destes monumentos apenas encontrei referências bibliográficas (Castelo Branco e Alcains). Os restantes perduram na memória da população local (Penha Garcia, Proença-a-Velha, Tinalhas e Vila Velha de Ródão). Resta-nos dezanove capelas erguidas a São Sebastião.

Destes monumentos três não estão ocupados pela figura sacra: ou porque a capela se transformou em museu (Idanha-a-Velha), ou porque está algumas centenas de metros fora da povoação e a população receia o roubo da imagem (Sarzedas), ou por a capela necessitar de obras (Aldeia Santa Margarida).

O costume, de velar o morto fora da sua residência chegou às nossas aldeias. Das obras prometidas, pelas Juntas de Freguesias ou por uma qualquer comissão de melhoramentos, nunca estão excluídos um centro de dia e uma capela mortuária. Para este fim deparamos com um reaproveitamento da capela de São Sebastião. São muitos os locais (Fratel, Freixial do Campo, Lousa, Partida, Póvoa Rio de Moinhos, Proença-a-Nova, Sobreira Formosa) que optaram por adaptar este recinto religioso a capela mortuária.

Creio que este tipo de reaproveitamento tem a ver com a introdução de novos valores, como a desdomesticação da morte, que a cidade vai introduzindo na comunidade rural. Assim a capela de São Sebastião torna-se um lugar ideal. Primeiro por ser um culto que em muitas comunidades está pouco activo. Depois, a localização da capela ao nível da rede urbana, quase sempre na sua margem (tentativa consumada de afastar, cada vez mais, a morte do pé da porta). Do ponto de vista financeiro também se torna menos oneroso adaptar uma capela existente do que construir uma de raiz. Paralelamente, e não menos importante, há que ter em conta a sacralidade do lugar e uma capela é um lugar sagrado por excelência. A comunidade consegue conciliar ambas as funções da capela.

Quadro 2 Listagem das capelas a São Sebastião existentes, ou destruídas, nos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Rodão

Concelho de Castelo Branco	**Concelho de Idanha-a-Nova**
Alcains	Aldeia Santa Margarida
Castelo Branco	Idanha-a-Velha
Escalos de Baixo	Medelim
Lardosa	Monsanto
Louriçal do Campo	Penha Garcia
Lousa	Proença-a-Velha
Partida	São Miguel de Acha
Póvoa Rio de Moinhos	Segura
Salgueiro do Campo	Zebreira
São Vicente da Beira	
Sarzedas	
Tinalhas	

Concelho de Proença-a-Nova	**Concelho de Vila Velha de Ródão**
Proença-a-Nova	Fratel
Sobreira Formosa	Vila Velha de Ródão

Ao longo do trabalho conheci a localização de quase todas as capelas do Mártir Santo, mesmo das destruídas. Digo quase todas porque não consegui conhecer a de Alcains. Posso adiantar que não tive conhecimento de capelas afastadas dos aglomerados populacionais.

A capela de São Sebastião estaria, à altura da sua construção, no limite urbanizado da povoação, ou muito perto dele e sempre ao lado de uma importante via de comunicação. Este facto é verificável em muitíssimas situações (V.V. Ródão, Sobral do Campo, Lardosa, Segura, Proença-a-Nova, Fratel, Aldeia de Santa Margarida, etc. etc.).

Noutros casos a capela foi engolida pela malha urbana (Zebreira, Sobreira Formosa, Salgueiro do Campo, Póvoa Rio de Moinhos etc.).

Porquê implantar todas as capelas a São Sebastião no aro envolvente das povoações e sempre ao lado de uma importante via de comunicação?

Vejamos o que diz ESPÍRITO SANTO (1988) na pág. 179 "As suas capelas encontram-se geralmente (as que encontrámos estão todas) à entrada das povoações, talvez por ele ser invocado contra a peste, talvez (porque é «santo máximo») como sinal de reconhecimento para os transeuntes iniciados em certos segredos. O culto português do santo aponta para uma religião criptojudaica".

Creio também que uma das principais razões pode estar relacionada com a função protectora de São Sebastião. Punham-no à entrada da povoação para servir de sentinela, para guardar a povoação da fome, da peste (doença) e da guerra que para a época da implantação da capela, naquele lugar, eram os três mais importantes inimigos da longevidade humana. Assim, a capela à entrada da povoação e à beira de uma importante via protegia a comunidade do mal que se preparava para entrar, esconjurava o mal à entrada. Era como que uma primeira muralha protectora da comunidade. Estava por isso fora de muros, em comunidades amuralhadas (Castelo Branco, Idanha-a-Velha, Penha Garcia, Monsanto, etc.).

A figura 3 informa-nos, de um modo rápido, dos locais onde São Sebastião está em igreja ou em capela, quase sempre na sua. Há excepções, como em Rosmaninhal que está na capela da Misericórdia e em Penha Garcia que está na capela do Espírito Santo.

O santo em questão pertence de raiz à igreja matriz (Mata, Benquerenças, Sarnadas de Ródão, Almaceda) ou foi para lá levado por ruína da sua capela. Nem sempre o santo está exposto na nave ou no altar-mor (Proença-a-Velha, Castelo Branco). Uma figura não exposta é geralmente, uma figura não cultuada.

Na área desta intervenção e ao nível da denominação preferencial duas únicas povoações designam São Sebastião pelo seu próprio nome (Medelim e Proença-a-Nova). Em todos os outros locais surge a designação preferencial de Mártir Santo Bendito (Alcafozes, Lousa, Mata); de Mártir Santo (Escalos de Baixo, Escalos de Cima e Aldeia de Santa Margarida); de Mártir São Sebastião que é de longe a designação mais difundida (Alcains, Almaceda, Benquerenças, Fratel, Freixial do Campo, Partida, Póvoa Rio de Moinhos, Salgueiro do Campo, São Miguel de Acha, São Vicente da Beira, Sarnadas de Ródão, Sarzedas, Sobreira Formosa, Tinalhas e Zebreira). Em muitas ocasiões ouvimos unicamente a designação de Mártir.

Moisés Espírito Santo é de opinião que a substituição do nome por um circunlóquio significa a proibição de pronunciar o nome próprio "...por ele indicar a própria essência de Deus" (ESPÍRITO SANTO, 1988, p.112).

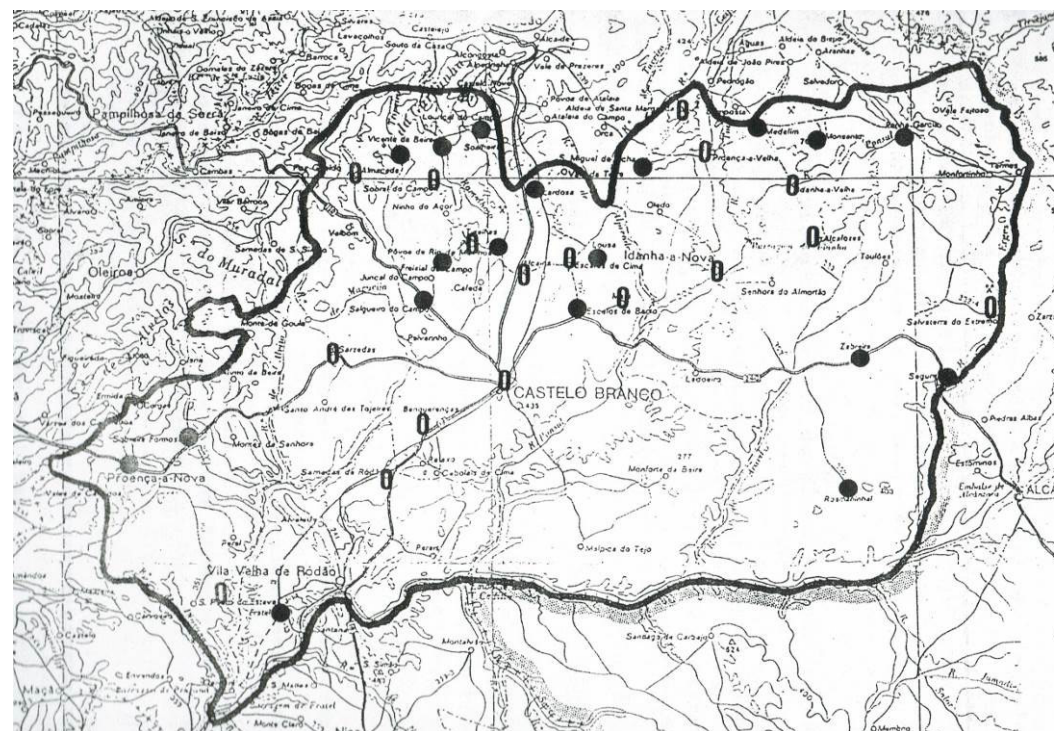



Figura 3. Locais onde se encontra a imagem de São Sebastião. **0** Igreja ● Capela

Festa

Como podemos ver na figura 4 a maior densidade de festas existentes no norte dos concelhos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova corresponde a uma maior densidade de vestígios públicos de São Sebastião.

Presentemente, em toda a área sul e oeste da intervenção, existe apenas festa em Sobreira Formosa e Sarnadas de Ródão.

De uma leitura simples e rápida do quadro 3 concluímos que 50% das festas inventariadas se realizam em Janeiro; 25% em Agosto e os restantes 25% distribuem-se pelos meses de Fevereiro (duas), Maio (uma) e Setembro (quatro).

Quadro 3 Distribuição das festas de São Sebastião pelos meses da sua realização

Janeiro	Fevereiro	Maio
Alcafozes (1)	Freixial do Campo	Lardosa
Alcains	São Vicente da Beira	
Almaceda		
Lardosa		
Louriçal do Campo		
Medelim *		
Partida		
Proença-a-Nova *		
Salgueiro do Campo		
São Miguel de Acha		
Segura		
Sobreira Formosa		
Sarzedas * (6)		
Zebreira		

* Festas que já não se realizam.

(1) Originalmente em Fevereiro.

Agosto	Setembro
Aldeia Santa Margarida	Escalos de Cima *
Escalos de Baixo (2)	Monsanto
Idanha-a-Velha *	Sarnadas de Ródão
Lousa * (3)	Tinalhas
Mata (4)	
Póvoa Rio de Moinhos (5)	
Sobral do Campo	

(2) Originalmente em Maio.

(3) Originalmente em Setembro.

(4) Originalmente em Setembro.

(5) Originalmente em Outubro.

(6) Originalmente em Setembro.

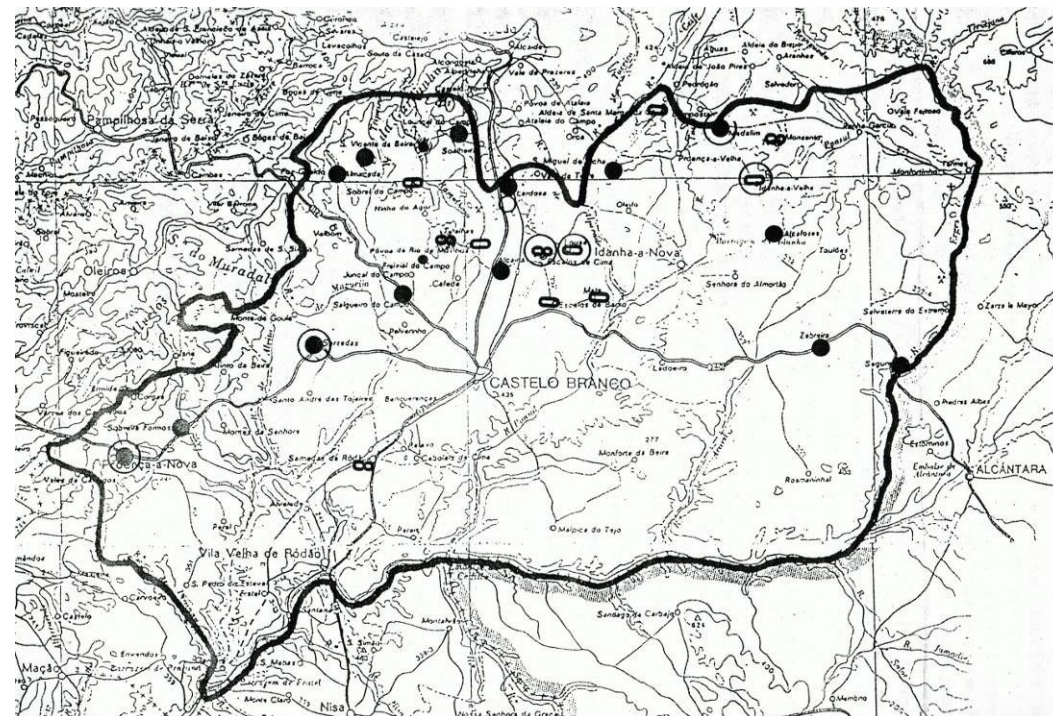
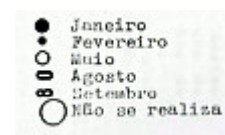



Figura 4. Distribuição das festas de São Sebastião ao longo do ano

Entretanto, ao longo das últimas décadas houve alterações nas datas originais da festa.

Assim, a festa de São Sebastião de Alcafozes, que se realizava em Fevereiro passou a realizar-se em Janeiro. A dos Escalos de Baixo transferiram-na de Maio para Agosto. As festas de Mata e Lousa transferiram nas de Setembro para Agosto. A festa de Sarzedas foi transferida de Setembro para Janeiro. Por último, a festa da Póvoa Rio de Moinhos foi transferida de Outubro para Agosto.

De significativo o que podemos observar nestas alterações é a transferência de festas para o mês de Agosto (Escalos de Baixo, Lousa, Mata e Póvoa Rio de Moinhos), devido à presença de maior número de sujeitos na comunidade.

Numa escala menor deparamos com outras alterações nas datas originais das festas e, desta vez, atingindo um número bem superior. Estas alterações atingem as festividades que se realizavam no dia de São Sebastião e foram transferidas para o fim-de-semana anterior ou posterior ao dia 20 de Janeiro, quando a data não coincide com um fim-de-semana.

Creio que estas alterações visam essencialmente dois objectivos. O primeiro tem a ver com uma maior participação das pessoas. O segundo está directamente relacionado com o primeiro, visa a perpetuação da própria festa, porque ela só existe, naturalmente, enquanto houver participação popular.

É sobejamente conhecido que uma festa ao fim de semana, quando as pessoas não estão ocupadas na sua actividade profissional, tem probabilidade de uma maior adesão popular que nos restantes dias da semana.

A sociedade contemporânea reduziu o número de festividades e concentrou-as em dias e épocas bem definidas. Salvo se o motivo ou figura possui impacto e dinamismo suficiente para mobilizar as gentes para qualquer outro dia da semana ou época do ano.

Na região Norte/Oriental, onde o tipo de povoamento é diferente da região Ocidental, é observável a profusão de manifestações em torno de São Sebastião.

Pela observação e análise das figuras 2 e 3 podemos concluir que São Sebastião, e a respectiva festa, se instalou apenas em aglomerados populacionais com alguma dimensão (sedes de concelho actuais ou do passado e sedes de freguesia).

A festa aparece assim emergir e manter-se enquanto o grupo social tiver energia suficiente para a produzir. Creio ser esta uma das principais razões para explicar o tipo de distribuição da festa de São Sebastião.

As festas de São Sebastião realizadas no Inverno parecem ser festas mais voltadas para a própria comunidade. Ainda que algumas delas tenham tido uma vertente de extroversão, catalisadoras de comunidades vizinhas muito próximas (Louriçal do Campo, Sobreira Formosa, etc.), a sua grande maioria revê-se na introversão como me diz o meu informante de Lardosa "A festa de Janeiro é uma festa mais íntima".

Em resumo, para a criação e manutenção de uma festa é imprescindível que haja um número suficiente e relativamente concentrado de indivíduos na "flor da iddade".

Para a manutenção da festa de São Sebastião foram utilizados dois artifícios. O primeiro foi a junção da festividade em causa com uma outra, de modo a criar uma maior dinâmica social. O segundo foi a transferência da data para dias ou épocas do ano mais propícias.

Lugar físico da festa

As actividades ligadas à festa de São Sebastião são, na maioria das localidades, preferencialmente na área adjacente à capela ou igreja matriz, conforme a imagem se encontra num ou noutro local.

As capelas têm, na sua maioria, um espaço envolvente apropriado para o desenvolvimento das actividades festivas, que muitas vezes não é mais que a via que lhe passa à porta, uma bifurcação de ruas, etc. Quando este espaço não existe, ou é exíguo, a figura vai para a matriz (não sendo esta a única razão) à porta da qual a festa se realiza. Quando o santo está na igreja a festa desenvolve-se no adro, mesmo que as outras festas se realizem noutro lugar (Sobral do Campo).

Recentemente algumas associações de festas, de melhoramentos ou juntas de freguesias construíram recintos apropriados para actividades festivas (Tinalhas, Sarnadas de Ródão, etc.).

A área envolvente do recinto religioso é o local referencial por excelência, com a realização da procissão, lançamento de foguetes, latada, fogo-de-artifício, etc., mas a festa, do ponto de vista espacial, acabam por abarcar toda a povoação. A festa acaba por realizar-se em toda a aldeia; e toda a aldeia, de um modo ou de outro, está envolvida (festeiros, mordomos, licitador num lance do leilão, cumprimento de um voto, participação na missa, na procissão ou no arraial, doador de dinheiro ou bem, etc.).

É certo que um conjunto de indivíduos se encarrega de movimentar a máquina, de mobilizar e condensar as energias, no fundo a festa é de uma à outra ponta da povoação e de todos os habitantes.

Jogo do galo

Associada à festa do Mártir Santo surge um jogo que mais pela sua curiosidade e importância, do que pela sua difusão, vale a pena referir - é o jogo do galo.

Das vinte e oito localidades inventariadas com manifestações festivas a São Sebastião, apenas em quatro há referências ao jogo do galo [Louriçal do Campo (DIAS, 1966), Segura (ANDRADE, 1949), Tinalhas e Zebreira]. Actualmente é possível observá-lo em Segura ligado ao culto de Santa Marina. Os autores e os informantes que o conheceram são unânimes em reconhece-lo como "bárbaro" o que terá apressado o seu desaparecimento.

Curiosa foi a tentativa fracassada de substituição do galo, operada em Tinalhas, por uma laranja pendurada.

Além da parte lúdica do jogo[1], nos tempos mais recentes era utilizado para angariação de fundos para a festa. O galo não era leiloado, mas cada pedra ou conjunto de pedras arremessadas custava dinheiro.

O galo passaria a ser propriedade de quem o matasse.

Aqui chegado gostaria de apresentar duas interpretações para o jogo do galo. A primeira tem a ver com a analogia entre o martírio sofrido por São Sebastião e o do galo, em ambos os casos doloroso, penoso e até à morte.

A segunda tem a ver com a morte do galo tida como sacrifício ritual de um animal "sagrado". O galo nesta circunstância seria como que o portador de uma energia vital passível de ser captada pela comunidade.

Mata-se o animal para que a sua energia vital possa passar, ser utilizada e difundida pela comunidade com o objectivo de lidar com o sobrenatural.

Além do galo, o porco é outro animal associado ao culto de São Sebastião. Assim temos o o galo vinculado ao céu, porque voa, e o porco vinculado com a terra.

Lendas

Há locais, no Sul da Beira, que justificam a capela de São Sebastião com uma lenda etiológica, na qual a figura deste santo surge como protagonista, com funções de protector.

Desta lenda há duas variantes. A primeira tem a ver com o afastamento ou destruição de uma nuvem de gafanhotos, tão grande e densa que encobria o sol, que invadiu os termos agrícolas da povoação [Aldeia de Santa Margarida, Lardosa, Tinalhas (MOURA, 1992, p.17, 25, 32)].

A segunda versão relata-nos a intervenção do Mártir São Sebastião que quando solicitado pela população afastou milagrosamente o exército napoleónico da aldeia de Escalos de Baixo (DIAS, 1966, p.31-34).

[1] Outrora, no Louriçal do Campo, eram somente os pastores que arremessavam pedras. Estou certo que eram também os mais hábeis da população, até por exigências profissionais.

Da acção milagrosa de São Sebastião resultou, fruto de promessa ao santo, a construção de uma capela (Lardosa). Esta capela foi construída no lugar onde os gafanhotos que destruíam as culturas da povoação vieram morrer.

Nos outros locais a promessa foi cumprida através do voto de uma festa anual (Aldeia Santa Margarida, onde os gafanhotos se vieram colar à capela para morrer ou Tinalhas e Escalos de Baixo) que até pode ser "fora de tempo" (Aldeia Santa Margarida).

As lendas que justificam a construção da capela ou da festa do Mártir não se confinam aos limites geográficos da área em questão.

Do ponto de vista lendário a protecção de São Sebastião pode alargar-se ao impedimento da propagação de epidemias [Janeiras de Cima (MOURA, 1992, p.25)].

Podemos ver assim São Sebastião como figura protectora contra a guerra, contra a fome (lendas que envolvam gafanhotos) e contra a peste (epidemias).

Lendas semelhantes às recolhidas para São Sebastião, só que com outros santos como protagonistas, são conhecidas para o Sul da Beira Interior (Lousa, Senhora dos Altos Céus; Alcains, Nossa Senhora e São Pedro).

Segundo ESPÍRITO SANTO (1988, p.81) os gafanhotos não representam, no sul da Beira Interior, preocupações reais da população residente "...A nuvem de gafanhotos é uma ameaça de que Yaveh lança permanentemente pela boca do profeta em razão do não cumprimento da promessa." Os "«gafalhotos» hebraicos e beirões devem entender-se como em sentido figurado."

"Vê-se que a ameaça dos «gafalhotos» se refere a vários perigos: julgamento divino e fim do mundo, fome, invasão inimiga, desonra, abandono…".

Música, foguetes e vinho

Ao falar-se de festa tem-se que falar, obrigatoriamente, nos elementos que tornam uma manifestação festiva em festa rija. Mas tanto hoje, como ontem, estes elementos interaccionam-se e variam.

Um dos principais elementos que caracterizavam e caracterizam qualitativamente uma festa é a presença de pessoas.

A adesão popular é indispensável. Que valia ter três bandas, fogo de artifício ou outras atracções sem a participação da restante aldeia ou das povoações do seu aro?

Para uma forte participação da população deveria ter a festa chamariz, atracções, senão não passaria de um simples convívio.

A música, para esta apreciação, é um elemento imprescindível. Festa sem música não era festa. A música era uma banda da região que além da comida e bebida oferecida pela comissão, que os contratava, ou restante população, recebia um valor monetário pouco significativo e muitas vezes quase simbólico. Uma festa forte chegava a ter três bandas de música e bombos, que além de colaborarem na procissão a tocar, alegravam o arraial, muitas vezes ao desafio entre si. Mais recentemente as bandas colaboram unicamente na procissão sendo o arraial abrilhantado por aparelhagens e mais recentemente por conjuntos de música ligeira que podem, ou não, acompanhar artistas populares. É o excesso de ruído. É a êxtase para os ouvidos.

Outro elemento muito importante é o fogo. Aqui fogo são os foguetes, a latada (fogo preso, fogo de artifício) o castelo. Quantas vezes ouvimos dizer aos nossos informantes em tom de lamento, ou de comparação, a expressão "nem fogo havia" ou "depois é que começou a haver fogo".

Muitas vezes é com o fogo que se assinala e transmite à restante população o andamento da festa (início e fim da missa, saída da procissão, passagem da procissão em determinado lugar, etc.) e a chegada esperada de qualquer elemento importante.

O fogo marcava a diferença dos outros dias. Sacudia a pacatez da aldeia. O tracejado do fogo na noite, o estrondo, a dança de cores, o medo das crianças e mulheres, a corrida da rapaziada a apanhar as canas, o espanto dos homens eram motivos, mais que suficientes, para um êxtase colectivo.

O fogo era, como dissemos, um dos elementos de comparação mais importantes. Com ele avalia-se a festa deste ano e compara-se com a do ano passado e com, as restantes deste ano. À vontade dos festeiros os foguetes deviam dar um estrondo mais seco e maior em cada festa e em cada ano, que os da aldeia vizinha, sua rival. Porque era importante que o fogo se ouvisse, e bem, nas comunidades vizinhas. Uma festa cujos foguetes não se fizessem ouvir em todo o redor algumas léguas nem era festa nem era nada.

O fogo e a música em qualidade e quantidade eram os verdadeiros sinais da riqueza da festa e da própria aldeia.

Uma comunidade também se revia no fogo e na música da festa que apresentava, aos seus e aos visitantes.

Não pode haver festas sem vinho. O excesso de álcool, pelo menos publicamente, é um privilégio dos homens. Bebe-se muito. Exagera-se. O vinho, independentemente da origem (comprado, oferecido) não pode faltar. "Antes cair um santo do altar abaixo".

A festa, a mordomia, a própria aldeia ficaria mal vista por todos. Dar-se-ia posteriormente como exemplo de marco negativo.

A inibição desvanece-se com o álcool. E ao fim de poucas horas conversa-se melhor; faz-se e diz-se o que até aí não se fazia nem se dizia. Ampliam-se as amizades. Pede-se namoro ou namorisca-se mais ousadamente. Dança-se.

É a êxtase dos sentidos.

Se durante o ano o vinho faltou em muitos lares, hoje não pode faltar. A comida puxa-o. Come-se melhor e reforçado. E, mesmo que a carne seja escassa nos restantes dias, em dia de festa, todos comem "até lhe chegar com o dedo". É a carne do porco que se matou há pouco ou a "carne fresca" de cabra ou ovelha, maninha ou marruda.

A festa acaba por ser a descarga violenta das energias sociais acumuladas. É a vertigem dos sentidos.

Festa religiosa

Não há festa religiosa que não tenha a imprescindível missa. Para São Sebastião a missa, ou missa e procissão, são elementos comuns a todas as festividades, da forma mais simples à mais complexa.

Relativamente ao número de padres que participam nas manifestações religiosas da festa temos locais onde apenas participa o padre da paróquia, actualmente são a maioria, e locais em que participa o padre da paróquia auxiliado por outros (Partida, Póvoa Rio Moinhos, Aldeia Santa Margarida, Mata, Freixial do Campo, etc.)

Ao sermão prestava-se uma atenção especial. Convinha contratar um bom orador. Lembramos que estamos perante uma sociedade rural onde a oralidade era primordial.

O padre, ou um dos padres, que vinha de fora da paróquia quase sempre era responsável pelo sermão. E, naturalmente, fazia-se pagar pelos seus serviços.

Só se pagavam os serviços eclesiásticos quando o dinheiro recolhido, através do santo, revertia a favor da comissão. Nalgumas situações a comissão ajustava com o padre da terra a globalidade do serviço religioso e finda a festa entregava-se-lhe o valor pré-estabelecido. Mesmo que houvesse padres de fora era com o da terra que se fazia negócio. Noutras situações era a comissão que falava/contratava o padre de fora da

paróquia e o pagamento era-lhe feito directamente. Não era tido como um serviço barato.

Há que ter em conta que a qualidade de uma festa era, também, directamente proporcional ao número de padres participantes.

Do sermão constava inevitavelmente a história do santo e uma pequena prática alusiva.

No final da missa realizava-se a procissão. Nalgumas aldeias onde o culto a São Sebastião está em plena decadência nem procissão se realiza (São Miguel de Acha, Proença-a-Nova, etc.).

A procissão percorre as principais ruas da povoação. Actualmente a aldeia de Mata é a única excepção onde, com a transferência da data da festa de Setembro para o dia seguinte da festa de Santa Margarida (Agosto), o padre deliberou que a procissão de Santa Margarida dê volta a meia aldeia e a procissão de São Sebastião, no outro dia, dê volta à parte restante.

No interior da povoação o percurso da procissão é sempre contrário aos ponteiros do relógio, excepto nas localidades de Sarzedas, São Miguel de Acha e Póvoa Rio de Moinhos (?) em que há notícia de seguir o sentido dos ponteiros do relógio. Chamo a atenção para a procissão do Enterro do Senhor na Zebreira que é, igualmente, em sentido retrógrado.

Quando a festa tem manifestações em mais que uma data (Lardosa e Partida) a procissão só se realiza numa única ocasião (Lardosa).

A procissão é geralmente aberta pelos guiões, bandeiras ou simplesmente um crucifixo. Seguem-se duas filas paralelas de homens e na sua retaguarda as mulheres e crianças, com a mesma disposição. Actualmente quebrou-se um pouco esta ordem e homens e mulheres misturam-se.

As bandeiras, ou figuras sacras acompanhantes distribuem-se ao longo da procissão, no interior das filas paralelas. São Sebastião é sempre a última figura (lugar de honra) no dia da sua festividade. Excepto na Aldeia de Santa Margarida onde é o penúltimo, sob o argumento de que “acima do Mártir está ainda nossa Senhora”. O padre vai sob o pálio ou junto da última imagem. A banda fecha a procissão.

A procissão é organizada e disciplinada por um grupo ligado à igreja ou por um grupo de indivíduos mais directamente ligado à sociedade laica. Algumas vezes um e outro grupo colaboram simultaneamente. No primeiro grupo de pessoas o padre surge como responsável pela organização e vigilância da procissão (Mata); o padre e a comissão religiosa ligada à capela (Salgueiro do Campo); o sacristão e homens da confraria, que nem é de São Sebastião (São Miguel de Acha e Sarzedas). No segundo caso aparece-nos o regedor e a comissão de festas (Aldeia de Santa Margarida); unicamente os festeiros (Escalos de Baixo, Partida, Póvoa Rio Moinhos, Proença-a-Nova).

Noutro conjunto de povoações o grupo laico colabora com o grupo religioso e vice-versa (Freixial do Campo, Tinalhas, Lardosa).

A preparação do andor e da imagem, para a procissão, era e é uma tarefa unicamente feminina. Nalguns casos esta tarefa é atribuída às mulheres que vivam mais ligadas à igreja (Tinalhas, Sobral do Campo, Segura, Aldeia Santa Margarida). Noutras situações são as mulheres que estão directa (Zebreira) e indirectamente (Partida) ligadas à organização da própria festa. Na Zebreira e no Freixial existe a preocupação de serem as raparigas novas.

Num grande conjunto de casos não há referência a flores e cores especiais para a decoração do andor (Tinalhas. Sobreira Formosa, Salgueiro do Campo, Freixial do Campo, etc.). Noutras localidades predominam as flores de cor vermelha (Zebreira, São Vicente da Beira, Partida, Escalos de Baixo). Exceptuando a Partida, não há flores naturais de tipo específico para a decoração do andor. Nesta localidade predomina o cravo que é uma flor essencialmente identificada com o adulto masculino jovem (HENRIQUES, 1992).

Na Aldeia de Santa Margarida e nos Escalos de Baixo a decoração do andor é feita com flores de papel. Na última povoação mencionada há uma grande preocupação com a decoração do andor. Assim, as flores de papel que decoram os quatro cantos do andor possuem configuração cónica e são oriundas de Braga, onde são encomendadas com cerca de um ano de antecedência.

Não poderei deixar de mencionar a preparação da imagem para a procissão. Na Sobreira Formosa é lavada com vinho branco e na Zebreira as mordomas chegam-lhe a pintar as unhas, com verniz vermelho e limpá-lo com “Drabi” para brilhar.

Naturalmente que não tem havido sempre o mesmo critério de selecção das pessoas para o transporte do andor de São Sebastião. Evoluiu com o tempo e as circunstâncias sociais como a guerra, proibição episcopal do leilão do andor, a falta de elementos masculinos novos, etc. Seguidamente descreverei o essencial dos critérios que nas várias comunidades, imperam para seleccionar os indivíduos que levam o andor de São Sebastião na procissão da sua festa.

No passado, e até há poucos anos, eram os homens, geralmente jovens e solteiros, que transportavam a figura de São Sebastião na procissão. Presentemente, com a falta de voluntários masculinos não é raro recorrerem a elementos femininos.

Como se encontram os personagens para o levar? Havia naturalmente várias fórmulas. Cada comunidade tinha a sua prática que não era única e que se foi alterando com o tempo e as necessidades. Assim, antes da Guerra do Ultramar uma das fórmulas mais frequentes era o leilão das varas do andor ou da "perna do santo" como também se dizia, simultaneamente leiloava-se o guião e as bandeiras, se as havia.

O leilão era feito no final da missa, à porta da igreja ou da capela. Um elemento da comissão de festas responsabilizava-se por ele. Podia haver situações em que um único indivíduo arrematava as quatro varas do andor. Depois atribuía as varas a quem desejasse, quase sempre a familiares.

Devido a proibição episcopal o leilão do andor raramente se observa (Partida e Benquerença).

Por altura da Guerra do Ultramar e devido à ligação do santo com a guerra, era em muitas localidades (Lardosa, Lousa, Mata, Segura, etc.) levado por soldados fardados, quase sempre após o seu regresso com saúde.

Noutro grupo de povoações era levado por jovens que tinham ido ou iriam à inspecção militar (Escalos de Cima, Freixial do Campo, Proença-a-Nova, Salgueiro do Campo). Lembro que a inspecção militar tinha aqui a função de rito de passagem (entrada no grupo dos homens). Nalguns locais São Sebastião é levado na procissão por quem prometeu levá-lo (Sarnadas, Sarzedas e Escalos de Baixo) para isso o interessado deve contactar previamente a comissão de festas.

Caso curioso é o da Zebreira em que o santo é levado por rapazes "conhecidos" das raparigas mordomas. Este "conhecido" é sinónimo, muitas vezes, de namorado ou de candidato a namorado.

Nas linhas que se seguem irei tentar abordar o lugar onde o devoto deixa a oferta em dinheiro ao santo, a sua motivação, a propriedade deste dinheiro e conflitos não resolvidos entre o grupo religioso e o grupo laico da organização da festa, para a posse deste dinheiro.

Contrariamente às orientações oficiais da igreja os devotos continuam a colocar as dádivas em dinheiro, fruto geralmente de promessa, sobre as vestes do santo. Porque, além do fim a que se destina são também um acto de exibição. Muitas vezes a pessoa pode cumprir a sua promessa antes ou depois da procissão; mas não o faz. Prefere fazê-lo em plena procissão. O devoto pede então aos homens que transportam o andor que parem, manda baixar o santo e prega-lhe o dinheiro. É que na procissão todo este ritual tem um número muito superior de espectadores do que num canto, meio obscurecido, de uma qualquer capela ou igreja. Na procissão toda a gente fica sabendo quem dá e o que dá. Penso ser este acto mais preparado para o espectáculo e exibição do que para a necessidade de testemunhas.

Na maioria das localidades (Sarnadas, Segura, Sobral do Campo, Tinalhas, São Miguel de Acha, etc.) o dinheiro é espetado com um alfinete na fita vermelha que atravessa diagonalmente o santo. Posso referir o insucesso da tentativa de levar os devotos a depositar o dinheiro em dois sacos que acompanhavam o santo na procissão (Escalos de Baixo).

Num grupo restrito de locais as ofertas ao santo são depositadas numa bandeja ou num açafate (Póvoa Rio Moinhos, São Vicente da Beira, Sarzedas, Sobreira Formosa).

O destino final das dádivas em dinheiro, na maioria dos casos, vão para a igreja (Aldeia de Santa Margarida, Escalos de Baixo, Póvoa Rio Moinhos, São Miguel de Acha, São Vicente da Beira, etc.). Noutras localidades vão para a comissão de festas (Tinalhas, Partida, Zebreira, Medelim e Freixial do Campo, etc.). A posse final das dádivas ao santo é algo que em muitas comunidades não está totalmente regulado (o tempo decorre a favor da igreja). Observa-se por isso um conflito aberto ou latente, no interior da comunidade, no que diz respeito à posse destas verbas (Mata, Monsanto, Tinalhas e Zebreira, etc.). Por vezes era para "quem primeiro lhe deitasse a mão" (Escalos de Cima). No Freixial do Campo o conflito chegou a ser de tal modo marcado que foi um dos motivos para o término, temporário, da festa de São Sebastião.

É conhecido o argumento da igreja de que qualquer devoto ao fazer uma dádiva ao santo o dinheiro não deva ser utilizado para fins laicos mas para fins religiosos, só assim a promessa pode ser cabalmente cumprida.

Cada vez mais, as pessoas trocam as ofertas em bens por ofertas em dinheiro. A própria igreja incentiva este tipo de prática. Deste modo as dádivas estão perdendo a sua natureza simbólica para se situarem no campo da mera dádiva efectiva.

No seguimento da ideia, anteriormente exposta, de que o cumprimento de uma promessa, em plena procissão, possui uma forte componente exibicionista, acrescento que a procissão é um dos locais ideais para exibição e afirmação. Era o "picar" das varas do andor. Era vencer o leilão pela melhor oferta, tanto quanto possível

magnanimamente. São os fatos novos, é a miríade de cores, as lantejoulas, os cobres. São a exposição pública de bens que de outro modo ficavam permanentemente encerrados na arca. É a passagem de toda a aldeia por um mesmo local.

Do ponto de vista popular, a procissão é o momento de glória do santo. E, tal como no mundo real, também no mundo sobrenatural há hierarquias. São Sebastião, como referido, deve e é sempre o último na procissão no dia da sua festa - lugar de honra (excepto na Aldeia de Santa Margarida).

Quando SANCHIS (1983, p.130) refere que a procissão é um espectáculo em que o povo pouco participa activamente. Eu sou levado a pensar que não é bem assim. Pois se são elementos da comunidade que a organizam, a disciplinam, se há participação razoável no leilão do andor, se ornamentam as janelas das casas e pavimento da própria rua (com mato odorífero), se há participação da população. Parece-me que em qualquer momento cada elemento é, simultaneamente, actor e espectador de um espectáculo mais vasto.

Devoção, promessas

Jaime Lopes Dias (1966, p.122) caracteriza São Sebastião como o "santo máximo" da Beira. Pessoalmente, sou de opinião que tal afirmação só seria cabalmente correcta após um levantamento exaustivo do culto às mais importantes figuras sacras cultuadas na Beira. Mas, mesmo que, São Sebastião não seja o "santo máximo" é naturalmente um dos mais importantes.

O seu culto, ainda que se mantenha muito vivo nalgumas comunidades, noutras tem vindo a decair, ano após ano. Uma das causas terá a ver com a diminuição e envelhecimento da população da totalidade da área, com a emigração interna e externa, com a guerra da década de 60-70 e a diminuição da taxa de natalidade. Naturalmente também as mudanças socias ocorridas na sociedade portuguesa (25 de Abril, difusão dos meios de comunicação social, o fim da guerra colonial), enquanto factores exógenos à própria comunidade vieram alterar o papel dos actores. Agora não faz sentido, por exemplo, continuar a pedir-se a São Sebastião protecção para os soldados da guerra, quando a guerra terminou para os nossos soldados. E se a festividade era organizada pelos soldados, ou pelos seus pais, com um objectivo muito específico, com o desaparecimento desse objectivo deixou de haver razão profunda para a existência da festa (Mata, Escalos de Cima).

A difusão de novos valores e a falta de gente nova, suporte da carga energética indispensável para a realização do número de festividades que até aí a comunidade tinha mantido, levou, muitas vezes, a um reordenamento das datas das festividades "só puxavam p'rás festas do Verão" e à extinção de outras.

Principalmente nas comunidades onde São Sebastião é padroeiro (Sobral do Campo, Sarnadas de Ródão, Escalos de Baixo) continua a haver um culto muito vigoroso e uma fé maior no santo.

São Sebastião é tido como um "santo à parte" e como "fazendo parte da família" (Escalos de Baixo).

Deve e haver

O culto a São Sebastião responde a dois tipos de preocupações: de índole colectiva e de índole individual.

O primeiro tipo de preocupações está bem patente quando a população se junta para solicitar a intervenção divina em situações como a expulsão dos gafanhotos ou a protecção contra doenças epidémicas. Parecem possuir um cariz histórico/lendário. No "tempo" em que os flagelos da fome, da guerra e peste eram uma realidade e se conseguia mobilizar toda a população em torno de objectivos comuns, como, por exemplo, a seca.

No segundo tipo de preocupações, São Sebastião responde perante casos individuais e específicos (uma doença que atingiu um elemento da família, animal doente que se havia entregue a São Sebastião, um soldado que vai para a guerra sob a protecção do santo, etc.).

Para a redução da ansiedade provocada pelas grandes preocupações o homem recorre, geralmente, a divindades. E, para o cumprimento dos seus desejos, negoceia com a divindade/sobrenatural tal como o faz com os seus semelhantes (LAN, 1985; BOWEN, 1989; VEYNE, 1990; BEARD, 1991).

A troca surge como uma forma de conexão entre dois mundos paralelos - humano e sobrenatural - que se situam a níveis distintos mas complementares. As trocas religiosas são assim uma extensão das trocas sociais, em todas as sociedades. E a forma de transacção são formas rituais, possuindo um significado político e relacional que representam modelos das relações sociais.

Para o caso específico de troca com São Sebastião encontrei o seguinte mecanismo:

Formulação do pedido com anunciação da dádiva - satisfação do pedido pela divindade - pagamento à divindade pela satisfação do pedido inicialmente formulado.

É curioso verificar que o crente só paga depois do serviço prestado pela divindade. O crente não paga adiantado. Quem paga adiantado, como aqui se diz, é mal servido.

Era uma troca desigual. O homem fica sempre com a parte de leão. Veja-se o caso das chouriças em que o homem dá uma chouriça em troca do porco completo, nunca foi tão verdadeiro o ditado “dar um chouriço a quem me dar um porco”. E acender uma simples vela em troca da segurança de uma grande viagem.

O citadino faz um seguro para se precaver de situações desastrosas e paga antecipadamente (independentemente do acidente acontecer ou não). A sociedade rural entrega o perigo à divindade e paga à *posteriori*, se o acidente não ocorrer (morte do porco, por exemplo).

Nesta área costuma-se pedir a São Sebastião o seguinte:

Protecção para os soldados

A protecção requerida a São Sebastião não contempla unicamente quem está na guerra mas também quem está cumprindo instrução militar. Pede-se que voltem bem. Que voltem com saúde. O pedido é inevitavelmente feito antes da partida do jovem para o serviço militar.

Das vinte e seis comunidades de que disponho de elementos, apenas duas (Sarzedas e Sobreira Formosa) não recorrem a São Sebastião para protecção dos seus militares. Em Sarzedas recorrem a Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira; na Sobreira Formosa recorrem a Santo António. Outras comunidades recorrem simultaneamente a mais do que uma divindade (São Vicente da Beira e Tinalhas) (MOURA, 1992).

Em São Vicente da Beira recorriam ao Senhor Santo Cristo e em Tinalhas, segundo MOURA (1992), recorriam a Nossa Senhora do Miradoiro que é a Santa da devoção dos rapazes que vão à inspecção.

Durante a Guerra do Ultramar e por intervenção que os locais atribuíam a São Sebastião não morreu ninguém natural de Escalos de Baixo e de Salgueiro do Campo, por exemplo.

Ainda durante este período, nalgumas comunidades (Fratel, Póvoa Rio de Moinhos, Salgueiro do Campo, São Miguel de Acha, Tinalhas) foi-me referido um nítido incremento da actividade de culto a São Sebastião.

Protecção para os animais

Em vinte e seis comunidades observadas encontramos quatorze que recorrem a São Sebastião para protecção dos seus animais domésticos. Destas quatorze, onze são especificamente para protecção dos porcos. Algumas aldeias prometem no acto da compra do animal, quase na totalidade, outras fazem-no, unicamente, quando o animal adoece. Nas três localidades restantes (Zebreira, Santa Margarida e São Miguel de Acha) recorrem a São Sebastião por doença de qualquer animal.

É natural que seja o porco o mais visado. Primeiro, porque não havia família que não tivesse pelo menos um porco. Depois, há que ter em conta a importância do porco nestas comunidades. Eram praticamente os únicos animais fornecedores de carne, sob várias configurações, ao longo de todo o ano. A sua morte por doença era uma perda significativa para a família. Por último, era também o porco que menos resistia às doenças endémicas propagadas durante o Verão. Nalgumas comunidades, esta função de São Sebastião é tomada pelo Santo António (Escalos de Baixo, Lousa, Mata, Proença-a-Nova, São Vicente da Beira, Sarzedas, Sobral e Tinalhas). Em Benquerenças quem protege os animais suínos é a Senhora das Preces e São Francisco.

Protecção para a saúde

São Sebastião é também solicitado para a protecção da saúde, quando se tem, ou para a sua recuperação quando se está doente (verificável em dez das vinte e seis comunidades). É especialmente pedida a colaboração divina do Santo para a prevenção de endemias (malinas) como a varíola, por exemplo.

Socorro nas grandes aflições

Em três comunidades (Póvoa Rio de Moinhos, Sarnadas de Ródão e São Vicente da Beira) é-nos referida o apelo a São Sebastião para socorrer os humanos nas grandes aflições. As grandes aflições são tidas como contratempos que surgem de modo súbito, inesperado e de grande impacto (são exemplo os acidentes de viação, as doenças de início súbito de um filho, etc.).

Protecção nas viagens

Por último pede-se a sua protecção nas viagens (Escalos de Baixo e Zebreira) geralmente de carro. Uma ida ou vinda para França, Alemanha, Lisboa, etc. Nestas situações os familiares, não participantes na viagem, alumiam o santo até que se receba notícias da chegada dos viajantes ao destino.

Mas todos estes serviços têm um preço, baixo, segundo observei. O que se costuma dar ao santo depois de ter cumprido a sua parte do contrato?

De um modo geral observei dádivas de cariz colectivo e de cariz individual.

Posso fazer a festa, no seu sentido mais lato, como uma dádiva de cariz colectivo, porque está toda uma comunidade envolvida. Em algumas situações, no cumprimento de um voto feito pelos seus antepassados ou pela prestação de um serviço (matar ou afugentar os gafanhotos ou não permitir a entrada de epidemias no aglomerado populacional) em benefício de todo o grupo.

As dádivas de cariz individual possuem, ao nível da diversidade, um espectro bem mais amplo. Assim, quando do pedido, prometia-se dinheiro ao santo para qualquer situação (um animal doente que não porco). O dinheiro era entregue no dia da sua festa, geralmente, sob a forma de nota que pregavam na fita do santo.

Em troca da recuperação da saúde, no caso de doença, o devoto encarregava-se de entregar ao santo uma vela ou pavio (São Vicente da Beira, Sarnadas de Ródão, Sobral do Campo), ex-votos em cera, menos comum (Sobreira Formosa, Póvoa Rio de Moinhos, Lousa, Lardosa e Sarnadas de Ródão) ou mesmo uma novena.

A contraprestação da prestação aos soldados era, geralmente, o transporte do andor do santo na procissão, em grande número de casos: a entrega das suas divisas ou galões de militar (Sarnadas de Ródão); a colocação da sua fotografia sob a imagem do santo (Zebreira); uma missa em graça do santo (Medelim, Lousa e Benquerença).

Para a protecção dos suínos entregava-se ao santo um chouriço do tamanho do animal protegido.

Era também costume, em todo o Sul da Beira (Aldeia de Santa Margarida, Escalos de Baixo, Lousa, Mata, Partida, São Miguel de Acha, Segura, Zebreira, São Vicente da Beira) medir o Mártir Santo, no dia da festa, com um fio de algodão ou uma fita e depois aplicar este fio ou fita sobre o corpo humano, para o proteger.

Esta prática aplicava-se a todos os grupos etários e sociais. Os alvos preferenciais eram as crianças, para as proteger das malinas e os soldados para os proteger na guerra.

O fio ou fita entrava, quase sempre, em contacto directo com o corpo, mas a sua localização era variada. Aplicavam-no no pulso (Zebreira); no pescoço (Segura, unicamente as mulheres; São Miguel de Acha e Aldeia de Santa Margarida); no tronco (São Vicente da Beira, Mata, Escalos de Baixo); ou não especificados (Partida e Lousa). Em Segura os homens faziam com ele uns laços e pregavam-no na lapela do casaco. Em São Vicente da Beira as crianças participavam na procissão com uma fita, que ia do ombro à cintura em diagonal. No dia seguinte passavam-na para junto da roupa interior e aí se mantinha até ao ano seguinte, caso resistisse.

A acção protectora do fio, ou fita, advém-lhe da transferência, pelo contacto com a figura sagrada a que se sujeitou quando da medição, da energia vital, inesgotável de que a figura está carregada. As propriedades benéficas do santo transferem-se para as fitas e fios.

Nem sempre era o interessado a fazer a promessa. Muitas vezes fazia-se e cumpria-se sem intervenção do visado no caso, por exemplo, das crianças; no caso dos soldados e dos viajantes.

No negócio com o sobrenatural, e no caso específico de São Sebastião, creio poder atribuir um papel muito activo às mulheres, talvez mesmo mais activo que o dos homens. Eram elas que geralmente mais olhavam pelos filhos, independentemente da idade, logo eram as mulheres que prometiam, que mediam o santo, que faziam novenas, que rezavam, que acendiam velas, etc.

Angariação de meios

Em cada ano era nomeada a comissão para a realização da festa do Mártir Santo. Nela a população depositava confiança total para apresentar uma festa digna do seu santo e da sua gente. O objectivo último casava-se perfeitamente com a intensão da comissão em oferecer um espectáculo que os não desmerecesse, que não ficasse aquém dos anteriormente realizados e fosse mesmo superior ao nível do espectáculo e dos lucros.

Para isso os elementos organizadores necessitavam de meios para a sua concretização, meios que individualmente não tinham, mas que recolhiam junto da comunidade que iria usufruir a festa. Assim, numa primeira fase eram angariadores de meios e numa segunda fase gestores desses mesmos meios.

Raramente se coloca em causa a seriedade de qualquer elemento da comissão; do que se discorda, muitas vezes, é da aplicação do lucro que a festa gerou.

Uns dias após o final da festa são apresentados publicamente os seus resultados financeiros (receitas e despesas).

Seguidamente apresento, de forma sintética, os modos, mais habituais, de que dispõe a comissão de festas para angariação de meios.

A mais frequente era a realização do ramo ou mesa, como também surge designado nalgumas localidades (Salgueiro, Sobral, etc.).

O ramo era o conjunto dos bens que as pessoas ofereciam para a festa. Os bens oferecidos para o ramo não eram fruto de promessa nem havia obrigatoriedade, mas “ficava bem”. O ramo é feito, na quase generalidade dos casos, no dia da festa, com excepções (Aldeia Santa Margarida, Partida, Lousa, etc.). É organizado pelos festeiros. Os produtos (melões, ovos, vinho, cebolas, batatas, chouriços, melancias, laranjas, pão, queijos, milho, centeio, etc.) oferecidos para o ramo variam consoante a época do ano em que este se realiza, têm a particularidade comum de serem bens da produção do ofertante.

Há ramos com denominações específicas como “ramo das chouriças” (Aldeia Santa Margarida) realizado no dia de Carnaval.

O ramo é feito no local da festa que corresponde, geralmente, à área envolvente da capela ou igreja onde se encontra o santo.

Os bens oferecidos para o ramo são vendidos, sob a forma de leilão, pela melhor oferta, no dia em que este se constitui.

São Sebastião, como tivemos oportunidade de averiguar, está associado à protecção dos porcos e, para que essa protecção seja efectiva, é hábito prometerem-lhe um chouriço, do tamanho do porco, caso o animal não morra de morte natural (Alcafozes, Aldeia Santa Margarida, Freixial do Campo, Lardosa, Partida, Proença-a-Nova, Sarnadas de Ródão, Sobreira Formosa) (Fig.5).

Este hábito está tão embrenhado que, actualmente, mesmo as pessoas que não têm porco dão em dinheiro o valor de um chouriço (Alcafozes, etc.).

A venda destes chouriços, quase sempre em leilão, era uma das principais fontes de receita de algumas festas. Em Sobreira Formosa além dos chouriços ofereciam presuntos e chispes. Esta carne nem sempre foi vendida em leilão. Por vezes era vendida “por junto” para fora da comunidade.

A recolha das chouriças era feita, nalgumas comunidades, pelos festeiros. Noutras eram os devotos que as vinham entregar ao ramo. Noutros casos ainda, havia uma pessoa responsável pela recolha e pelo leilão, que se fazia logo de seguida.

O leilão tanto pode ser feito pelos festeiros como por outros personagens (Sarnadas de Ródão, Lardosa).

Não avançaria sem mencionar a especificidade de alguns ramos e leilões. O caso de Idanha-a-Velha, por exemplo, em que além de um duplo ramo (Natal e Páscoa) os

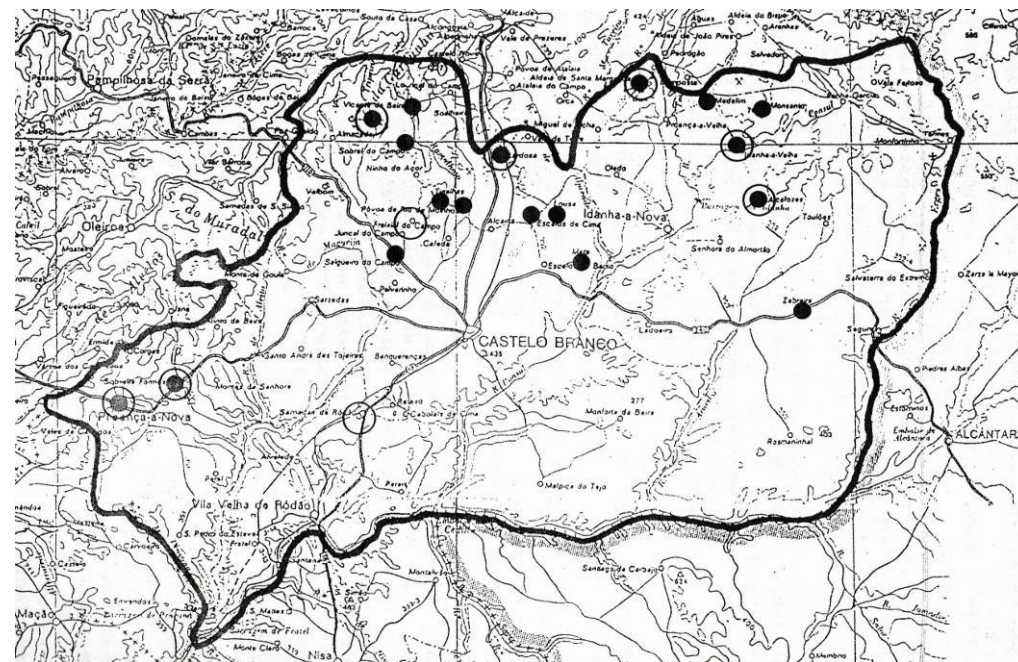



Figura 5. Distribuição geográfica do ramo e associação da festa de São Sebastião com a carne de porco. ● Utilização do ramo para a angariação de meios para a festa. ○ Associação da festa de São Sebastião com a carne de porco.

produtos oferecidos eram expostos sobre uma mesa, no largo do Pelourinho. Cada dádiva possuía um papel que mencionava o nome do ofertante e a base de licitação.

Os interessados no produto iam inscrevendo verbas superiores à última. Quando as mordomas se apercebiam do interesse por determinado bem tinham o “cuidado” de ir às casas dos interessados informando do lance mais recente. Conseguiam, deste modo, manter vivo um leilão que à partida poderia estar condenado ao fracasso.

Na Zebreira o ramo é constituído por um bolo grande (que actualmente é mandado fazer em Castelo Branco e no passado era um bolo caseiro), uma garrafa de “bebida fina” e uns cachos de uvas. Só as mordomas oferecem bens para o ramo. As dádivas de cada mordoma são muitas vezes compradas por um grupo de rapazes ou raparigas. Quando uma mordoma namora, o namorado sente-se na obrigação de comprar a oferta da sua

rapariga. Outras vezes são os familiares da rapariga que compram ou pretendem comprar aquilo que ofereceram.

O dinheiro obtido através do leilão das dádivas era um dos mais importantes meios para a obtenção de fundos e revertiam, como mencionado, ou para a fábrica paroquial (directa ou indirectamente) ou para o grupo laico de cidadãos que organizavam a festa, como por exemplo o Grupo de Amigos de Idanha-a-Velha.

Os leilões eram quase sempre efectuados no local do ramo. Mais raramente eram feitos através da aldeia, com o leiloeiro a mencionar o doador, a apregoar o produto e o valor actualizado do mesmo (Sarnadas de Ródão, Lardosa, Freixial do Campo).

Os elementos da comissão eram, algumas vezes, os únicos (Zebreira) a fazer dádiva para o ramo ou, os que ofereciam uma dádiva de maior valor (Monsanto, Partida).

Pelo que tivemos oportunidade de conhecer os devotos oferecem para o ramo, na maioria dos casos, o que se têm, o que se produz no interior do próprio agregado familiar. Deste modo, a variedade de produtos acaba por ser limitada.

Porquê oferecer o que toda a gente possui, produz, ou tem acesso muito fácil?

São os produtos oferecidos, ou semelhantes, que irão adquirir ou readquirir momentos depois. Isto é quase ilógico. É incongruente comprar-se o que se tem ou o que se pode produzir facilmente. Ao nível da troca estamos perante a redistribuição de produtos, só que da mesma espécie (o que me provoca perplexidade).

Ao nível do leilão observa-se a dificuldade de separação dos indivíduos dos bens que ofereceram para a mesa. Esta dificuldade observa-se para este ou qualquer outro leilão. Se por exemplo a justiça levar à praça um bem, de um qualquer indivíduo, este ou um qualquer familiar evitará, tanto quanto possível, que esse bem saia do ciclo familiar. O “grave” não é que mude de proprietário. “Grave” é que saia para fora do ciclo familiar. Ao nível do leilão do ramo tive oportunidade de observar este fenómeno. Quantas vezes eram os próprios doadores, ou seus familiares (filhos, pais, avós), a licitar e a comprar os bens que haviam previamente oferecido. Posso acrescentar, que se um doador havia dado sinais de interesse por um bem que oferecera e, se por ventura qualquer outra pessoa “picava” continuamente o lanço familiar era sinal de desejar entrar nessa família. Era praticamente função do rapaz comprar a dádiva que a namorada oferecera, por exemplo.

Porquê no leilão se volta a comprar os bens oferecidos ou semelhantes? Não seria difícil determinar o valor de um bem, mesmo que hipervalorizado pelo leilão, e oferecer este dinheiro para a festa. Seria bem mais fácil e cómodo. Mas, com esta prática perdia-se espectáculo, o ruído, a cor, a alegria, perdia-se uma parte razoável da própria festa. Porque a festa é também isto tudo. Além do leilão possuir uma linguagem própria. Através dele manifestava-se interesse por determinada rapariga. Desprezo no seio do grupo familiar ou social. Exibição, etc. Mas mais importante que tudo isto é o que diz SANCHIS (1983) “...Teria então privado a comunidade e - ter-se-ia ele próprio privado - da encenação simbólica e alegre do gesto sacrificial…” (SANCHIS, 1983, p.93).

Outra forma de angariação de fundos para a festa consiste num peditório porta a porta. Este peditório é geralmente feito aos Domingos à tarde e é previamente anunciado. Nalgumas comunidades um elemento da comissão de festas dá umas badaladas no sino da matriz [Escalos de Baixo e Idanha-a-Nova (?)] a anunciar o início do peditório. O peditório pode começar a fazer-se três ou quatro semanas antes da festa. Actualmente é o mais difundido modo de angariação de meios para a festa.

No interior da comissão de festas responsabilizam-se dois, três ou quatro elementos para abordarem todos os núcleos familiares da aldeia para a recolha das dádivas em dinheiro. Algumas vezes, quando a família contactada não possuía os meios imediatamente disponíveis informa do valor da sua dádiva, para que a comissão saiba previamente de quanto pode dispor e entrega-a até ao dia da festa.

O peditório porta a porta aparece geralmente associado a outras formas de angariação de meios: peditório e ramo (Aldeia de Santa Margarida, Escalos de Cima, Lousa, Freixial do Campo, etc.); peditório e quermesse (Escalos de Baixo, etc.); peditório e leilão de chouriços; peditório e oferta dos festeiros (Monsanto).

Foi hábito os devotos de São Sebastião, no dia da sua festa, oferecerem-lhe fogaças (Mata, Escalos de Baixo, Lardosa, Proença-a-Nova). A fogaça era constituída por um açafate de verga recheado de bens alimentares (frutos ou outros). As fogaças participavam na procissão, transportadas à cabeça das dadoras e no final eram leiloadas.

Recentemente muitos outros meios são empregues para a angariação de fundos. Como exemplos temos as rifas, a organização de bailes durante o ano, com fins lucrativos, e outras actividades de modo a providenciar a comissão dos meios indispensáveis que lhe possam garantir uma festa de sucesso.

Os lucros obtidos nas festas, quando os há, e independentemente de estarem nas mãos do grupo laico ou religioso, continuam a ser aplicados em locais e acções de usufruto comum (reparação de capelas ou igrejas, compra e infra-estruturação de um espaço

físico onde as festas se possam realizar, para qualquer liga de amigos ou melhoramentos, para preparação de outras festas, etc.).

Comensalidade

As localidades onde se observa bodo, relativamente aos festejos de São Sebastião, foram detalhadamente estudadas e o bodo descrito pelos elementos dos grupos que estiveram nessas localidades (Lardosa e Louriçal do Campo).

Das restantes comunidades encontrei práticas resquiciais de comensalidade colectiva em São Miguel de Acha.

Nesta última aldeia (ver parte II) era prática corrente distribuir picas (pequeno pão, amassado com azeite e do tamanho de duas carcaças) no dia da festa, à porta da capela. Nos tempos mais recentes as picas foram distribuídas por quem fez promessa. Havia grande interesse por essas picas. Este pão não era benzido. Quem o distribuía tinha a preocupação de guardar alguns exemplares para quem não pudesse vir recebê-lo à porta da capela (doentes, idosos e ausentes).

O culto a São Sebastião surge associado com o consumo excepcional de alguns alimentos como tremoços, filhós e vinho (Lardosa e Louriçal do Campo) e chouriças (em muitas das localidades onde se observa culto a São Sebastião).

Depois de ter em conta os bodos de São Sebastião e outros desta área, fiquei com a ideia de que o importante não era o santo em louvor do qual o bodo se realiza; o importante era o bodo em si. O bodo parece surgir como uma realidade autónoma a que depois foi associada o santo.

Perpetuação

A sobrevivência da festa ao longo dos anos deve-se a um grupo, quase sempre renovado, de indivíduos que mobiliza os meios necessários para a sua realização.

O grupo referido, denominado comissão de festas ou festeiros, têm vindo, aliás como toda a festa, a sofrer alterações tanto nas suas funções como no seu conteúdo.

Da comissão fazia parte um conjunto variável de indivíduos que eram, geralmente, nomeados com uma grande antecedência.

Que critérios imperam e imperavam na selecção das pessoas para a comissão de festas?

Uma das mais importantes era, naturalmente, a de natureza sexual. As mulheres não eram nomeadas para a comissão de festas de São Sebastião. Excepto em Zebreira onde os três elementos da comissão, denominadas mordomas (juiz, tesoureira e secretária), são raparigas novas, solteiras e filhas de gente humilde. As suas funções estão relacionadas com a limpeza anual da capela e preparação do andor e da imagem para a procissão.

A mulher surge como auxiliar da festa, em actividades mais do foro feminino (limpar a capela durante o ano, alindar o altar, preparar o andor e verter pétalas de flores sobre a imagem na procissão, etc.) e sempre com a designação de mordomas (Freixial do Campo, Idanha-a-Velha e Partida).

As mordomas são raparigas solteiras (Freixial do Campo, Zebreira, Idanha-a-Nova) ou esposas dos festeiros (Partida e Mata).

No passado, nalgumas comunidades, a condição social era uma condicionante. Escolhia-se para juiz, pelo menos para este cargo, uma das pessoas mais remediadas da terra (Aldeia Santa Margarida, Escalos de Baixo, Escalos de Cima, Lardosa, Lousa, Póvoa Rio de Moinhos, Sobral do Campo e Tinalhas). Provavelmente pelo investimento inicial ou a fundo perdido que é necessário fazer, pelo receio de prejuízo e, consequentemente, terem de repor dinheiro e, essencialmente, pela importância que tem no grupo social o indivíduo nomeado. Mas vejamos o caso de Escalos de Baixo em que o juiz era um dos homens mais ricos da terra e os restantes elementos tinham que ser casados e ter casa própria e grande. Não podiam viver em casa alugada. Actualmente este critério está fora de uso e são nomeados indivíduos de qualquer condição social.

Presentemente um dos mais importantes critérios para a nomeação de um qualquer indivíduo diz respeito à sua disponibilidade de tempo. Na Sobreira Formosa valorizam o saber ler, escrever e a capacidade para gerir a festa.

Uma comissão, na altura do recrutamento dos indivíduos para a festa seguinte, tinha como limites o universo da rua, do bairro ou da aldeia.

No primeiro caso a festa era organizada por ruas, os festeiros para a festa seguinte deviam ser da rua da comissão anterior. Quase todos os elementos masculinos acabariam por pertencer à comissão. Esgotada a rua passava-se à rua seguinte. A única localidade que adoptou esta modalidade, no passado, foi a aldeia da Mata. Actualmente este modelo desapareceu e os festeiros de um ano têm como limite de escolha toda a aldeia.

No segundo caso, o universo de escolha dos elementos para nova comissão tinha como limite o bairro. Conhecemos uma única aldeia (São Vicente da Beira) que no passado adoptou este modelo. Neste caso, a comissão que organizava a festa era composta por pessoas residentes no bairro anexo à capela de São Sebastião desta ex-sede de concelho.

Mas a generalidade das comissões de festa, da área em estudo, têm todo o espaço aldeia como o universo de escolha.

Em tempos mais recentes, devido às grandes transformações, cada comunidade tentou arranjar resposta, com modelos organizacionais adequados, às suas necessidades específicas. Surge assim, por exemplo, o caso de Idanha-a-Velha, em que dos dez elementos da comissão da festa seis residem na área de Lisboa e quatro em Idanha-a-Velha. Havendo obrigatoriedade do juiz ser da área de Lisboa.

Uma outra curiosidade, relativa à comissão de festa, é a possibilidade de nomeação de indivíduos que oficialmente residam fora do país. Algumas vezes são mesmo os protagonistas da comissão (Escalos de Baixo). São eles que têm o dinheiro. As principais dádivas pertencem-lhe. São eles o sangue vermelho vivo e a energia da comunidade. Assim, presentemente, não há qualquer coibição em nomear um indivíduo que resida fora da comunidade. E há mesmo necessidade porque são eles que têm o dinheiro e energia. A aldeia está repleta de idosos e na generalidade dos casos com recursos financeiros limitados.

Em todo o trabalho não dei conta da existência de sanções para quem se negasse a colaborar na festa. Em Freixial do Campo uma pessoa que tivesse sido nomeada e se tivesse recusado não seria indicada novamente.

Actualmente, devido à recusa frequente ou impossibilidade, a própria comunidade defende-se nomeando mais indivíduos do que normalmente precisaria, de modo a suprir a recusa de alguns.

Verifica-se, de um modo geral, que no passado as comissões eram constituídas por escasso número de elementos e presentemente, em algumas comunidades, esse número viu-se multiplicado muitas vezes, principalmente se a festa é uma das principais do ano. Entre outros exemplos veja-se o caso da Aldeia de Santa Margarida.

Em Escalas de Baixo são motivos compreensíveis para recusa, por exemplo, o casamento de um filho, a construção de uma casa, a compra de um bem muito caro (quinta), etc. Nesta povoação, há alguns anos atrás, cada festeiro gastou mais de seiscentos mil escudos.

Na grande maioria das situações a comissão de festas tem a duração de um ano. Inicia-se no final de uma festa ou quando da apresentação pública dos seus resultados financeiros (Partida e Freixial do Campo) e termina um ano depois com a realização da festa para a qual foram nomeados. Há entretanto excepções (Sobreira Formosa, Salgueiro do Campo e Monsanto). Nesta última povoação a comissão é nomeada por um período de três anos. Em Salgueiro do Campo a comissão durou vários anos e foi constituída para a reconstrução da capela e não para a realização da festa. A nomeação era o modelo que, preferencialmente, imperava no sistema de substituição de uma por outra comissão. Neste sistema era frequente que cada elemento escolhesse um outro com funções idênticas para o substituir.

Havia comunidades em que apenas o juiz era nomeado e este escolhia a restante equipa (Escalos de Baixo, Póvoa Rio de Moinhos, Sarnadas de Ródão).

Noutro modelo de organização, detectado na Lousa e Proença-a-Nova, eram os soldados ou rapazes que tinham ido nesse ano à inspecção militar que organizavam a festa.

Nos tempos mais recentes e com o declínio do culto a São Sebastião o padre começa por ter um papel primordial na perduração da festa. Deste modo, observamos que em São Vicente da Beira, Salgueiro do Campo e Segura e mesmo na Sobreira Formosa é o padre que directa, ou indirectamente, mobiliza as populações para a realização da festa, apenas para a vertente religiosa.

A publicação dos nomes da nova comissão era quase sempre feita pelo padre, no final da missa da festa. Esta primeira divulgação pública funcionava como homologação oficial por parte da igreja. Evitava-se a escolha de qualquer elemento que viesse a ser censurado pelo padre. Há entretanto comunidades que até a este controlo fugiam (Medelim, Freixial do Campo e no ano de 1992 na Aldeia de Santa Margarida). Em 1992, na Aldeia de Santa Margarida, a publicitação foi feita no recinto da festa, devido ao desentendimento com o padre quanto à propriedade de dinheiros. Em Freixial do Campo parece-me ser uma comunidade muito autónoma no que toca às relações oficiais com a igreja.

A nomeação de qualquer elemento para nova comissão não requeria prévia autorização do nomeado. Algumas vezes chegavam a nomear “por birra”, indivíduos com os quais as relações não eram muito amistosas (Mata, Póvoa Rio de Moinhos).

Curiosa era a forma que a gente da Mata possuía para comunicar publicamente a sua aceitação, ou recusa, a integrar a comissão seguinte. Os nomes eram publicitados no Domingo antes da festa. E, no último dia da festa a banda ia tocar à porta dos novos festeiros. Se estes abrissem a porta, era sinal de aceitação do cargo. Se a mantivessem fechada era o inverso.

Ao nível do mecanismo de perpetuação das festas chamo especial atenção para os estatutos dos vários elementos que em Zebreira perpetuam as outras festas.

Conclusão

Neste capítulo abstenho-me de tecer largas considerações e expor conclusões específicas. Penso tê-lo feito ao longo do corpo do texto.

Os pontos apresentados são mais uma síntese teórica do que foi, ou pretendeu ser, este trabalho, das linhas de investigação que ficaram por explorar e o canto do cisne da festa que não soube ou não quis modificar-se.

Num mundo rural, em constante mudança como o nosso, continuidade e transformação fazem parte de uma mesma realidade e articulam-se dialecticamente.

A continuidade é mesmo uma característica da transformação. É algo que lhe é inseparável e está intrinsecamente ligado. Isto porque, como podemos ver na parte II, as transformações nunca são totais.

As alterações sociais ocorridas na sociedade portuguesa na segunda metade do século XX (a guerra em África, o 25 de Abril e suas consequências, o envelhecimento da população, a emigração e o acesso mais facilitado à comunicação social) significaram profundas mudanças nos rituais destas gentes, mesmo que não tenha havido um corte radical entre passado e presente. A perspectiva histórica das manifestações etnográficas é o único meio que possuímos para dar conta tanto das transformações como das continuidades. Assim, nenhum facto seja ele religioso, político ou outro é independente de uma articulação com um todo social, o que leva, a que qualquer rearranjo na sociedade seja sempre diferente e sempre parecido com o anterior.

Ao longo das dezenas de páginas anteriores houve a oportunidade de constatar da veracidade do que acabei de escrever e do jogo entre continuidade e transformação.

Este é um trabalho que fica muito aquém do desejado. Devia recomeçá-lo para evitar tantas deficiências, algumas delas apontadas. Deveria ter tempo para explorar possíveis pistas de comunicação entre o culto a São Sebastião e o culto ao Espírito Santo. Pegaria nos argumentos de Moisés Espírito Santo: nas festas de São Sebastião coincidentes com as do Espírito Santo; debruçar-me-ia convenientemente sobre as refeições rituais, sobre as pragas dos gafanhotos, etc.

Explorar convenientemente os conflitos existentes entre os padre locais, com suas práticas e pontos de vista mais ou menos oficiais e as comunidades locais. Seria mesmo curioso explorar esta vertente de conflitualidade em Freixial do Campo, onde o padre parece ser um contratado, um mero executor de um serviço auferindo, por isso, um valor pré-determinado. A festa e a procissão parecem passar-lhe ao lado. Ele é um mero figurante contratado, tipo estrela de telenovela brasileira em carnavais portugueses. O padre tal como na generalidade das paróquias, em situações de tensão social nem responsável pela imagem parece ser.

São Sebastião, como qualquer outra importante figura sagrada dentro de uma paróquia, é um elemento condensador de uma comunidade. A comunidade revê-se nos seus santos. Com eles, como elemento aglutinador, o grupo social tem mais força, tem mais poder e consegue desde que devidamente mobilizado atingir objectivos que de outro modo não conseguiria. O "seu" santo fornece-lhe a indispensável energia para os momentos titubeantes e de fraqueza. Com ele a comunidade recarga as energias sociais e reabilita-se.

Ao longo do trabalho foram recolhidos elementos que, em certa medida, podem identificar São Sebastião com o vermelho e com o adulto jovem do sexo masculino.

Para terminar constato que em toda a II parte do trabalho é observável a decadência lenta do culto a São Sebastião (uma temática que gostaria de abordar). Não tanto por desistência dos seus devotos, mas mais pela incapacidade de angariação de outros novos.

A festa ou soube adaptar-se ou está em fase agónica, reduzida à sua expressão mais simples que é a de uma missa como única expressão. As festividades que recomeçaram após um interregno variável perderam toda a sua vertente profana e são agora meras manifestações religiosas.

Um trabalho a continuar.

Bibliografia

AFONSO, Arnel (1985), *As Alvíssaras* (Sarnadas de Ródão), Adufe nº 22, p.81-92, Castelo Branco.

ANDRADE, Mário Marques de (1988), *Subsídios para a Monografia de Segura*, edição do autor, p.405, Tomar.

BARGÃO, J. D. (1945), *Monografia de Salvaterra do Extremo*, p.79, Lisboa.

BEAR, M. (1991), *Ritual Writing, Ceremonial Feasting*, Times Literary Supplement, 4621.

BELO, António José (s/d), *O Meu Livro*, p.109, Lisboa.

BELO, José Antunes (1985), *Benquerenças - no Espaço e no Tempo,* edição do autor, p.172, Castelo Branco.

BOWEN, J. R. (1989), *Poetic Duels and Political Change in the Gayo Highlands of Sumatra*, Americam Anthropologist, 91.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1984), *Monsanto, Etnografia e Linguagem,* Editorial Presença, p.326, Lisboa.

CAILLOIS, Roger (1988), *O Homem e o Sagrado*, Edições 70, p.181, Lisboa.

CARDOSO, Luis, *Dicionário Geográfico de Portugal,* Transcrito nos Estudos de Castelo Branco, nº 41/42, Outubro 1972.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva (1985), *Subsídios para o Estudo da Toponímia Albicastrense no Século XVI*, Adufe nº 2, p.7-23, Castelo Branco.

CATHARINO, P. Manuel Alves (1933), *Monografia do Concelho de Proença-a-Nova*.

CHAMBINO, Mário Lobato, *Projecto de Monografia do Rosmaninhal*, p.23, inédito.

DIAS, Jaime Lopes (1944), *Etnografia da Beira*, I volume, p.213, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1948), *Etnografia da Beira,* VII volume, p.280, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1953), *Etnografia da Beira*, VIII volume, p.269. 2ª edição, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1955), *Etnografia da Beira*, III volume, p.265, 2ª edição, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1963), *Etnografia da Beira*, IX volume, p.263, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1964), *Etnografia da Beira*, II volume, p.202, 2ª edição, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1966), *Etnografia da Beira*, V volume, p.312, 2ª edição, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1967), *Etnografia da Beira*, VI volume, p.396, 2ª edição, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1970), *Etnografia da Beira*, X volume, p.291, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jaime Lopes (1971), *Etnografia da Beira,* IV volume, p.244, 2ª edição, Lisboa (edição fac-símile).

DIAS, Jorge (1950), *O Essencial Sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, INCM, Lisboa 1985.

Diccionario Geographico de Portugal, Tomo XVIII, p.45 e ss.

ESPÍRITO SANTO, Moisés (s/d.), *A Religião Popular Portuguesa*, Edições A Regra do Jogo, p.247, Lisboa.

ESPÍRITO SANTO, Moisés (1988), *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Assírio e Alvim, p.395, Lisboa.

FERREIRA, J. C. Lobato (1984), *Monografia da Antiga Vila de Belver (da Ordem de S. João do Hospital)*, Edição da Câmara Municipal de Gavião, p.188, Damaia.

FERREIRA, Seomara da Veiga; COSTA, Maria da Graça Amaral da (1970), *Etnografia de Idanha-a-Velha*, Edição da Junta Distrital de Castelo Branco, p.192, Coimbra.

FIGUEIREDO, José F. (1956), *Monografia de Nisa*, INCM, p.482. Sintra (edição fac-símile).

HENRIQUES, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação nº 4, p.32, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco (1992), *A Visão do Homem e da Mulher na Poesia Popular do Sul da Beira Interior*, inédito.

HENRIQUES, Francisco (1992), *O Lagar Social de Vila Ruivas - Vila Velha de Ródão*, inédito.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (1986), *Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa* (2), Preservação nº 7, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (1991), *Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros*, Preservação nº 12, p.158, Vila Velha de Ródão.

HORMIGO, José J. M. (1979), *Ladoeiro - História Breve*, edição do autor, p.24.

LAN, D. (1985), *Guns and Rain: Guerrilas and Spirit Mediuns in Zimbabwe*, London James Curry.

LEITÃO, Luis (1991), *Partida, Comunidade da Zona do Pinhal na Beira Baixa - Esboço Monográfico*, p.106, Fundão.

LOBO, Ernesto Pinto (1988), *Beira Baixa*, Edição Mobil, p.199, Rio Tinto.

LOURENÇO, Artur (1985), *Monografia da Freguesia de Santo André das Tojeiras*, p.63, Lisboa.

MARTINS, Manuel Alfredo de Morais (1986), *Malpica do Tejo - Terra Pobre, Povo Nobre*, ISCSP, p.454, Lisboa.

MATOS, Joaquim Pires de (1983), com colaboração de José Valentim de Matos Prata, *Juncal do Campo, Um Pouco da sua História*, p.166, Castelo Branco.

MAUSS, Marcel (1950), *Ensaio Sobre a Dádiva*, Edições 70, p.209, Lisboa.

MOURA, José Carlos Duarte (1992), *Contos Mitos e Lendas da Beira - Por Terras da Beira*, p.89, Castelo Branco.

MOURA, José Diniz da Graça Motta e (1877), *Memória Histórica da Notável Vila de Nisa*, Lisboa (edição fac-símile).

NAZARETH, J. Manuel, *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, p.323, Lisboa.

NUNES, António Pires e João Henriques Ribeiro (1980), *Castelo Branco e a sua Região - História - Arte – Etnografia*, p.112, Coimbra.

OLIVEIRA, Acácio C. (s/d), *Sarzedas e o seu Termo. Aspectos Geográficos. Históricos e Etnográficos*, p.399, Castelo Branco.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga (1984), *Festividades Cíclicas em Portugal*, p.357, Lisboa.

PAULA e SÃO (1983), *Levantamentos Culturais na Freguesia de Sarnadas de Ródão*, O.T.L., inédito.

RIBEIRO, Orlando (1986), *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, 4ª edição, Livraria Sá da Costa, p.189, Lisboa.

RIBEIRO, Orlando (1987), *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, 2ª edição, edição Fundação Calouste Gulbenkian, p.323.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann (1987), *Geografia de Portugal*, Vol. I, Edições João Sá da Costa, Viseu.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann (1988), *Geografia de Portugal*, Vol. II, Edições João Sá da Costa, Viseu.

RIBEIRO, Orlando, LAUTENSACH, Hermann (1989), *Geografia de Portugal*, Vol. III, Edições João Sá da Costa, Viseu.

RIBEIRO, Orlando, LAUTENSACH, Hermann (1991), *Geografia de Portugal*, Vol. IV, Edições João Sá da Costa, Viseu.

ROQUE, Sanches (1975), *Alcains e sua História*, p.487, Castelo Branco.

ROXO, António (1890), *Monographia de Castello Branco*, p.242, Elvas.

SALVADO, António (1985), *A Poesia Popular da Beira Baixa*, Adufe, nº2, p.25-40, Castelo Branco.

SANTOS, Manuel Tavares (1958), *Castelo Branco na História e na Arte*, edição do autor, p.219, Porto.

SOUSA, Tude Martins de; BASQUILHO, Francisco Vieira (1936), *Amieira do Antigo Priorado do Crato*, INCM, p.519, Figueira da Foz (edição fac-símile).

VEYNE, P. (1990), *La Société Romaine, Sueil*.

CENSOS DA POPULAÇÃO de 1911; 1920; 1930; 1940; 1950; 1960; 1970; 1981; 1991.

Parte 2

Alcafozes (Idanha-a-Nova)

A imagem de São Sebastião está na igreja matriz. É preferencialmente denominado por “Mártir Santo Bendito”.

Festa

Após a vinda do actual padre a festa realiza-se dia 30 de Janeiro e é constituída por missa e procissão.

Antigamente a festa era no Domingo Gordo (Domingo anterior ao carnaval).

Devoção, promessas

No acto da compra do porco prometiam a São Sebastião que caso o animal não morresse, durante o ano, lhe dariam uma chouriça do tamanho do animal.

Angariação de meios

Era costume, antes da festa, andarem os festeiros a recolher os chouriços que as pessoas haviam prometido.

Estes chouriços eram depois leiloados.

Perpetuação

Havia um conjunto de festeiros que organizava a festa.

Outras Notas: Capelas existentes: Santo António e Espírito Santo.

Informantes: Leonor Maria, 82 anos, Alcafozes; Maria Frade, 69 anos, Alcafozes.

Alcains (Castelo Branco)

A capela de S. Sebastião foi edificada por volta de 1560. Foi destruída em 1885. “Era templo de estilo, o mais belo talvez de todos os da freguesia. Nele foram sepultados corpos humanos, como na igreja.” (ROQUE, 1975, p.83).

A capela foi transformada em escola e posteriormente destruída.

A imagem de São Sebastião está na igreja matriz. É preferencialmente denominado por Martil São Sebastião.

Na festa há missa, pequeno sermão e procissão.

Festa

É realizada no primeiro Domingo a seguir ao dia 20 de Janeiro.

No ano da realização deste trabalho houve alvorada de foguetes, logo pela manhã.

Procissão

A procissão percorre as principais artérias da vila. A imagem de São Sebastião é naturalmente a última. Há muitos anos podiam ver-se crianças, vestidas de anjinhos, que seguiam o andor.

Perpetuação

A comissão é constituída por três homens. Os elementos da comissão anterior dirigem o convite a outros três que os substituirão.

Outras notas: A capela do Espírito Santo foi transformada em capela de velaturas. É o mais antigo templo de Alcains. Deixou de se realizar a festa do Espírito Santo.

Outras festas: procissão do Senhor dos Passos; Santa Apolónia, com capela própria; São Pedro; Senhora da Conceição e São Domingos. A festa a este último santo é feita no Verão e especialmente dedicada aos emigrantes.

Também aqui se conta que a aldeia foi invadida por gafanhotos que destruíam todas as culturas agrícolas em redor. Então as pessoas recorreram à Senhora da Conceição fazendo-lhe a partir de então a festa das papas.

Há duas confrarias, a do Santíssimo e a das Almas.

Informante: João Fernandes Carrega, 63 anos, Alcains.

Bibliografia: Reconquista de 29.01.93; ROQUE, 1975.

Aldeia de Santa Margarida (Idanha-a-Nova)

A capela de São Sebastião está situada na entrada nascente da povoação. A figura sacra foi levada para a igreja matriz devido ao mau estado da capela e ao receio de roubo. É intenção do padre mandar arranjar a capela, mas há quem questione se o

santo deve ou não voltar, porque na igreja é visível o resultado das promessas em velas e dinheiro e se for para a capela está muito isolado, pouca gente lá vai.

São Sebastião é preferencialmente denominado por Mártir Santo.

Festa

Não há nenhuma história que justifique a construção da capela mas a celebração festa. Conta-se que "...no tempo dos gafanhotos havia tantos que prometeram a São Sebastião uma festa, até fora de tempo, se alevantassem os gafanhotos. Então os gafanhotos vieram arragar-se todos à capela e morreram lá. Aquela praga alevantou e d'então pra cá a festa tem sido sempre feita no mês d'Agosto…"

Possui festa nos dias 13, 14 e 15 de Agosto. A festa é constituída por missa, sermão, procissão e arraial.

No passado vinham padres de fora dizer o sermão e faziam-se pagar para o cumprimento deste serviço. Actualmente o padre desta aldeia pede a colaboração ao padre de outra aldeia vizinha.

Há arraial.

Procissão

Há procissão dia 15 de Agosto, depois da missa. Participam na procissão Nossa Senhora da Ascensão, Nossa Senhora do Rosário, Santa Margarida, Santo António e o Mártir. São Sebastião é o penúltimo da procissão (segundo o padre deve ser o último, mas, argumenta uma devota "acima do Mártir está ainda Nossa Senhora por isso deve ser a última").

Na procissão participam cerca de 14 bandeiras (as existentes na igreja). A de São Sebastião é a primeira, mas nem sempre sai porque não há quem a leve por ser a vara muito pesada. A segunda é a de Santa Margarida.

Na procissão participa a "árvore" onde São Sebastião foi amarrado. Esta é uma construção em ferro com a configuração de uma árvore com ramos, completamente forrada com tecido, para a procissão, e decorada com fitas e frutos (feitos pela senhora que trata da igreja) feitos para este fim. Para facilitar o armazenamento a "árvore" divide-se em duas através de um tubo em forma de caule. Não foi possível ver o "esqueleto" da árvore porque estava numa arrecadação particular e o proprietário desta última não estava em casa.

Figura 6. Imagem de São Sebastião, Aldeia de Santa Margarida.

A procissão era disciplinada pelo juiz e pelos restantes elementos da comissão. Com o responsável pela procissão seguia o regedor da aldeia com um bastão na mão.

O circuito da procissão é contrário ao sentido dos ponteiros do relógio.

Na procissão, com a formação de duas filas paralelas, o lugar dos homens era à frente das mulheres. O padre ia junto da última imagem.

Em tempos idos o transporte do andor era feito pelos autores das melhores ofertas do leilão, ou pelos festeiros. Actualmente leva-o quem quiser.

O andor tem sido decorado pela informante, com flores artificiais feitas pela própria, porque "naquele tempo não há flores de jeito".

Devoção, promessas

Não resisto a descrever um pequeno episódio da fé a São Sebastião: "…no tempo da epidemia da guerra de 1914 só morreram 4 pessoas nesta terra, porque São Sebastião não deixou entrar a malina. Em Proença-a-Velha morreram ruas inteiras de pessoas, até as enterravam já vivas, não lhe davam tempo para morrer. Eu tive um tio que um dia veio de lá muito doente mas não morreu, graças a Deus, e disse a "Proença não se pode ir". Abençoado São Sebastião que não deixou entrar cá a malina…".

Pediam protecção ao santo quando:

- os filhos iam para a tropa (por isso na guerra não morreu ninguém desta povoação).

- a vida perigava, por doença ou acidente.

- adoecia um animal (porco ou qualquer outro).

Conta-me, a minha informante, que no passado as mães mediam São Sebastião com uma fita que depois atavam à cintura ou ao pescoço dos filhos, dos maridos e delas próprias para os proteger.

Era hábito vir junto de São Sebastião rezarem e acenderem velas.

Angariação de meios

As ofertas, em notas, a São Sebastião continuam a serem pregadas, com alfinete, na banda do santo. "O povo não quer colocá-las noutro lado, ainda há cerca de dois anos este assunto foi motivo de discussão com o padre".

Há mais de 40 anos que não se faz leilão da "varinha do andor". Terminada a missa trazia-se o santo para o exterior da capela e fazia-se logo ali o leilão. Levava-o na procissão o autor da melhor oferta.

O dinheiro que o santo leva na fita, como o obtido pelo leilão do andor era para a igreja.

É costume, no dia do Carnaval, realizar-se o "ramo das chouriças". Andam de porta em porta a pedir enchido de porco, que dependuram numa vara com pregos que trazem consigo. Este enchido é depois vendido em leilão no salão (antes da existência do salão era ao pé da casa da Junta Freguesia, num único lote ou em vários). As pessoas que não têm porco dão dinheiro.

A comissão de festas vai realizando, ao longo do ano, diversas festividades (bailes) para angariar dinheiro para a festa de verão.

O dinheiro das festividades tem sido distribuído, de forma não pacifica, do seguinte modo: O que é dado directamente ao santo (fruto de uma promessa) fica para a igreja. O que é angariado de outro modo (venda de enchido, lucros das várias festividades, etc.) vai para a comissão civil. Embora o padre cobice para a igreja parte dos lucros da festa. Algumas vezes os festeiros apropriaram-se e usaram o dinheiro do santo para a festa civil (naturalmente com oposição da hierarquia religiosa e de determinados sectores da população).

Perpetuação

Antigamente a comissão era composta por cinco elementos. Um deles era o juiz, geralmente, uma das pessoas mais ricas da terra. Este é o responsável geral pelas festividades e por providenciar as refeições os padres nos dias da festa. Além do juiz havia o tesoureiro e o secretário.

Actualmente a comissão tem cerca de 30 pessoas. mas, depois das desistências, ficam umas 20.

Tanto agora, como no passado, os elementos de um ano nomeiam os do ano seguinte. Aos escolhidos para a comissão seguinte não é pedido consentimento prévio.

No final da missa é dado conhecimento público dos elementos para a comissão seguinte. No último ano, devido ao azedar das relações (questões de propriedade de dinheiros) igreja-comissão, os novos festeiros não foram anunciados na igreja mas no salão de festas.

Outras notas: Conta-se de São Sebastião que "os soldados o levaram para a floresta. Aí ataram-no a uma árvore, crivaram-no de setas e foram-se embora. Naturalmente que o deixaram lá. Depois passou por ali uma mulher que o levou para casa, tratou-o e as feridas recuperaram muito rapidamente, porque ele era santo.

Quando tratado apareceu novamente ao imperador e este mandou-o botar no esgoto. Mas os soldados do imperador não conseguiram, nem com quanta força houvesse, e foram comunicar ao imperador de sua impossibilidade. Então mandou-o decapitar. E foi como morreu."

Informante: Angelina Conceição Pereira, 77 anos, Aldeia Santa Margarida.

Almaceda (Castelo Branco)

Para este aglomerado populacional ter em conta o trabalho de outros elementos da equipa.

É denominado preferencialmente por Mártir S. Sebastião.

É o padroeiro da freguesia. Está na igreja matriz.

A festa era dia 20 de Janeiro, actualmente é no Domingo mais próximo do dia 20. É costume, pela ocasião, fazerem filhós.

A festa principal é a do Espírito Santo.

Benquerenças (Castelo Branco)

Existe na igreja matriz a figura sacra do Mártir São Sebastião.

Festa

Em honra deste santo não há qualquer tipo de festividade, nem uma simples missa.

Procissão

O Mártir sai em todas as procissões, não sendo o último também não é o primeiro. É transportado por homens (não por soldados, nem por rapazes que vão à inspecção), não é transportado por mulheres porque "é muito pesado" (sic). O seu andor, como todos os restantes, continua a ser leiloado à porta da igreja, no final da missa.

Devoção, promessas

As pessoas mantem por este santo uma grande devoção. Nas procissões continuam a pregar-lhe dinheiro na fita.

Durante a guerra colonial havia quem mandasse dizer missas em louvor do santo.

Pedem a São Sebastião "paz, que os livre da guerra, da fome e dos nascidos maus" e protecção para os soldados.

Outras notas: Para proteger os porcos doentes, nesta comunidade, costumam recorrer a São Francisco e à Senhora das Preces (padroeira da freguesia).

Informantes: João Carlos Antunes, 42 anos, Benquerenças; Rosa Maria Antunes, 41 anos, Sarnadas de Ródão.

Bibliografia: BELO, 1985.

Castelo Branco

Em 1505 há referências à capela de S. Sebastião. (*Estudos de Castelo Branco*, nº 1, 1964, p.110).

A capela de S. Sebastião fica fora de muros, na parte oriental do arrabalde. Possui figura sacra em pedra. Tem confraria. (*Estudos de Castelo Branco*, Janeiro 1964."Ermidas Antigas (Ordem de Cristo)").

Em Castelo Branco desde o século XVI que existe rua de S. Sebastião.

Existiu e existe capela do Espírito Santo. É tida como uma das mais antigas da cidade.

Não existe, actualmente, capela de São Sebastião. Na sacristia da Sé existe uma bela imagem de São Sebastião, de origem desconhecida. Não é cultuada.

Informante: Pároco da Sé de Castelo Branco.

Bibliografia: CASTELO BRANCO, 1985; ROXO, 1890; SANTOS, 1958; NUNES, 1980.

Escalos de Baixo (Castelo Branco)

Possui capela na entrada nascente da povoação, ao lado do caminho principal que ligava Castelo Branco a Escalos de Baixo, margem esquerda do ribeiro. Muito

recentemente, no altar colocaram ao lado de S. Sebastião a Nossa Senhora das Graças.

É geralmente denominado por Martle Santo ou Martle São Sebastião.

São Sebastião tem cinco cravos em prata, sempre limpos por altura da festa com bicarbonato e aguardente.

Nunca se conheceu confraria de São Sebastião.

A festa era no Domingo do Divino Espírito Santo, que coincidia com um dos últimos Domingos do mês de Maio. Recentemente, por causa dos emigrantes, foi transferida para o primeiro Domingo de Agosto.

A imagem foi reparada há cerca de 3 anos.

Conta-se que a imagem começou a ser venerada desde as invasões francesas. Porque estando estas muito perto e a povoação sob perigo iminente prometeram a São Sebastião que se os livra-se dos franceses lhe faziam uma festa anual.

Quando os franceses estavam muito perto formou-se nevoeiro muito forte não podendo, por isso, o exército avançar sobre a povoação.

Conta-se também que noutra ocasião chegou uma praga de gafanhotos e a população prometeu festividades e uma capela a São Sebastião caso ficassem livres de tal flagelo. Quando os gafanhotos chegaram perto da população recuaram não atingindo os campos agrícolas.

Foi a partir desta promessa que se construiu a capela.

Festa

A festa é Sábado, Domingo e Segunda-feira.

Na Sexta-feira anterior, à noite, o santo vai para a igreja matriz em procissão, em grande festa. Há arraial popular nesta noite.

No Domingo há missa e procissão que dá volta à aldeia. Na Segunda-feira o santo regressa à capela, nesta ocasião "já meio escondido".

Em cada um dos três dias de festa cantavam-se as alvíssaras à porta da igreja, à porta do senhor padre, à porta do juiz e à porta dos ricos da aldeia.

Os preparativos para a festa começavam um ano antes e toda a família colaborava na sua preparação. Constatamos que o papel da mulher se tornou mais participativo com o decorrer dos anos.

Como à frente veremos, a festa é organizada pelos emigrantes e para a ornamentação da capela contam com a colaboração das esposas.

Uma festa era considerada fraca se abrilhantada por uma única banda de música. Nas festas «fortes» contava-se com três bandas. Nas «rijas» além das três bandas vinham os zabumbas (bombos) do Paúl.

Actualmente a festa dura toda a noite, mas nem sempre foi assim, no passado a uma hora determinada acabava.

Para se fazer a festa de São Sebastião tem que se ter muita loiça e é necessário andar o ano inteiro a prepará-la, para que nada falte na ocasião.

Há três ou quatro anos atrás a festa custou mais de 600 mil escudos, por festeiro.

Esta festa teve um período de crise, contemporânea da saída dos homens da aldeia (emigração interna e externa).

Encarregaram então os soldados da sua organização, mas não deu certo. Depois os emigrantes tomaram conta dela.

Quem está de luto, geralmente, só participa na parte religiosa da festa e fica o resto do tempo em casa.

Se era festeiro e ficava de luto toda a festa seguia os seus trâmites normais. O festeiro em causa não chegava a ser substituído. Continuava a orientar tudo. Participava na missa e na procissão mas não recebe em casa os elementos da música, ou outros, para comerem.

A decoração do recinto da festa é feita pelos festeiros ajudados pelos respectivos familiares.

Por ocasião desta festividade era costume cantarem as "chacotas". Digo era porque atualmente pouca gente as sabe.

"Ai! Mártir S. Sebastião
Ai! meu valoroso soldado;
Pela fé de Jesus Cristo,
Morreste acétiado.

Ai! Mártir S. Sebastião.
Ai! Oh meu santo encarrapado[2],
Pedi a Nossa Senhora
Que nos ponha o pão barato.

Ai! Mártir quem vos tirara
Ai! A vossa seta do peito,
E convosco caminhara
Caminho do céu direito.

Ai! Mártir S. Sebastião.
Ai! Meu santo guerrilheiro,
Já que tendes virtude,
Defendei Portugal primeiro.

Ai! Mártir S. Sebastião.
Ai! Estais voltado à Serra,
Defendei Portugal (livrai)
Da fome, peste e guerra.

Ai! Mártir S. Sebastião.
Ai! Mesmo Deus assim o quis,
Vimos dar as boas festas
Ao nosso bom juiz.

Ai! Mártir S. Sebastião.
Ai! Tendes a banda encarnada
A todo o Portugal
Chega a vossa nomeada.

No final de cada quadra batem as palmas. Grupos de mulheres e de homens, predominantemente mulheres, cantam a chacota pela povoação começando à porta da igreja matriz.

Vão às portas do juiz, do escrivão e do tesoureiro da confraria de São Sebastião. Depois ficam a dançar no largo da igreja.

[2] Alusão ao facto de a imagem de S. Sebastião o representar nu." (DIAS, 1966, p.165-166).

Procissão

A decoração do andor é feita com flores artificiais, cor de vinho, e encomendadas em Braga, de um ano para o outro. Os ramos são quatro, estão implantados em cada um dos cantos do andor e têm a forma cónica.

O Mártir Santo, como figura principal, era naturalmente o último na procissão. Na procissão não são incluídas crianças, vestidas de anjos, a cumprir promessas.

Em 1992 o juiz da festa desejou levar os seus dois filhos vestidos de anjo, ao lado do andor, e o povo não o permitiu.

O andor era transportado pelos soldados, durante a da guerra, antes deste período e actualmente é levado pelos festeiros ou por quem faça promessa. Para isso, estes últimos devem contactar previamente os festeiros. Havia pessoas que iam debaixo do andor a cumprir promessas.

Não há leilão do andor.

Antes, durante e depois da procissão é costume os devotos pregarem notas com alfinete na banda do santo.

O povo não aceitou a ideia de se levar dois sacos, conforme chegou a ser experimentado e onde só foram parar umas escassas moedas, para se meter o dinheiro durante a procissão. Preferiram continuar a pregá-lo na banda do santo. “Se é para o santo deve ser lá pregado”.

São os festeiros que encaminham e organizam a procissão. Vestem uma opa própria e trazem consigo um bastão.

Angariação dos meios

Os festeiros, em cada um dos quatro domingos antes da festa, dão uns toques no sino da igreja, como sinal do início do peditório para a ajuda da festa. Vão de casa em casa. As pessoas dão dinheiro ou o que têm na devoção.

Até há cerca de 50 anos as pessoas vinham com tabuleiros à cabeça, carregados com comida para a igreja, no final da missa eram benzidos e depois leiloados - fogaças.

Devem ter acabado com este costume, segundo a informadora, porque apareceu a quermesse e as mulheres deixaram de pôr coisas à cabeça.

Nunca se conheceu ramo para esta festa.

Actualmente, para a quermesse, todas as pessoas dão muitas garrafas de vinho e «bebidas finas» porque é o que os emigrantes compram para levarem para França. As ofertas são entregues aos festeiros. Depois são levadas para a quermesse e finalmente são leiloadas durante a festa revertendo o dinheiro para a festa civil.

Quando os elementos da aldeia vão a casa dos festeiros levar a prenda (dinheiro ou bens) para a quermesse são muito bem recebidos. A dona da casa vem com um grande tabuleiro com bolos e «bebidas finas» (antigamente era só vinho).

Os bolos são caseiros e confeccionados para a ocasião, nos muitos fornos que a aldeia dispõe (presentemente há mais fornos do que a algumas décadas atrás).

Começam a fazer os bolos uma semana antes.

Os bolos de azeite, cavacas, biscoitos, bolo preto, bolo enrolado (tipo torta), esquecidos, broas de leite e pães-de-ló são os mais frequentes na festa de São Sebastião. O mel era pouco usado na aldeia porque não havia muitas colmeias.

Era necessário fazer muitos pães-de-ló; porque cada grupo de pessoas (ou pessoa isolada) que ia a casa do festeiro levar a prenda para a festa, ou tratar de qualquer outro assunto, era-lhe colocado, para se servir, uma bandeja com bolos variados e onde não podia faltar um pão-de-ló por encetar e vinho ou «bebidas finas», mais recentemente. Se o visitante vai para longe preparam-lhe, inclusive, uma caixinha com bolos para levar. Deste modo, a quantidade de bolos que cada festeiro confecciona chega a ser superior ao necessário para um grande casamento.

Os festeiros recebiam prendas para a quermesse mas nunca recebiam bolos. Os bolos ofereciam-nos aos festeiros.

Primitivamente os bolos eram guardados em grandes arcas de madeira, forradas a papel. Todas as arcas tinham mistura de vários tipos de bolos e cada festeiro tinha várias arcas com eles.

O tabuleiro com bolos e bebidas que se apresentava ao visitante tinha, necessariamente, mistura de vários tipos de bolos.

Há demarcação entre as ofertas ao santo pertencentes à fábrica paroquial e as pertencentes ao grupo de festeiros.

Deste modo, todo o dinheiro que o santo leva na banda (fita vermelha) é pertença da igreja.

Perpetuação

A festa era organizada pelo juiz com os festeiros.

Só podiam ser festeiros, ou juízes, elementos do sexo masculino que tivessem casa própria.

Era incumbência do juiz de um ano escolher o juiz do ano seguinte que, por sua vez, escolhia os 7 ou 8 festeiros com quem desejava trabalhar. O juiz era escolhido entre as pessoas mais importantes da terra. Era o juiz que avançava com o dinheiro para a festa (para pagamento da música, foguetes, iluminação, pregadores). Os festeiros trabalhavam com o juiz na preparação da festa.

O juiz e os festeiros de um ano não consultavam, previamente, o juiz a nomear para o ano seguinte.

Para se ser festeiro tinha-se e tem-se que estar bem instalado na vida. Logo, só chefes de família podiam fazer parte do grupo de festeiros, nunca indivíduos solteiros. Até porque tinham que ter casa própria e casa grande para receber todas as pessoas. Quem vivia em casa de renda não podia ser festeiro.

Por parte de um festeiro eram motivos de recusa o casamento de um filho, a compra recente de uma quinta ou a construção de uma casa, etc.

Actualmente a festa é organizada pelos emigrantes.

É comum, durante a festa, o juiz, os festeiros e os familiares do seu agregado comerem sempre juntos no salão. Os convidados dos festeiros, ou do juiz, tomam as refeições na casa dos respectivos anfitriões, mesmo sem a sua presença.

Devoção, promessas

As pessoas referem-me que a devoção a São Sebastião "parece ser diferente" da que se tem para com os outros santos. Porque se há uma doença em casa vão, imediatamente, iluminar São Sebastião ou prometem-lhe uma novena (que consiste em iluminar o santo durante nove dias). Se uma pessoa vai de viagem os familiares que ficam mantêm o santo iluminado até que o viajante chegue ao destino (ida ou vinda de França, por exemplo). Mesmo mantendo uma forte devoção por Nossa Senhora é a São Sebastião que recorrem nas grandes aflições. É por isso que dizem ser "um santo à parte" ou mesmo que "faz parte da família".

Muitas das promessas feitas a São Sebastião são satisfeitas em dinheiro.

Durante a guerra em África aumentou, consideravelmente, a devoção por São Sebastião e "devido à sua protecção não morreu ninguém na guerra".

Antes da partida dos soldados para o ultramar, as mães dos soldados vinham alumiar o santo e com um fio de algodão cheio de nós, para se segurar melhor, tiravam a medida da altura do santo. O fio devia depois ser atado e mantido na cintura do soldado, para o proteger da morte, até ao seu regresso. Nunca o deviam retirar. Deviam trazê-lo de volta.

Gastronomia

Quando se matavam os porcos escolhiam-se logo os presuntos (nas casas ricas) que se iriam comer por altura da festa de São Sebastião.

Como era um produto salgado punham-no a adoçar durante três dias no interior de um poço. Depois de retirado era lavado com vinho branco, barrado com ovos batidos e polvilhado com pão ralado dando depois entrada no forno onde era assado. Chamavam-lhe presunto afiambrado. Este era um dos pratos típicos da festa do Mártir Santo. Só se fazia nesta ocasião porque era quando havia em casa muita gente para o comer.

Por ocasião da festa era também hábito fazer cavacas e todos os bolos anteriormente referidos. A cavaca é um bolo feito com a massa dos biscoitos, depois forrada a açúcar e posta a secar em tabuleiros.

Não é costume fazerem-se filhós por esta festa.

Informante: Isabel Cândida Falcão Navarro, 65 anos, Escalos de Baixo.

Bibliografia: DIAS, 1966; MOURA, 1992.

Escalos de Cima (Castelo Branco)

A figura de São Sebastião está num altar lateral da igreja matriz.

Era preferencialmente denominado por Mártir Santo.

A festa realizava-se no terceiro Domingo de Setembro.

Festa

Não fazem festa. Quando muito há uma breve missa.

Há cerca de 20 anos a festa era organizada pelos pais dos rapazes que iam à inspecção militar. A festa era unicamente Domingo. Os festeiros (pais dos rapazes que iam à inspecção) davam comida na sua própria casa aos músicos que vinham de fora.

Quando o grupo dos pais não organizava a festa o padre "deitava-lhe a mão e só havia festa religiosa".

Há cerca de 50-60 anos A festa era organizada por três festeiros. Vinha música e o fogueteiro. Os festeiros deviam dar de comida a esta gente. Se houvesse prejuízo eram os festeiros que o pagavam. Além do padre da terra vinham mais três ou quatro padres de fora. Os festeiros pagavam a todos eles. Em qualquer das situações havia arraial.

Procissão

Participavam as figuras da Nossa Senhora da Conceição, do Sagrado Coração de Jesus e em último lugar São Sebastião.

O andor de São Sebastião era unicamente transportado por homens casados ou solteiros, nunca em simultâneo homens de um e outro estado civil.

Quando a festa era organizada pelos pais dos rapazes que iam à inspecção eram os rapazes que levavam o santo na procissão.

Durante a procissão era costume as pessoas pregarem notas no andor do santo (barra pendente que envolve todo o andor). Este dinheiro era "para quem primeiro lhe deitasse a mão", ou o padre ou a comissão.

Ao longo da povoação a procissão sempre se movimentou em sentido contrário aos ponteiros do relógio.

Angariação de meios

Era costume leiloar as varas do andor e as bandeiras. Acontecia, por vezes, um qualquer homem arrematar as quatro varas e depois distribuí-las por quem desejasse.

O leilão era feito à porta da igreja, no final da missa e antes do início da procissão.

O dinheiro do leilão dos andores ia para a igreja.

No Domingo antes da festa os três elementos da comissão andavam na aldeia, de porta em porta, a pedir dinheiro, a contribuição de cada família para a festa.

No dia da festa havia ramo. Era frequente as pessoas darem um alqueire de milho, um alqueire de centeio ou outros cereais. Estes bens eram leiloados, no próprio dia, e o dinheiro revertia a favor dos festeiros para pagarem as despesas da festa.

Perpetuação

No passado a comissão era constituída por três homens casados que tomavam o nome de juiz, escrivão e tesoureiro.

Era o juiz que mandava na festa. Na procissão levava o “pau” de São Sebastião permitindo-lhe discipliná-la (havia outro “pau” para São Pedro). No dia da festa os padres iam comer a casa do juiz. Para juiz era nomeado uma pessoa remediada.

O escrivão escrevia o que cada pessoa dava para a festa e o tesoureiro recebia e administrava o dinheiro.

Cada elemento da comissão nomeava, para o ano seguinte, uma outra pessoa com funções semelhantes à sua; assim o juiz nomeava outro juiz, o secretário outro secretário e assim sucessivamente. O elemento da nova comissão não era consultado antecipadamente.

Na igreja, no final da missa da festa de São Sebastião, o padre dava conhecimento público da nova comissão.

Não se conheceu castigo para quem se negasse.

Numa fase de declínio havia pessoas que se ofereciam para fazer a festa.

Devoção, promessas

Há pouca devoção por São Sebastião. Há algumas dezenas de anos atrás havia muito mais. Recorriam frequentemente ao santo para os proteger na guerra.

Outras notas: Não há capela nem festa do Espírito Santo, exista apenas uma imagem na igreja matriz.

Houve confraria de São Sebastião, mas não na lembrança de qualquer um dos meus informantes.

São Pedro é o padroeiro desta comunidade.

Informantes: Francisco Fernandes, 77 anos, Escalos de Cima; Joaquim Dourado, 84 anos, Escalos de Cima; José Manuel dos Reis Lourenço, 43 anos, Escalos de Cima. José Marques Lourenço, 66 anos, Escalos de Cima. Maria Antunes Reis, 63 anos, Escalos de Cima.

Fratel (Vila Velha de Ródão)

Existe capela de São Sebastião na antiga entrada norte da povoação, utilizada como capela de velaturas.

É conhecido por Mártir São Sebastião. Não se comemora, nem com uma simples missa. Sai unicamente nas procissões.

Na altura da Guerra do Ultramar eram os militares, muitas vezes fardados, que frequentemente o levavam nas procissões. Por esta mesma altura as pessoas alumiavam-no com velas, fruto de promessa ou devoção. Foi esta a única ocasião que mereceu, nos tempos mais recentes, algum culto.

Possui capela do Espírito Santo.

Informante: José Fernando Alexandre Martins, 47 anos, Fratel.

Freixial do Campo (Castelo Branco)

Há capela de São Sebastião na entrada oeste da povoação ao lado de uma das vias de comunicação que dá acesso a esta aldeia, junto do cemitério.

A figura de São Sebastião está na respectiva capela e é preferencialmente denominado por Mártir São Sebastião.

Festa

Desde há três ou quatro anos que voltaram a fazer a festa de São Sebastião; juntaram-na com a de São Bartolomeu que é o padroeiro da paróquia. Qualquer delas não se fazia há muitos anos. Agora fazem-nas no primeiro ou segundo Domingo de Agosto.

A festa de São Sebastião fazia-se em Fevereiro, no Domingo Magro (dois Domingos antes do carnaval). Deixou de fazer-se a festa há algumas dezenas de anos porque os jovens eram mobilizados para a tropa e não havia gente nova. Depois deu-se o 25 de Abril, momento pouco propício para o padre cativar gente em torno de uma festa de cariz religioso. Recomeçou-se há três ou quatro anos, em moldes diferentes.

A festa de São Sebastião fazia-se e faz-se, num largo, no centro da povoação, a escassas centenas de metros da capela. Era costume haver missa, sermão e procissão.

Figura 7. Capela de São Sebastião, Freixial do Campo.

A festa actual não tem o brilho que tinha. As atenções são um pouco desviadas para São Bartolomeu.

Não há histórias que justifiquem a festa ou a construção da capela.

Quando a festa era em Fevereiro vinha um padre de fora para dizer o sermão e comia, geralmente, na casa do sacristão.

Os músicos e muitas vezes o(s) padre(s) que participavam na festa eram divididos em grupos de um ou dois por cada família. Quem dava de comer aos músicos, ou ao padre, não dava oferta para a festa. Os músicos iam comer a casa de qualquer pessoa.

Nesta festa havia grande alegria, manifestada em contradanças e muitos mascarados.

Vinha muita gente de fora a esta festa.

Procissão

A procissão realizava-se no dia da festa, depois da missa. Tudo começava na véspera quando traziam o santo da capela para a igreja. No dia seguinte voltava à capela. O sentido deste movimento (ida e volta à capela) era contrário aos ponteiros do relógio.

A procissão era organizada pelos festeiros, mas disciplinada pelo padre. “Mas como era sempre igual toda a gente sabia como é que se fazia”.

O lugar dos homens era sempre à frente, em duas filas, mas acabavam por ir em grupo, a falar da vida. Este tipo de situação tanto acontecia antigamente como agora. As mulheres vão sempre atrás. O padre vai à frente da imagem.

Quando a festa era unicamente a São Sebastião só participava esta figura sacra e a respectiva bandeira.

O andor era transportado pelos rapazes que iam fazer a tropa ou que estavam a cumprir o serviço militar. Mais tarde passou a ser transportado pelos mordomos.

As ofertas em dinheiro ao santo eram colocadas sobre uma fita colocada propositadamente sobre o santo, nunca na sua banda.

A decoração do andor é feita pelas raparigas. Não há flores nem cores, específicas, para a sua decoração. Quando a festa era em Fevereiro o andor era muitas vezes decorado com rosas.

No passado, o dinheiro que o santo levava na banda era para a comissão de festas. Ao padre pagava-se o valor estabelecido previamente pela sua prestação de serviços. Por isso registaram-se conflitos entre o padre e a comissão. “Houve uma altura em que o padre quis alterar este tipo de coisas e as pessoas não compareceram sequer para levar as imagens.” Este foi um dos motivos para que a festa tivesse terminado.

Era costume vir música e fogo para abrilhantar a festa.

Devoção, promessas

Pediam a São Sebastião protecção para todos os animais, mas especialmente para os porcos. Quando compravam o porco ou quando ficava doente prometiam-lhe chouriças do tamanho do animal criado.

Pelas grandes aflições havia o hábito de acender velas a São Sebastião, prática que caiu em desuso.

No tempo da guerra as mães pediam ao santo protecção para os filhos soldados, de modo a regressassem com saúde da vida militar.

O culto a São Sebastião não sofreu qualquer incremento por ocasião da Guerra do Ultramar.

Angariação de meios

Era costume as pessoas oferecerem chouriças, do tamanho do porco, a São Sebastião. Tal hábito perdeu-se há cerca de 40 anos. Como se disse "as promessas a São Sebastião eram sempre pagas à base de carne".

Começava-se a leiloar, a carne, cerca de um mês e meio antes da festa. A partir do momento que o enchido de cada família estava pronto o dono da casa dizia para os mordomos "vem buscar o meu". Depois os mordomos andavam povo acima, povo abaixo, sempre aos Domingos, com uma linguiça dependurada em cada dedo e iam leiloando "tanto para uma, tanto pela outra". Partiam de uma base de licitação mencionada pelo ofertante. Se não houvesse oferta superior revertia a chouriça para o ofertante dando este em troca o valor em dinheiro da base de licitação. O dinheiro assim obtido era para a comissão da festa.

Nesta comunidade não é costume dar dinheiro ao santo. O dinheiro é sempre dado à comissão da festa. Quando se pretende fazer a festa, um mês ou três semanas antes, os mordomos vão de porta em porta, explicam ao que vão e perguntam quanto dá aquela família. Isto para se fazer um cálculo do que se vai receber. Algumas famílias dão logo o dinheiro (os que não podem estar presentes no dia da festa) os restantes dão o dinheiro prometido, à comissão, no dia da festa.

Perpetuação

A comissão tinha sete elementos: juiz, secretário, tesoureiro e quatro mordomos. O seu mandato era anual e a hierarquia era estabelecida entre eles. Os quatro mordomos recolhiam e leiloavam as chouriças, transportam a imagem do santo na procissão e ajudam os três principais elementos a explorar o bar. Os mordomos podiam manter-se no cargo por um período de três, quatro ou mais anos.

Por fim tínhamos duas mordomas que tinham como função limpar a capela durante o ano, alindar o altar, preparar o andor para a procissão e ao longo desta ir deitando pétalas de flor sobre a imagem. As mordomas eram sempre raparigas solteiras. Actualmente deixaram de ter a primeira função porque a capela se tornou capela mortuária.

Actualmente a comissão passou a ter um número variável de elementos mas sempre superior aos primitivos três. Os seus elementos não permanecem nela mais que um ano, devido ao esforço exigido. Por exemplo dormirem quatro horas em quatro dias de festa.

Os elementos da comissão de um ano reunem para escolher novos indivíduos, sempre assim foi. Para se fazer parte de uma comissão têm em conta o tempo livre e a aceitação em caso de nomeação. Não se vai nomear alguém que se tenha recusado a colaborar.

Por altura da apresentação pública das contas de uma festa são também conhecidos os elementos nomeados para o ano seguinte.

Outras notas: Quando a festa era em Fevereiro havia o hábito das famílias comerem o bucho do porco, morcela bucha ou a bexiga (enchido). Por isso chamavam à festa de São Sebastião a "festa do bucho".

A capela de São Sebastião é utilizada como capela mortuária.

A capela de São Sebastião tem também a imagem de Santa Catarina que teve capela própria mas no início do século já estava em ruínas.

A figura de São Sebastião foi restaurada este ano.

Outras festas: Senhora de Lurdes e São Bartolomeu.

Informantes: José António Calmeiro, 58 anos, Freixial do Campo; José António Nunes Calmeiro, 66 anos, Freixial do Campo.

Idanha-a-Nova

Na igreja matriz existe imagem de São Sebastião. Nunca se conheceu capela deste santo. Não há culto activo a esta imagem.

A imagem de S. Sebastião está em excelente estado de conservação. É uma das mais belas imagens de S. Sebastião que observei. Possui rosto de sofrimento e expressão corporal a condizer. Está colocada num altar lateral.

Há informação de que as pessoas desta povoação, no passado, no dia de S. Sebastião e por motivo desconhecido vinham dar umas badaladas no sino da torre da igreja. Hábito semelhante foi observado na área de Abrantes.

Havia uma feira dia 20 de Janeiro (DIAS, 1966).

Há capela do Espírito Santo.

Informante: Pároco de Idanha-a-Nova.

Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova)

Existe uma capela de São Sebastião à entrada da povoação, a cerca de 100m das primeiras casas, não se encontra ao culto e transformaram-na em Museu Lapidar.

Segundo o Dicionário Geográfico de Portugal foi a primeira a ser erguida em Portugal, a este santo. Consta, nesta mesma obra, que São Sebastião terá aqui vivido.

Existem duas imagens de São Sebastião. Uma na igreja matriz e outra na capela do Espírito Santo. São Sebastião é predominantemente conhecido por "Martel Santo".

A festa era em Agosto.

Festa

"Nos finais da década de 60, início de 70 esta festa (São Sebastião) era feita juntamente com a de Santa Filomena. Em Agosto, geralmente, ou então em Setembro.

Haviam 4 mordomas para o andor da Santa Filomena e uma juíza para a bandeirinha, dois mordomos, o que pega o Martel Santo e o que dirige a procissão.

Os mordomos e as mordomas saem, durante o ano, a pedir esmola para a Santa Filomena.

No dia da Festa fazem um "ramo", que é uma espécie de leilão de oferendas das pessoas constituído por produtos da terra.

Durante a festa cantam-se uns versos a Santa Filomena que foram ensinados pelo padre. Não é nomeado São Sebastião que oficialmente é o santo festejado. Não sabemos porquê. Inovações..." (FERREIRA, 1970, p.120-121).

Outrora, só havia uma festa que era a da Nossa Senhora da Conceição. Mas houve uma família que começou a fazer uma festa da sua devoção - festa de Santa Filomena. E, todos os anos realizava esta festa que era apenas religiosa. Com o andar dos tempos começou-se a observar que havia muitas festas na terra e a família que a tinha instituído acabou também com ela. Então uma parte dos moradores resolveu manter a festa só que dirigida para São Sebastião. Esta festa realizou-se durante alguns anos, depois do 25 de Abril. Agora também acabou. Os festeiros pertenciam a um conjunto restrito de famílias. Começaram então as rivalidades com as pessoas que estavam mais ligadas à casa Marrocos (grande senhor da área e ex-residente em Idanha-a-Velha) achavam mal fazer a festa a São Sebastião. Presentemente, volta a não fazer-se festa.

Da festa constava missa, procissão, garraiada e comes e bebes. Os touros para a garraiada vinham das regiões limítrofes (Belmonte, Idanha-a-Nova). Aos proprietários dos novilhos pagava-se-lhe para a participação daqueles na garraiada.

Procissão

São Sebastião só pode ser transportado, na procissão, por indivíduos solteiros.

São Sebastião também costuma participar na procissão da festa da Nossa Senhora da Conceição que é a padroeira de Idanha-a-Velha.

Angariação de meios

Na altura em que faziam a festa era costume fazerem dois ramos; um por altura da Páscoa que é o ramo dos chouriços. O outro efectua-se pelo Natal. A comissão das festas avisa que vai fazer um ramo para a festa de São Sebastião e quem quiser contribuir dá, preferencialmente, um chouriço, dois ovos, por exemplo, e deixa estes bens com uma base de licitação no valor de mil escudos.

Em ocasiões de bom tempo o ramo é feito junto do pelourinho. Quando chove ou está mau tempo vão para o interior de uma casa que está junto do pelourinho.

Depois das comparticipações arranjam-se umas mesas, onde estes bens são expostos durante toda a tarde. É previamente estabelecido uma hora para terminar o ramo. Depois, ou são as pessoas que vão buscar o produto para o qual licitaram ou são as mordomas que o vão levar à própria casa. Cada oferta tem um papelinho onde consta o preço base de licitação. Depois as pessoas andam por ali e vão introduzindo outros valores, sempre superiores, no papel com a indicação do respectivo nome. Há bens que chegam a um preço elevado. Se observam que há despique entre duas pessoas para a posse de um mesmo bem, as mordomas vão a casa de um dos intervenientes dizendo "já está em tanto" e logo de seguida vão a casa do outro a dizer o mesmo. Conseguem deste modo uma hipervalorização dos produtos.

É com este dinheiro que a comissão de festas arranca com a festa. Além deste há a esmola, em dinheiro, que cada família oferece, independentemente da primeira.

Uma qualquer família nunca dava de esmola menos que cinco mil escudos para a Senhora da Conceição, mas para o São Sebastião nunca atingia este valor.

Então a festa fazia-se assim com o dinheiro obtido do ramo, das esmolas e das rifas que se vendiam. Se havia lucros iam para a Liga de Amigos de Idanha-a-Velha; se havia prejuízos eram também cobertos pela associação.

Perpetuação

A comissão de festa era composta por 10 indivíduos. Seis residentes na área de Lisboa e quatro de Idanha-a-Velha. O número um da lista nomeia o juiz da festa que é sempre da área de Lisboa.

O grupo de festeiros de um ano nomeia os festeiros do ano seguinte. Havia anos que se chegavam a oferecer para fazerem parte da comissão.

Há assim um juiz, um secretário e um tesoureiro e os restantes são vogais.

A sua publicitação é feita pelo padre, na igreja, depois do final da missa e antes de sair a procissão.

Tanto os festeiros que estão fora como os que estão na povoação tentam arranjar dinheiro para a festa e a primeira reunião só se efectua quando é para tratar do programa.

Além dos festeiros há um grupo de raparigas solteiras, denominadas mordomas.

Outras notas: Há notícias de existir no século XVII ou XVIII confraria São Sebastião.

A padroeira é nossa Senhora da Conceição que na procissão é transportada por homens casados.

Existe capela do Espírito Santo.

Informante: Joaquim Manuel Batista Santos, 33 anos, Idanha-a-Velha.

Bibliografia: FERREIRA, 1970.

Lameira de Ordem (Proença-a-Nova)

Há uma figura sacra de São Sebastião.

Nesta aldeia, no segundo Domingo de Janeiro, era hábito fazer-se um peditório cuja dádiva (um chouriço do tamanho do porco) revertia a favor das Almas.

Informante: Maria José Torres Ferreira, 70 anos, Vila Velha de Ródão.

Lardosa (Castelo Branco)

Para esta comunidade ver o trabalho específico da Sónia Pires e da Olga Saúde.

São Sebastião está na respectiva capela, à entrada noroeste da povoação.

Conta-se que a capela de São Sebastião foi aqui construída porque, uma vez, os terrenos agrícolas vizinhos da aldeia estavam sendo devastados pelos gafanhotos. A população aflita prometeu a São Sebastião, caso a praga desaparecesse, que lhe construíam uma capela. Então os gafanhotos por obra e graça de Deus vieram morrer todos a esta área. Assim acabaram por construir a capela no local onde se ergue.

Festa

A festa de São Sebastião é distribuída por dois tempos, no sábado mais próximo do dia 20 de Janeiro (que é uma festa mais íntima) e nos finais de Maio ou início de Junho. Nunca conheceram outras datas. A festa é feita no largo da capela.

Da festa consta missa na capela de São Sebastião.

Esta festividade é conhecida por festa dos cascoréis ou festa do bodo.

Há bodo de cascoréis, vinho e tremoços. Algum vinho é, ou pode ser, comprado aos lavradores da terra, o restante pode ser oferecido por quem tenha promessa. O vinho nunca faltou. Sobra sempre. Primitivamente eram os festeiros que davam os ingredientes para o bodo. Agora é o povo todo.

O dinheiro que sobeja da festa de Janeiro reverte para a festa de São Sebastião de Maio/Junho.

A festa de Maio/Junho é grande, tem a duração de três dias. É contratado conjunto musical, há fogo-de-artifício e havia balões antes de serem proibidos.

A festa de Maio é denominada festa das chacotas.

Procissão

É unicamente realizada em Maio/Junho. Participam as figuras de Santo António e de São Sebastião. Eram os soldados que levavam o andor e era organizada pelos festeiros depois de falarem com o padre.

Devoção, promessas

As pessoas faziam promessa de oferecerem a São Sebastião uma chouriça, do tamanho do porco, caso o levassem ao chambaril. Hoje quase toda a gente oferece mesmo sem promessa.

As pessoas quando doentes recorriam à protecção deste santo.

Há hábito de oferecer ex-votos a São Sebastião.

Angariação de meios

Antigamente as chouriças oferecidas ao Santo eram vendidas de porta em porta ou de taberna em taberna, pela melhor oferta. Havia uma pessoa encarregada de as vender. Este elemento fazia-se cobrar pelos seus serviços. Vinha a casa das pessoas pedia a chouriça para São Sebastião, as pessoas entregavam-lha informando-o também da base de licitação. Depois começava o despique ao longo da povoação e terminava por ser entregue à melhor oferta.

Figura 9. Distribuição de tremoços, Lardosa.

Figura 10 e 11. Bodo de cascoréis, Lardosa.

Figura 12 e 13. Leilão das chouriças, Lardosa.

Obviamente que a venda das chouriças não era feita num único dia. O valor atingido por cada uma dependia do seu tamanho, do ofertante (quem a fabricava e daí dependia a qualidade) e do interesse em arrematar-se a chouriça de qualquer pessoa específica (de um filho por um pai, por exemplo).

Quem era da terra, ou da freguesia, podia pagar a chouriça posteriormente. Em alguns anos podem ser os festeiros a recolher as chouriças de casa em casa.

Perpetuação

Na aldeia havia duas comissões de festas a de Santo António e a de São Sebastião. Os festeiros (juiz, secretário e tesoureiro) de São Sebastião eram geralmente as pessoas mais ricas da aldeia, isto porque tinham mais azeite e mais pão para poderem fazer os cascoréis.

Para a comissão da festa de Santo António não havia a preocupação de escolher os elementos mais ricos da aldeia.

Actualmente a condição anterior não se observa e qualquer pessoa pode fazer parte da comissão da festa do Mártir Santo.

Para a organização dos festejos, em cada ano, são nomeados oito, nove, dez ou mais festeiros. No final da missa o padre lê os nomes dos elementos da comissão seguinte.

Outras notas: Existe uma feira de gado no dia 20 de Janeiro, feira de São Sebastião. (LOPES, vol. V, p.220).

Não há capela do Espírito Santo.

Lardosa tem como padroeiro São Martinho.

Outras festas: São Sebastião (Janeiro); Santo António (Agosto) e São Martinho.

Informante: Manuel Esteves Justo, 57 anos, Lardosa.

Louriçal do Campo (Castelo Branco)

As actividades iniciam-se dia 19 com as limpezas e embelezamento dos lares, actividades mais do foro feminino.

Os homens encarregam-se da lenha para que não falte durante a noite. A noite e o dia que se seguem são de tal modo importantes que até os pastores e os moleiros regressam à aldeia pela meia-tarde.

A festa de São Sebastião é tida como a festa da família, supera o Natal e a festa de São Bento, apenas pode ser comparada com a procissão do Senhor das Almas na quinta-feira santa.

"São Sebastião, santo máximo, protector adorado, merece-lhe todos os sacrifícios! Se Ele os livra (como em sua santa fé afirmam), de todas as pestes e malinas! Se ele lhes acode em todas as desgraças! … Se é Ele, São Sebastião bendito, Mártir Santo, que lhes acrescenta os bens e a felicidade com a certeza da saúde!..." (DIAS, vol. V, p.57).

Fazem-se filhós na noite do dia 19 para o dia 20.

Na manhã do dia 20 o Mártir Santo é trazido em procissão da sua canela para a igreja matriz. Depois da missa e do sermão procedesse à leitura dos mordomos.

Findo este conjunto de cerimónias procedesse a nova procissão que vai da igreja matriz para a capela do santo, só que desta feita percorre percurso diferente do primeiro.

O cortejo termina no largo da pequenina capela de São Sebastião, onde todo o povo se junta e aguarda a bênção das filhós, coscoréis, tremoços e vinho, que em cestos, açafates, alguidares e garrafões para ali foram transportados.

Depois de "tudo benzido pelo pároco, a mordomia (tradição que vem de longe), leva à casa do Dr. José Ramos Preto, o maior proprietário da povoação e amigo que todos respeitam, e do pároco da freguesia, a prova, para seguidamente iniciar a distribuição pelo povo.

E todos então, os da terra e os de fora (porque muitos das redondezas vêm associar-se à devoção dos moradores de Louriçal do Campo), comem e bebem, não para matar a fome, mas porque, comendo, provando, nem peste nem malina se lhes pegará.

Os de fora, no amor aos seus que não puderam vir, metem nos bolsos as enzeitadas filhós e coscoréis e tremoços, que levam para que eles igualmente beneficiem da protecção de São Sebastião bendito.

Se as filhós e demais acepipes, ou o vinho não chegam para todos os que se encontram presentes, (grande desonra para a mordomia), o povo manifesta-se e protesta com grande surriada".

O quadro que acabamos de descrever dura até começar a debandada para o jantar.

"…Muitos aproveitam a exposição da imagem na sua capelinha para tirarem, com um algodão encarnado, a medida da altura que usam enrolada ao pescoço, como a defesa contra a peste e malinas".

Faz parte da festa a morte do galo. Este jogo consta do seguinte:

"… Espetados dois mastros nas bermas do caminho que conduz ao cemitério, suspensa a pobre ave de uma corda cujas extremidades prendem nos dois mastros, é aberta a inscrição para todos os rapazes - antigamente só para pastores - que queiram entrar na competição

Marcada a distância com um traço no pó ou na lama do caminho, cada inscrito paga por cada cinco pedras que atira cinquenta centavos.

…É longe! Nenhuma acerta. Algumas não conseguem mesmo vencer a distância. Novo traço, agora mais próximo. O combate continua. As pedras não deixam de visar a vítima, imolada ao velho uso!

Dez, vinte ou trinta pedradas não acertaram? O espectáculo continua. Uma consegue bater-lhe e partir-lhe uma perna, outra desasa-o, outra, finalmente, atinge-o na cabeça ou em órgão essencial e mata-o.

Aclama-se então o campeão do torneio que recebe como prémio o galo! Assim termina a festa de São Sebastião de Louriçal do Campo, de fé e devoção, como outra não há entre a sua boa gente".

Bibliografia: DIAS, vol. V, p.55-62.

Lousa (Castelo Branco)

A figura de São Sebastião está na capela respectiva, implantada na entrada principal da povoação (lado poente), no largo de São Sebastião.

São Sebastião é preferencialmente denominado por "Mártil Santo Bendito" ou "Mártir Santo".

Festa

A festa era no segundo Domingo de Setembro e tinha a duração de dois dias (Domingo e Segunda). Posteriormente, para uma maior presença dos emigrantes passou para o Agosto. Recentemente passou à primitiva forma realizando-se em Setembro. Entretanto há cerca de nove anos que não fazem a festa de São Sebastião.

A festa era essencialmente composta por missa, procissão e tourada. Vinha música para acompanhar os festejos, incluindo a procissão.

Procissão

Realizava-se após a missa. A imagem de São Sebastião era transportada pelos soldados que, fardados, transportavam o andor na procissão. Com o fim da guerra no ultramar esmoreceu a devoção a este santo.

Além de São Sebastião, que era o último, participavam na procissão o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Bom Jesus e os guiões.

Devoção, promessas

Para que os soldados regressassem com saúde do ultramar havia o costume de prometer missas ao santo. Era hábito as mães medirem o Santo com uma fita, que devia acompanhar depois os soldados/filhos para a guerra, com o objectivo de os proteger. As pessoas também acendiam velas ou lamparinas ao santo.

Angariação de meios

Era costume, há muitos anos, fazerem ramo em frente da capela, quinze dias antes da festa. Os devotos ofereciam para o ramo galinhas, batatas, cebolas, chibos, perus, etc. Logo após havia o leilão destes bens.

Nos últimos anos em que se realizou festa, os festeiros, no Domingo antes da festa, realizaram um peditório pelo povo.

O dinheiro oferecido ao santo, fruto ou não de promessa, pertencia à comissão religiosa.

Perpetuação

Outrora, a festa tinha três festeiros, escolhidos entre as pessoas mais remediadas da terra. Na altura os festeiros de um ano nomeavam os do ano seguinte.

No tempo da guerra, até ao seu término, a festa era organizada pelos soldados.

Outras notas: A Páscoa, o Sagrado Coração de Jesus, Santo António e São Sebastião eram os festejos comemoradas por esta comunidade.

Além da capela de São Sebastião existem os seguintes recintos religiosos: igreja matriz capela de Santo António; capela de Santa Bárbara e no campo a capela de São Geraldo.

Quando os porcos estavam doentes costumavam prometer e posteriormente oferecer, em caso de cura, uma chouriça a Santo António.

Actualmente esta capela é utilizada como capela de velaturas.

Informantes: José Sousa Bispo, 44 anos, Lousa; Maria Dias Silva, 77 anos, Lousa; Maria Oliveira Esteves, 73 anos, Lousa.

Mata (Castelo Branco)

Nesta povoação não existe capela de São Sebastião. A sua imagem está na igreja matriz.

É denominado por Mártir Santo Bendito ou mais raramente por Mártir Santo São Sebastião.

Não se conhece nenhuma história que justifique a festa.

Festa

A festa de São Sebastião era feita em meados Setembro. A informadora mais velha chega a recordar que, quando era rapariga nova, a sua mãe a fazia ir à azeitona enquanto a música percorria as ruas da aldeia.

Agora a festa é em Agosto, juntaram-na com a de Santa Margarida. Assim, dos dois dias de festa um é dedicado a São Sebastião e outro a Santa Margarida.

A data da festa foi mudada porque não havia ninguém para a fazer. Era grande esforço fazer-se uma festa em Agosto e outra em Setembro. Assim, juntas, é mais fácil.

A festa de São Sebastião sempre foi feita no adro da igreja.

Mesmo quando os festeiros não faziam a festa laica, o padre nunca deixou de dizer missa e fazer a procissão Quando não há festa civil a procissão não tem música nem foguetes. Vêm geralmente padres de fora a acompanhar, a missa e a dizer o sermão. Os festeiros pagam o serviço realizado pelos padres e, em contrapartida, ficam com o dinheiro dos santos. Quando não há festeiros os padres nada cobram pelo serviço mas, por sua vez, ficam com o dinheiro do santo (fruto de promessas ou esmolas).

Há algumas dezenas de anos, após a missa e a procissão, iam-se buscar as mordomas (mulheres dos mordomos), em cortejo. As mordomas ofereciam ao Mártir Santo um borrego assado, ou um cabrito, um açafate de maçãs e boa bebida. Estes bens vinham dentro de um tabuleiro que era transportado à cabeça. Na traseira do cortejo vinha a música a tocar. Neste cortejo participavam também crianças com bandejas de "pão leve".

Angariação de meios

Era hábito realizar-se ramo. Os festeiros, para a realização da festa, contavam com a colaboração dos restantes elementos da povoação com ofertas que davam para o ramo. Ofereciam para o ramo de São Sebastião um açafate de maçãs, de laranjas, de cebolas, um pão leve, etc. Eram os festeiros que organizavam o ramo. Todo o dinheiro que faziam no ramo era para o grupo de festeiros e era utilizado nas despesas várias inerentes à festa.

Os festeiros pedem porta a porta, sempre aos Domingos, e demoram quatro ou cinco Domingos para dar a volta completa à povoação. Se os festeiros chegavam à porta de uma qualquer pessoa e esta não tinha o dinheiro que desejava oferecer informava da importância que daria e iria mais tarde levá-lo a casa de qualquer festeiro.

Há alguns anos pertencia aos festeiros o dinheiro que o santo levava na banda. Agora pertence ao padre. Por causa disto segundo a minhas informadoras "chegaram a andar em justiça". O dinheiro do leilão das bandeiras e do andor pertencia também aos festeiros, agora há muito que não se realiza.

Revertia ainda para o grupo de festeiros o dinheiro obtido pelo leilão das ofertas das mordomas.

Procissão

Na procissão saem as figuras de São Sebastião e a de Santa Margarida. No dia de Santa Margarida é esta a última. No dia de São Sebastião é ele. Por serem as festividades em dias seguidos, cada uma das procissões só dá volta a meio povo. O padre não quer dar a volta completa em cada uma das procissões (é-me referido que o padre anterior era mais "competente" que o actual). Sempre que há possibilidades cada uma das procissões dá a volta completa ao povo.

O movimento da procissão, ao longo da povoação, é sempre contrário ao sentido dos ponteiros do relógio.

É o padre que organiza as procissões e, para levar os andores e as bandeiras pede voluntários. Há alguns anos só havia um guião depois, compraram duas bandeiras mas nenhuma delas é do Mártir Santo. Na procissão os homens vão sempre à frente e as mulheres atrás, o padre vai a meio da procissão.

O andor de São Sebastião foi transportado por soldados, quando os havia voluntários, por homens e agora tem sido, muitas vezes, transportado por mulheres, porque não se arranjam voluntários masculinos.

Quando as informadoras eram raparigas novas lembram-se de existir leilão dos andores que terminou há muito. Muito antes de ser proibido pelo bispo.

Era mais ou menos assim: traziam o guião e os andores para a rua e um festeiro punha-se a dizer "quem mais dá? ", "quem mais dá? ". A pessoa que oferecesse o maior lance era-lhe entregue (o guião ou uma das varas do andor) e dava-lhe direito de o transportar durante toda a procissão. Agora pedem por favor para transportar o santo.

O dinheiro sob a forma de notas é pregado, com alfinetes, na banda do santo.

Perpetuação

Quando a festa se fazia em Setembro era organizada por quatro ou cinco festeiros, pessoas casadas e sempre da mesma rua. Havia a tendência de uns festeiros nomearem os vizinhos da mesma rua e quando terminava uma rua passava-se para a outra. Quase toda a gente acabava por ser festeira.

Além da realização, organização e responsabilização da própria festa era função dos festeiros darem de comida aos homens da música, ao do balão e ao fogueteiro, organizarem o ramo, etc.

Com a junção das duas festas deixou de existir o princípio de organização por ruas. Cada elemento pode ser de uma rua diferente. Os festeiros que organizam a festa de São Sebastião passaram a organizar, igualmente, a de Santa Margarida, no dia seguinte.

Nem todos os festeiros nomeados aceitam a função. Porque, uns estão em França, outros em Lisboa, outros porque não têm tempo disponível, outros porque não têm casa, etc.

Há alguns anos a organização da festa era composta por juiz, escrivão e tesoureiro acompanhados por quatro ou cinco mordomos. Agora não há juiz, escrivão ou tesoureiro, "são todos iguais".

No interior do grupo organizativo cada pessoa escolhia um substituto para si próprio. Por vezes procuravam antecipadamente à pessoa se desejava ser ou não festeiro para o próximo ano, mas na generalidade dos casos nem chegavam a perguntar. Muitas vezes até nomeavam, intencionalmente, pessoas com quem andavam zangados.

Os nomes dos festeiros do ano seguinte eram tornados públicos no final da missa, no Domingo antes da festa, através da leitura do seu nome pelo padre.

No último dia da festa a banda vai dar a volta pelos festeiros novos, do ano seguinte. Toca à porta de cada festeiro nomeado. Se o festeiro abre a porta é sinal de aceitar a nomeação. Se não abrir é sinal de recusa.

No passado havia, no mesmo ano, uma rua para organizar a festa de São Sebastião; outra para organizar a festa de Santa Margarida e uma terceira para organizar a festa de São Pedro.

Como foi dito juntaram as duas primeiras havendo uma única comissão. Os festeiros são quase todos "franceses" (emigrantes em França). A festa é feita com aquilo que as pessoas dão.

É hábito os festeiros actuais juntarem-se e comerem no salão, para isso contratam uma cozinheira que lhes prepara a comida. A banda de música contratada come juntamente com os festeiros.

Devoção, promessas

Havia hábito de prometer dinheiro ou acender-lhe algumas velas quando, por exemplo, alguém estava doente. Pediam também protecção para os soldados quando iam para a tropa.

Havia o costume, de que as informadoras mal se lembram, de medirem o santo e atarem um fio à cintura para protecção. Desconhecem que protecção.

As pessoas dividem a sua devoção por São Sebastião e por São Pedro, mas houve maior devoção que agora.

Gastronomia

Nos dias de festa todos as famílias preparam uma refeição melhorada. Quem tem gado mata um cabrito ou um borrego. Quem o não tem sempre compra uns quilos de carne a um qualquer vizinho.

Ao nível dos doces preparam as seguintes espécies: vilas velhas (talhadas de três maneiras), pão leve, broas de leite, casar de santo e borrachões.

Naturalmente que grande número de homens se embebeda.

Há notícia da existência de uma confraria a São Sebastião.

Nesta povoação, no momento da compra do porco, prometiam um chouriço a Santo António caso matassem o animal com bem.

Outras notas: Existe uma imagem sacra de São Salvador do Mundo na sacristia. Costumava participar nas procissões, mas deixou de participar.

Outras festas: Festa de São Pedro, no dia de São Pedro, existe capela de São Pedro.

Informantes: Benvinda Lopes Esteves, 67 anos, Mata; Maria Pires Faustina, 76 anos, Mata.

Medelim (Idanha-a-Nova)

A imagem de São Sebastião encontra-se na respectiva capela, localizada à entrada da povoação, lado nascente. Era, geralmente, conhecido por São Sebastião.

Festa

Não é celebrada festa.

Quando ocorria era no dia 20 de Janeiro.

São Sebastião era tido como o "guardião dos porcos".

A festa de São Sebastião era feita na capela. Havia missa, sermão e procissão. Para o sermão vinham padres de fora. Depois houve um encarecimento deste serviço e passaram só a utilizar o padre da terra.

De fora vinha sempre uma banda de música que acompanhava a procissão e ia tocar à porta da casa dos mordomos. Havia foguetes.

Procissão

A procissão era feita no final da missa do dia da festa. Participavam também na procissão as figuras da Nossa Senhora da Misericórdia e de Santa Madalena, além dos guiões a abrir a procissão. No interior da povoação a procissão seguia o sentido contrário aos ponteiros do relógio.

A procissão era organizada pelos mordomos. O lugar dos homens era sempre à frente e o das mulheres à retaguarda. O padre costumava ir a meio da procissão.

O andor era preferencialmente transportado por homens, quando não havia era levado por mulheres.

Quem desejava levar o santo, na procissão, poderia colocar um lenço, de mão, atado à vara do andor.

O dinheiro, sob a forma de notas, era pregado com um alfinete na fita do santo. Este dinheiro era pertença da comissão ainda que nos últimos anos da festa o padre o desejasse (só o que ia pregado na fita do santo).

A procissão era acompanhada pela banda da música.

Devoção, promessas

As pessoas costumavam prometer ao santo uma chouriça do tamanho do porco, para protecção do animal. A promessa era feita no acto da sua compra.

As mães pediam a São Sebastião para proteger os filhos na guerra. Era também costume prometerem-lhe uma missa na condição de regressarem bem.

Nunca houve o costume de acender velas a São Sebastião.

Não há o costume de oferecer ex-votos a São Sebastião mas sim ao Senhor do Calvário.

Angariação de meios

Havia ramo constituído por bens de vários tipos (melões, feijões, cebolas, ovos, vinho, chouriças, tudo o que se tem em casa) que depois eram vendidos em leilão. O ramo era feito à porta da capela e o leilão realizado pelos festeiros. O dinheiro obtido no leilão era para pagar o serviço religioso, o fogo, a música, reparações na capela, etc.

Perpetuação

A comissão era constituída por quatro, cinco ou seis pessoas. Eram eles que organizavam a procissão, chamavam o padre, a música e tratavam do fogo.

Os três principais elementos da comissão eram o juiz, o secretário e o tesoureiro.

Em cada ano, cada festeiro da comissão nomeava o sucessor para o ano seguinte. Para o facto nem sempre se pedia autorização nem o visado tinha conhecimento prévio. Na tarde do dia da festa, no final do ramo, era dado conhecimento público da comissão para o ano seguinte. O padre não tinha aqui qualquer tipo de intervenção.

Geralmente não eram os mais remediados que faziam parte da comissão “os ricos diziam que se eram os pobres a fazer a festa nunca dava prejuízo”.

Outras notas: A capela de São Sebastião está fechada há muitos anos. Necessita de obras.

São Sebastião costuma acompanhar, na procissão, o Senhor do Calvário no dia da sua festa, em Agosto.

Há intenção de recomeçarem a fazer a festa de São Sebastião.

Medelim tem unicamente a festa do Senhor do Calvário, no último fim-de-semana de Agosto. Por este santo as pessoas continuam a manifestar grande devoção. Recintos religiosos da aldeia: capela do Espírito Santo, São Sebastião, Senhor do Calvário, capela da misericórdia e igreja matriz.

Informantes: Joaquina dos Reis Barata, 73 anos, Medelim; José Marques Rato, 63 anos, Medelim; Luis Nunes Morais, 82 anos, Medelim; Maria Conceição Fonseca, 82 anos, Medelim; Maria José Castiço, 68 anos, Medelim.

Monsanto (Idanha-a-Nova)

Possui capela à entrada da povoação.

No Séc. XVII há referência à capela de São Sebastião e do Espírito Santo. A capela do primeiro estava na altura fora da povoação. A capela do segundo estava no interior do aglomerado populacional (BUESCU, 1984).

A festa de São Sebastião é realizada no primeiro Domingo de Setembro. Os meus informantes nunca conheceram outra data.

Da festa faz parte missa, sermão e procissão.

Há cerca de 50 anos só havia “festa religiosa”. Tinha a duração de um dia e era constituída por missa e procissão. A festa tem, no presente, a duração de três dias.

A festa mais importante da povoação é a da Senhora da Azenha.

Para a procissão do Mártir era hábito “marcarem o andor” com um lenço. Marcavam o andor e as duas bandeiras que compunham a procissão do santo. Esta marcação era feita dois ou três dias antes e consistia na colocação de um lenço atado no andor ou nas bandeiras, sinal de que havia oferta de dinheiro para transporte destes elementos na procissão. A promessa era normalmente o motivo principal para a marcação do andor e das bandeiras, mas podiam existir outros motivos.

Quem marcasse o andor deveria falar com a comissão para a informar do valor da sua licitação. Se surgisse uma melhor oferta, antes de se iniciar a procissão ou durante a sua realização, o andor ou as bandeiras passariam para as mãos do autor do lance mais

aliciante. Naturalmente que só era cobrado o valor da melhor oferta e o seu autor podia não fazer todo o percurso da procissão.

No tempo da Guerra do Ultramar era costume, nas procissões, São Sebastião ser transportado pelos militares depois de terem terminado o serviço militar.

Em alturas de grandes aflições era costume, por parte da população, acender uma, ou mais, velas ao santo.

Por sua vez, prometiam ao santo, se algum suíno adoecia, uma chouriça do tamanho do animal doente, caso recuperasse.

A comissão organizadora da festa é nomeada para três anos.

Para angariarem meios para a festa é costume a comissão pedir “dinheiro pelas portas”. Dentro das suas possibilidades todas as famílias participam.

Cada festeiro, no dia da festa, oferece ao Santo um bolo mandado fazer em Castelo Branco que, por sua vez, é leiloado revertendo o valor para a festa.

Antigamente faziam o ramo (que não era mais que uma mesa que punham no largo, não em frente da igreja) e cada pessoa que o desejasse colocava sobre ela os produtos (batatas, chouriços, cebolas, melancias, azeite, etc.) a oferecer ao santo.

O dinheiro é a oferta que mais fazem ao santo (no peditório pelas portas, fruto de promessas, ou outras dádivas). Segundo a minha informante, o dinheiro dado ao santo é retirado pelo pároco, contrariamente à vontade de muita gente que preferia que fosse para a comissão da festa.

Primitivamente o azeite era a oferta mais frequente.

No interior da aldeia existe a capela do Espírito Santo.

Informante: Leonor Xavier, 64 anos, Monsanto.

Bibliografia: BUESCU, 1984.

Partida (Castelo Branco)

A imagem de São Sebastião está na respectiva capela.

Há festa de São Sebastião com missa, sermão e procissão. É preferencialmente denominado por Mártir São Sebastião.

Festa

A festa realiza-se na área envolvente da capela.

Por ocasião da festa vão buscar o santo à sua capela. Umas vezes é em procissão outras vezes são os festeiros que o trazem.

A festa realiza-se no fim-de-semana mais próximo do dia 20 de Janeiro.

Tem vindo um padre de fora (ao qual se paga) colaborar na realização dos festejos.

Para festejar a festa cada família mata uma cabeça de gado (cabra, cabrito). A carne depois de temperada é assada no forno, na véspera ou no próprio dia da festa. Ao nível de doces costumam fazer tigeladas, filhós ou cascoréis e outros bolos.

Procissão

É feita no final da missa. Na procissão apenas participa São Sebastião. O actual padre não permite a participação de qualquer outro santo (há um permanente estado de tensão, por causa das festas, entre o padre e o povo). Sempre que é possível levam outros santos na procissão para angariarem mais dinheiro.

Até há pouco tempo eram leiloadas as pernas do santo. Arrematavam-nas, geralmente, quem tinha promessa de levar o santo na procissão. Cada uma das varas do andor chegou a render 20 mil escudos e mais. O sentido da procissão é contrário aos ponteiros do relógio. É organizada pelos festeiros. O lugar dos homens é sempre à frente e o das mulheres atrás, ambos em duas filas paralelas. O padre vai a meio da procissão, atrás do santo. A bandeira de São Sebastião e as lanternas abrem a procissão.

Como não é permitido leiloar o andor, este é levado por quem tem promessa.

O dinheiro oferecido ao santo é colocado numa bandeja ou numa “árvore” artificial, cujos galhos estão forrados e do quais pendem fitas onde se espetam as ofertas em dinheiro.

Devoção, promessas

A São Sebastião pediam protecção para os porcos, para os filhos que andavam na Guerra do Ultramar e para “olhar” pela saúde das pessoas de família. Ofereciam-lhe, no cumprimento de promessas, velas do tamanho da pessoa para quem era pedido auxílio.

Dantes comprava-se uma fita, media-se o santo e mandava-se a fita com os soldados para os proteger.

Angariação de meios

O dinheiro da arrematação do andor era para pagar ao padre de fora e o restante para a comissão de festas.

Era hábito fazer um ramo no dia da festa de São Sebastião. Para esta mesa as pessoas ofereciam chouriços, ovos, feijão, batatas, etc. cada um dá o que pode. Estes bens eram colocados sobre a mesa, junto da capela, e depois eram leiloados.

Os festeiros também tinham que fazer uma oferta. Ofereciam então filhós, um bolo, garrafas de bebida, frangos assados. Estes bens eram colocados à venda sob a forma de leilão. Mas se não houvesse comprador eram novamente trazidos para casa.

No Domingo Gordo ou no Domingo Magro três rapazes, dos que vão à inspecção militar, faziam um peditório de chouriças. Para isso um pegava "numa árvore com pernadas" e punha lá duas ou três chouriças dependuradas os dois restantes levavam um cesto onde as chouriças oferecidas eram colocadas. Os rapazes não podiam com a "árvore" carregada de chouriças por isso levavam o cesto. Após o peditório a árvore é colocada junto da capela do santo, dependuram na "árvore" todos os chouriços recebidos e seguidamente eram leiloados. Enquanto o leilão se vai efectuando, os rapazes, e não só, assam umas chouriças e bebem uns copos de vinho. O vinho é oferecido pelos próprios festeiros.

Perpetuação

A comissão de festas é constituída por um juiz, um tesoureiro, um secretário e três mordomas, que são as mulheres dos elementos mencionados. Esta comissão fazia a festa de São Sebastião em Janeiro e voltava a fazê-la em Setembro.

Primitivamente eram nomeados no dia primeiro de Janeiro. Mas deixaram de o ser em virtude de chegado ao dia 20 de Janeiro, dia da festa de São Sebastião, não terem realizado dinheiro para a festa. Tornando-se então complicado organizá-la.

A nomeação acontece depois do fecho das contas da festa de 20 de Janeiro. São estes elementos que irão fazer a Festa de Setembro e a Festa de Janeiro do ano seguinte.

Cada elemento da comissão nomeava e nomeia um seu substituto. Não davam conhecimento prévio ao visado de que iria ser nomeado.

Depois das contas feitas e os substitutos escolhidos entregavam-se os nomes ao padre para que este os anunciasse publicamente na missa.

Outras notas: A capela de São Sebastião é utilizada como capela mortuária.

Outras festas desta comunidade: São Sebastião (Janeiro e Setembro), São Tiago (Maio ou Junho), Santo António e Senhora de Fátima (Agosto).

Havia na capela de São Sebastião uma figura sacra deste santo, muito pequenina e em muitíssimo mau estado de conservação. Não estava ao culto. Os festeiros resolveram enterrá-la no cemitério.

Informante: António Augusto Alves, 44 anos, Partida; Maria dos Anjos Fernandes Marques Alves, 42 anos, Partida.

Bibliografia: LEITÃO, 1991, p.75-76.

Penha Garcia (Idanha-a-Nova)

Existiu uma capela de São Sebastião no limite sul da aldeia (sopé do morro). Há cerca de 20 anos estava em plena ruína.

Não há culto a São Sebastião, participa apenas na procissão da festa do Verão.

A imagem encontra-se na capela do Espírito Santo.

Informante: Maria da Conceição Martins, 36 anos, Penha Garcia.

Póvoa de Rio de Moinhos (Castelo Branco)

Tem capela de São Sebastião com a respectiva imagem. Figura bem conservada. A capela continua ao culto. Localiza-se no interior do perímetro urbanizado, antes da expansão da aldeia estava no extremo sul da povoação.

Esta capela é utilizada como capela de velaturas.

É denominado preferencialmente por Mártle (ou Mártil) São Sebastião.

Festa

Tem festa anual no dia 16 de Agosto. Antes desta data a festa realizava-se a 4 de Outubro. Depois "todos puxavam só para as festas do Verão" e mudaram a data.

A festa é composta por missa, sermão e procissão. Geralmente vinham padres de fora dizer o sermão e faziam-se pagar por este serviço. Referem-me que não era um serviço barato.

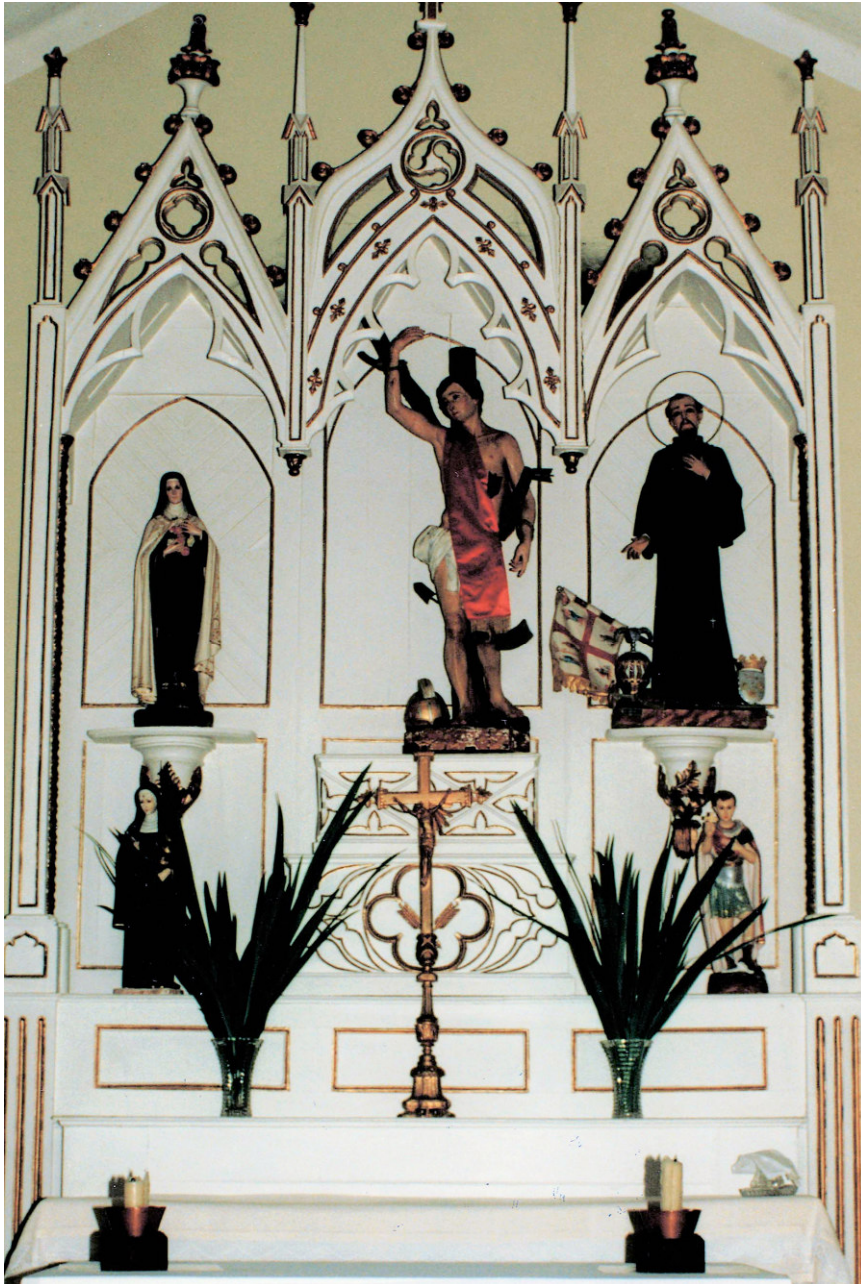



Figura 14. Altar-mor da Capela de São Sebastião, Póvoa de Rio de Moinhos.

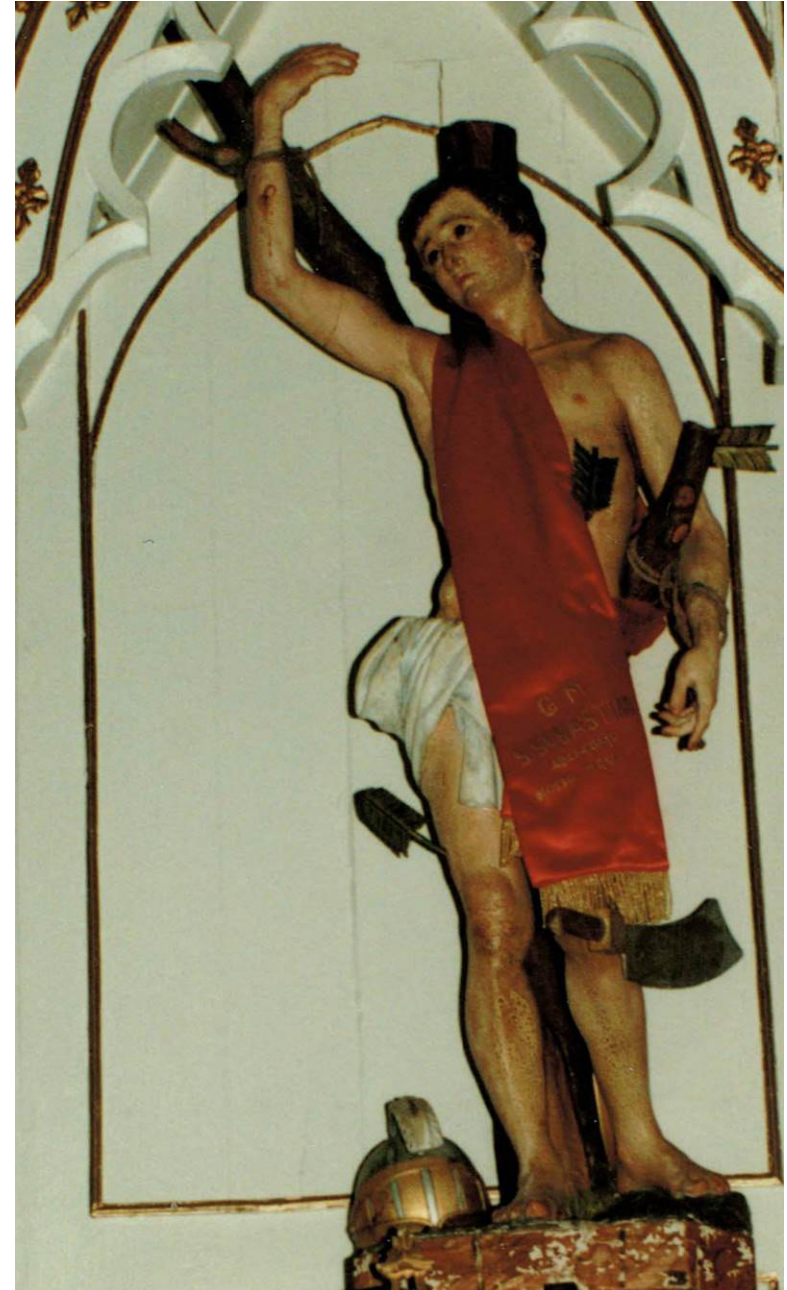



Figura 15. Imagem de São Sebastião, Póvoa de Rio de Moinhos.

São Sebastião nos dois dias da festa vai para a igreja matriz. O percurso de ida e volta com o santo é feito em procissão.

Há arraial.

Procissão

A procissão realiza-se no final da missa. Além de São Sebastião participa São Lourenço.

Para adornar o andor não há flores, nem cores específicas.

A procissão era acompanhada pela música. E, pela informação recebida, parece seguir o sentido dos ponteiros do relógio.

Os interessados em levar o santo na procissão “compravam as pernas do andor”. Esta prática, na actualidade, só se realiza para a Senhora da Encarnação.

No final da missa o padre pede voluntários para levar o andor, geralmente homens (não interessando o estado civil). Quando não há homens são as mulheres que o levam, o que acontece cada vez com mais frequência.

Na procissão o lugar dos homens era sempre à frente e as mulheres iam na retaguarda.

A bandeira de São Sebastião era a única que costumava participar.

O dinheiro oferecido ao santo durante a procissão é deposto numa bandeja e reverte para a instituição religiosa. Na nossa Senhora da Encarnação é costume colocarem o dinheiro (notas) pregadas no manto com um alfinete.

Quando havia juiz era ele que disciplinava a procissão.

Devoção, promessas

Nas grandes aflições era costume acenderem um pavio, a São Sebastião (existe pouco este hábito, no presente, por estar a capela sempre fechada entre outras razões, naturalmente).

Quando os filhos iam para a tropa ou para o ultramar prometiam dinheiro a São Sebastião, para voltarem com saúde. Houve um incremento do culto a este santo na altura da Guerra do Ultramar.

Quando os porcos adoeciam prometiam, a São Sebastião, caso o animal se restabelece, uma garrafa de azeite ou uma fita.

Pude observar dois ex-votos em cera (pequenas figuras antropomórficas) nesta capela.

Angariação de meios

Não se faz ramo para a festa de São Sebastião. O ramo era feito na praça, uma única vez por ano. O ramo era organizado por senhoras.

Ofereciam para o ramo açafates de cebolas, batatas, fruta, pão, laranjas, etc.

O dinheiro do leilão do ramo revertia para a instituição religiosa.

Perpetuação

As pessoas que organizam a festa de São Sebastião são os festeiros que diferem de ano para ano. Há juiz, secretário e tesoureiro. Antigamente só os ricos podiam ser juízes. Há cerca 70 ou 80 anos os festeiros de um ano nomeavam o juiz do ano seguinte, que depois escolhia os restantes elementos da equipa. Presentemente, cada indivíduo nomeia um outro, depois elabora-se uma relação e entrega-se ao padre para publicitar os novos festeiros.

São nove ou dez festeiros nomeados, alguns acabam por recusar. Muitas vezes permanecem três, quatro ou cinco e, outras vezes, nenhum. Quando assim é só há festa religiosa, não há festa laica.

Não se pede prévia autorização ao próprio para o nomear festeiro. Por vezes chega a ser nomeado por “birra”.

Quando as despesas são superiores às receitas os festeiros devem repor a diferença. Há algumas dezenas de anos atrás esta situação acontecia com frequência.

Informantes: Joaquina Nunes Pereira, 60 anos, Póvoa Rio de Moinhos; Ludovina da Conceição, 85 anos, Póvoa Rio de Moinhos; Maria de Fátima S. Pereira, 53 anos, Póvoa Rio Moinhos.

Proença-a-Nova

“Ornam esta vila três ermidas ou capelas convém a saber: a do Divino Espírito Santo dentro do âmbito da Vila; a do S. Sebastião e da Nossa Senhora das Neves contíguas à mesma Vila e na distância de dois tiros de espingardas está a ermida de S. Bartolomeu para a parte do nascente” (*Estudos de Castelo Branco*, nº 41/42, 1972 “Ermidas de Proença-a-Nova”: a partir de Informação Paroquial. Vol.30 do Dicionário Geográfico de P. Luis Cardoso, Nº202, p.1959).

A capela de São Sebastião guarda a imagem deste santo. Continua ao culto. Está localizada na entrada sul da povoação. É utilizada como capela mortuária. É vulgarmente denominado por São Sebastião.

Havia festa a 20 de Janeiro, com missa, dita na capela do santo, procissão e fogaças. No presente celebra-se missa.

Procissão

Na procissão só participavam um crucifixo, que abria a procissão, e a figura de São Sebastião. Nesta procissão não participavam bandeiras.

Os homens seguiam atrás da cruz que abria a procissão. A figura sacra seguia no final dos homens e depois o restante povo.

Festa, perpetuação

Não se realiza festa laica, apenas religiosa. Eram os rapazes que iam nesse ano para a tropa (depois da inspecção militar) que a organizavam e levavam, na procissão, o andor de São Sebastião.

Os organizadores da festa não necessitavam de avançar com dinheiro. Informavam apenas o padre de que a organizariam nesse ano.

Devoção, promessas, angariação de meios

Havia nesta povoação uma grande devoção por São Sebastião. Era hábito, as pessoas, dirigirem as suas preces a este santo para os livrar da fome, da peste e da guerra. Mas era essencialmente invocado para cura dos animais doentes, sobretudo suínos. Quando o porco estava doente prometia-se ao santo uma chouriça do tamanho do animal, caso se curasse.

Se o animal sobrevivia, à doença que o vitimou, na altura da matança faziam um grande chouriço que levavam para a igreja e colocavam-no sobre um altar, ao fundo da igreja matriz. No final da missa era leiloado. O dinheiro assim obtido revertia para a igreja matriz.

O tipo de prática atrás referida (oferta de chouriços a São Sebastião e pedido de protecção para os suínos) remonta, segundo os meus informantes, há cerca de 30 anos, porque até aí era essencialmente canalizado para Santo António.

Não havia costume de oferecem azeite para alumiar o santo, nem de fazerem novenas, prática frequente para o Espírito Santo.

Por altura da festa ofereciam ao santo fogaças constituídas por uma galinha, chouriços, queijos, etc. As fogaças iam dentro de um açafate de verga e participavam na procissão.

Tal como na Sobreira Formosa, também aqui havia o hábito de colocarem dois cestos de vime (um em cada lado da porta da capela), para receber as oferendas a São Sebastião, um era para queijos e outro para enchidos. Estas ofertas eram leiloadas, à porta da capela, no final da procissão. O leilão era geralmente feito por um casal (quase sempre o mesmo) que não pertencia ao grupo dos rapazes que organizavam a festa. Quando não havia leilão uma pessoa ficava com todos estes produtos.

O dinheiro obtido pela venda das ofertas a São Sebastião era administrado pela confraria. Aqui cada capela tinha a sua confraria que se encarregava da higiene, segurança e de outros assuntos relacionados com a capela. As únicas confrarias activas são a do Santíssimo e das Almas.

Não havia hábito de oferecer ex-votos a São Sebastião.

Outras notas: Não se preparava, para este dia, comida especial.

Estas festas mobilizavam muita gente.

Além da capela de São Sebastião temos, presentemente, as capelas do Espírito Santo, de São Bartolomeu e de Santo António.

Este culto não ganhou dinâmica com a Guerra do Ultramar.

Informantes: Padre Escarameia, Vila Velha de Ródão; Maria Alice Dias Cardoso, 55 anos, Proença-a-Nova.

Bibliografia: CATHARINO, 1933.

Proença-a-Velha (Idanha-a-Nova)

Houve capela de São Sebastião implantada na entrada sudoeste da povoação, ao lado da mais importante via. Há cerca de 50-60 anos estava em ruínas (restavam as paredes laterais em mau estado). No referido lugar construíram um chafariz, denominado “chafariz de São Sebastião” que se mantém até aos dias de hoje.

A sua imagem está na sacristia da igreja matriz. Não é cultuada nem sai nas procissões.

Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)

Existe na capela da misericórdia uma pequena imagem do mártir São Sebastião.

Não há notícia de culto a esta imagem.

No interior da povoação existe a capela ao Espírito Santo.

Bibliografia: CHAMBINO, Inédito.

Salgueiro do Campo (Castelo Branco)

Tem capela e imagem de São Sebastião. No decorrer das obras de recuperação da capela a imagem esteve, durante alguns anos, na igreja matriz.

Na povoação é denominado por Mártil São Sebastião.

Fazem festa de São Sebastião.

Festa

É tida como uma festa muito antiga. Ocorre no Domingo mais próximo de dia 20 de Janeiro e nunca se conheceu outra data.

A festa consta de uma missa com sermão evocativo do santo. No passado chegavam a vir padres de fora para fazer o sermão, agora não. Há procissão.

Os padres que vinham de fora eram pagos pelos seus serviços, ainda que não fossem caros. "Os sacerdotes nunca trabalharam caro." No dia da festa iam buscar, em procissão, o santo à sua capela para a igreja matriz, onde celebravam missa. A capela é muito pequena, no mesmo dia voltava ao lugar de origem.

Em alguns anos há baile próximo da capela.

As ofertas em dinheiro são colocadas numa bandeja (as moedas) ou pregadas com um alfinete na banda do santo (as notas). Este dinheiro e o obtido do leilão das varas do andor é utilizado nas despesas inerentes à capela ou vai para a comissão fabriqueira.

A festa do Mártir é, hoje, uma celebração para não esquecer o santo.

No dia da festa as mulheres erguiam o mastro que consistia no seguinte: uma vara comprida, o mais comprida possível, tanto quanto possível de eucalipto para se tornar mais leve, terminando em cruz e que as mulheres erguiam junto da capela de São Sebastião.

Figura 16. Imagem de São Sebastião, Salgueiro do Campo.

A cruz era de madeira (duas ripas cruzadas) e estava pregada ao corpo do mastro. Antes do mastro ser erguido cada família da povoação atava uma fita, de cor variada, à dita cruz. Depois o mastro devia manter-se ali até cair ou até ser substituído no ano seguinte.

O mastro era pedido ao dono de uma serração.

Procissão

Realizava-se imediatamente a seguir à missa e apenas com a imagem de São Sebastião. O sentido do seu percurso, no interior da aldeia, era sempre contrário ao sentido dos ponteiros do relógio.

A procissão é organizada e disciplinada pelo pároco e pela comissão religiosa da capela de São Sebastião.

Na procissão o lugar dos homens era sempre à frente e as mulheres atrás, próximo do andor. As crianças iam geralmente entre as mulheres ou iam a ladear o andor. Agora já se começam a misturar homens e mulheres. O andor encerrava a procissão. É frequente acompanhar a procissão com velas acesas.

No passado havia territórios bem definidos de crianças, homens e mulheres, isto nas procissões, nos funerais e mesmo no interior da igreja.

Na procissão, além da imagem do Mártir Santo costumava participar a bandeira respectiva que seguia na parte dianteira da procissão, entre os homens. Ultimamente a bandeira não participa, devido à colocação de fios de vária ordem (para electricidade, telefone).

O andor era transportado, por vezes, por jovens que andavam no serviço militar (em tempos recentes).

Há muitos anos havia leilão das varas do andor, à porta da igreja, antes de se dar início à procissão. Vencer o leilão dava direito ao transporte do andor durante toda a procissão. O leilão era geralmente feito por um elemento da comissão.

Para a decoração do andor não havia flores nem cores específicas.

Devoção, promessas

São Sebastião é aqui invocado pelas mães e pais para protecção dos filhos que têm no serviço militar ou na guerra e para protecção dos animais suínos. Para este último caso prometiam uma linguiça, do tamanho do porco, caso o animal não morresse de doença. A promessa era geralmente feita no acto da compra do animal.

Angariação de meios

No dia da festa do santo era costume colocar uma mesa, junto da capela, e cada pessoa oferecia dinheiro ou outras esmolas.

Perpetuação

Há alguns anos constitui-se uma comissão para reparar a capela. Esta comissão durou muito tempo. Depois, os seus elementos foram morrendo e não se sentiu, ou sente, necessidade dos restantes elementos recrutarem outros novos. Esta comissão não existe. Era ela que organizava a festa e que angariava os meios para a reparação da capela.

É o padre que organiza a festa, convidando duas ou três pessoas para o ajudar. Uma destas pessoas fica na “mesa” que se constitui à porta da capela e que recebe o dinheiro das ofertas ao santo. Este dinheiro é uma esmola e não o resultado de qualquer tipo de promessa.

Outras notas: Acontece, em alguns anos, fazerem uma novena ao santo uns dias antes da festa.

Houve um nítido incremento de culto a São Sebastião durante a Guerra do Ultramar. Nenhum soldado natural do Salgueiro morreu nesta guerra. Morreram três rapazes aqui casados mas não eram naturais daqui. Nessa altura a festa acontecia todos os anos com grande participação e devoção das pessoas.

Não há capela do Espírito Santo.

Além da festa de São Sebastião temos, no Verão, a festa de São Pedro.

Informante: Rafael Agostinho Afonso Lourenço, 56 anos, Salgueiro do Campo.

Bibligrafia: AGOSTINHO, 1982.

Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova)

Existe na igreja matriz desta povoação as figuras sacras de São Sebastião e do Espírito Santo (BARGÃO, 1945).

Em 27.12.92 estive no local. Os meus informadores (Sr. presidente da junta de freguesia de Salvaterra e outros pessoas, de ambos os sexos, que na ocasião estavam junto dele) desconheciam a existência da figura de São Sebastião na igreja. É natural que há 50 anos esta imagem tenha estado exposta. Informaram-me, complementarmente, da existência de muitos santos velhos detrás do altar-mor desta igreja.

Bibliografia: BARGÃO, 1945.

São Miguel de Acha

A imagem de São Sebastião encontra-se na capela do mesmo nome, implantada no extremo poente da aldeia e junto de um dos caminhos que dão acesso a São Miguel de Acha.

É mais conhecido por Mártir São Sebastião e segundo as minhas informantes é um santo milagroso.

Festa

É celebrada missa na capela do santo no dia 20 de Janeiro, não se realiza procissão. No Domingo anterior a 20 de Janeiro, ou dia 18, vinham buscar, em procissão, São Sebastião para a igreja matriz. No dia da festa traziam-no novamente em procissão até à sua capela, onde se dizia missa e sermão. Vinham quase sempre padres de fora. A verdadeira procissão saía daqui e aqui voltava. Vinha, nesta ocasião, uma banda música para enriquecer a festa.

Procissão

Na procissão participava a figura de São Sebastião e, algumas vezes, a da Nossa Senhora das Graças. Percorria a aldeia no sentido dos ponteiros do relógio. Era disciplinada pelo sacristão ou pelos homens da confraria (ligada à igreja). Na procissão o lugar dos homens era sempre à frente, as mulheres iam à retaguarda. Não participavam bandeiras.

Devoção, promessas

Para “livrar” (prevenir) as pessoas (crianças, homens e mulheres) das “bexigas” e outras “malinas” costumavam as mulheres medir a altura do santo, depois da procissão, com um fio de algodão que depois colocavam ao pescoço dos filhos, dos maridos e delas próprias. O fio devia manter-se ao pescoço até cair de velho. No ano seguinte repetiam a operação.

Figura 17. Capela de São Sebastião, São Miguel da Acha.

Fruto de promessa eram geralmente distribuídas picas no dia da festa, no final da missa, à porta da capela. As picas são pequenos pães, do tamanho de duas carcaças. São amassadas com azeite, o que lhes dá uma coloração exterior diferente daquela que tem o pão. Estas picas tomavam o nome de santórios. As últimas picas que se distribuíram (há cerca de quatro anos) foram feitas no padeiro. Tinham uma grande procura. Quem as distribuía tinha a preocupação de guardar o número suficiente para as pessoas acamadas ou que não puderam vir à missa. As picas não eram benzidas antes da distribuição.

As mães, quando os filhos iam para o ultramar, costumavam prometer ao santo uma fita vermelha se os filhos regressassem bem. Este culto, nesta época, sofreu um nítido incremento.

Era e é costume oferecer azeite ou velas ao santo para o alumiar.

Figura 18. Imagem de São Sebastião, São Miguel da Acha.

Recorriam ao santo para protecção de qualquer animal doméstico doente.

Nunca se conheceu o hábito de oferecer ex-votos a São Sebastião.

Angariação de meios

Não se fazia ramo para São Sebastião. Fazia-se para a Senhora do Miradoiro, para o Sagrado Coração de Jesus, para São José e Nossa Senhora da Conceição.

No final da missa havia, no exterior da igreja, o leilão do andor. O leilão era muitas vezes feito pelo sacristão ou por alguém ligado à confraria.

As ofertas dos devotos eram essencialmente em dinheiro que colocavam no dia da festa na fita do santo, pregado com um alfinete.

O dinheiro ficava para "benefícios da igreja".

Perpetuação

Quando a festa tinha alguma força havia uma comissão que a organizava. Naturalmente que há muito tempo que não existe.

Outras notas: Nunca se conheceu confraria de São Sebastião. A única que se conheceu estava ligada à igreja matriz.

Outras festas desta comunidade: a Senhora do Miradoiro; Sagrado Coração de Jesus; São José e Nossa Senhora da Conceição.

Não há capela do Espírito Santo. As capelas existentes na povoação são a de São Pedro, a da Senhora do Miradoiro, Santa Catarina e Santo António.

Informantes: António Manuel Pina da Costa, 35 anos, São Miguel de Acha; Aurora Pires Gomes, 63 anos, São Miguel de Acha; Ermelinda de Jesus, 85 anos, São Miguel de Acha; Jaime Torres, 63 anos, São Miguel de Acha.

São Vicente da Beira (Castelo Branco)

A imagem de São Sebastião está na respectiva capela, localizada à entrada sul da povoação e datada de 1735.

É preferencialmente denominado por Mártir São Sebastião.

A festa é realizada no segundo Domingo de Fevereiro e nunca se conheceu outra data para a sua concretização. Desde há cinco anos que recomeçaram a fazer festa, porque

não se realizava há mais de doze anos. A festa sempre se realizou na área adjacente da capela.

Festa

A festa é constituída por missa, sermão e procissão. Não costumam vir padres do exterior para pregação do sermão ou auxiliar à missa.

Há muitos anos, do programa da festa, chegaram a constar foguetes. Agora não há meios para os comprar. Não há notícia da existência de bailes.

Na ocasião da festa e especialmente na procissão, era hábito as crianças levarem uma fita vermelha, traçada sobre o peito e obtida por medição do santo da mão direita até ao pé direito. Esta fita servia para protecção da varíola. No dia seguinte à festa esta fita passava do exterior para sob a roupa e era usada durante o ano inteiro. No ano seguinte seria substituída, por outra fita.

A festa realiza-se em Fevereiro mas não contém elementos carnavalescos.

Procissão

A procissão realiza-se a seguir à missa e nela participam a figura do Mártir e da Senhora da Conceição. Não há ninguém específico que discipline a procissão. Ao longo da povoação a procissão movimenta-se em sentido contrário aos ponteiros do relógio.

As mulheres ocupavam a dianteira da procissão e os homens a retaguarda. No presente não há lugares pré-determinados. O lugar do padre é atrás da imagem.

Era costume participarem as bandeiras de São Vicente, do Santíssimo Sacramento, da Nossa Senhora de Fátima e da Nossa Senhora da Orada. Todas as bandeiras vão ao longo da procissão e à frente da imagem.

O andor é transportado por militares, caso os haja, senão por rapazes novos. Houve procissões em que foi transportado por mulheres mas é quase sempre transportado por homens.

Antes da proibição episcopal havia leilão das varas do andor. O leilão do andor era feito no final da missa por um elemento ligado à comissão, enquanto houve, ou por alguém

Figura 19. Capela de São Sebastião, São Vicente da Beira.

Nunca houve hábito de colocar dinheiro na banda do santo. O dinheiro era colocado numa bandeja que estava em frente do andor. Durante a procissão ninguém dava dinheiro.

A decoração do andor é feita com flores diversas, a cor vermelha tem forte presença.

O dinheiro obtido revertia e reverte a favor da igreja.

Devoção, promessas

Nas grandes aflições é hábito acenderem-se velas a São Sebastião. As pessoas recorrem muito ao santo quando há varíola, assuntos militares e mesmo doenças de sangue. Não há hábito de oferecer ex-votos a São Sebastião.

A protecção para os animais (essencialmente porcos) era pedida a Santo António.

Angariação de meios

O ramo era feito no adro da capela do santo, uma vez por ano, no dia da festa. Para o ramo oferecem dinheiro e produtos como ovos, bolos, carne de porco, produtos hortícolas. Estes bens não são fruto de uma promessa mas de devoção.

Os bens do ramo vendem-se em leilão, no adro da capela e no dia da festa.

O dinheiro obtido vai para a comissão religiosa.

Perpetuação

Chegou a existir uma comissão, para tratar dos assuntos relacionados com a festa, composta por indivíduos do bairro onde está implantada a capela de São Sebastião. Depois os elementos foram-na abandonando e a comissão deixou de existir. É o padre que trata de qualquer assunto.

Outras notas: O culto a São Sebastião não teve desenvolvimento durante a Guerra do Ultramar. Para protecção dos soldados na guerra, os pais dos soldados preferiam recorrer ao Senhor Santo Cristo.

Não há capela nem imagem do Espírito Santo.

Calendário das festas ao longo do ano: 22 de Janeiro - São Vicente; 2º Domingo de Fevereiro - São Sebastião; Março - São José; 2º Domingo da Quaresma - procissão da Ordem Terceira, Festividades da Semana Santa; Páscoa; Abril - Santa Bárbara; 4º Domingo de Maio - Nossa Senhora da Orada; Julho - Festa de Santo António; Agosto - Festas do Verão: Santíssimo Sacramento, Senhor Santo Cristo e Nossa Senhora do Carmo; Outubro - Nossa Senhora de Fátima.

Informante: João dos Reis Couto, 67 anos, São Vicente da Beira.

Sarnadas de Ródão (Vila Velha de Ródão)

Nesta povoação é costume cantarem-se as alvíssaras (no sábado de aleluia à meia noite) onde se incluem quadras dedicadas a São Sebastião. Assim:

Já os passarinhos cantam
Na roseira do Japão!
Vimos dar as Alvissas
ò Martele Sam Sabastião.
(AFONSO, 1985)

ò Mártir São Sebastião
O vosso altar tem fitas
A nossa Senhora Santana
Manda-vos muitas visitas.
(HENRIQUES, 1985)

Dai-me as alvíssaras Senhor
Dai-me as alvíssaras que fui eu a primeira
Dai-me as alvíssaras que fui eu a primeira
Eu fui a que as pôs no adro
E um raminho de oliveira
E um raminho de oliveira.

Os passarinhos cantam
Linda rosa em botão
Linda rosa em botão
Vimos dar as alvíssaras
Ao Martle São Sebastião
Ao Martle São Sebastião.
(PAULA e SÃO, inédito)

A figura Sacra de São Sebastião está na igreja matriz da povoação. É o santo padroeiro.

Na povoação é preferencialmente denominado por Mártir São Sebastião ou Mártir Santo. Entre a gente mais nova é conhecido por São Sebastião.

A festa religiosa é composta por missa, sermão e procissão.

Festa

A festa é no primeiro Domingo de Setembro. Realizava-se no adro da igreja, mas foi transferida para o largo da escola em recinto preparado para o efeito.

A festa religiosa é feita e organizada pela igreja. Para a festa eram contratados três padres a quem se pagava pelos seus serviços. Por vezes havia quem prometesse a São Sebastião um sermão, então era essa pessoa que pagava ao padre que o fazia.

A festa laica é organizada por quatro, cinco ou seis festeiros.

No "tempo dos estudantes" (há 60, 70 anos atrás) eram eles que organizavam a festa e, na procissão, eram eles que pegavam no pálio. No dia da festa era também hábito colocarem na porta pequena da igreja, porta lateral, umas lanternas acesas.

Procissão

Na procissão São Sebastião é acompanhado pelo Espírito Santo e por Santa Ana.

O andor de São Sebastião é o último, logo seguido pelo pálio e pela banda da música.

O andor de São Sebastião é transportado por quem tem promessa. Se há muitas pessoas com promessa uns levam-no um bocado e outros outro.

O dinheiro costuma ir colocado na fita do santo e, durante a guerra colonial eram os soldados que ofereciam mais dinheiro ao santo, fruto de promessa. No presente, são os emigrantes.

Era frequente ver-se na procissão crianças, vestidas de anjo, atrás do andor do santo a quem foi feita a promessa, esta prática não se verifica.

Devoção, promessas

As pessoas continuam a ter uma grande devoção por São Sebastião. Prova disso é que durante as procissões o seu andor é o que leva maior quantidade de ofertas.

As pessoas recorrem a São Sebastião em altura de grandes aflições (individuais). Prometiam-lhe acender uma vela, ou uma lamparina com azeite, uma novena, etc.

Na altura da Guerra do Ultramar as pessoas recorriam, com muitas ofertas, a São Sebastião, porque o têm como protector dos soldados. Quando do regresso da guerra era costume, os militares, oferecerem-lhe as suas divisas ou galões.

Há alguns anos não era raro oferecerem, a São Sebastião, ex-votos de cera, como cumprimento de promessas de conteúdo vário.

A São Sebastião "entregava-se-lhe o porco para que ele o protegesse, em troca prometia-se-lhe uma chouriça do seu tamanho.

Até há poucos anos era possível observar ofertas, a este santo, constituídas por primícias da horta. Estas primícias eram depois leiloadas e o dinheiro revertia a favor da igreja.

Angariação de meios

As chouriças que ofereciam a São Sebastião eram leiloadas por miúdos que andavam rua abaixo, rua acima dizendo: "quem mais dá por esta chouriça para São Sebastião", isto há 50 ou mais anos. O dinheiro obtido deste leilão revertia a favor da igreja.

Perpetuação

O juiz de um ano escolhia o juiz do ano seguinte. Em cada ano cabia ao juiz escolher os restantes elementos (festeiros) para colaborarem consigo na organização da festa.

Mais recentemente é um número indeterminado de festeiros. Foi hábito existirem soldados como parte desta comissão.

Outras notas: Na meia-noite de 19 para 20 de Janeiro era hábito tocarem o sino. Desconhecem o porquê.

É costume cantarem as alvíssaras a São Sebastião, mas não estão relacionadas com a festa. As alvíssaras são cantadas no Sábado de Aleluia à meia-noite. Vários grupos de pessoas, um de cada rua pretende ser o primeiro a chegar à porta lateral da igreja para começar a cantar as alvíssaras logo que o sino dê as doze badaladas. Depois vão cantá-las à porta do senhor padre, do sacristão, às portas das capelas e pelas ruas todas.

Por altura da festa toda a gente matava uma cabra ou um borrego para fazer "sopas de carne fresca". Ao nível da doçaria faziam tigeladas, arroz doce, esquecidos e bolo finto.

Existe grande número de indivíduos de nome Sebastião.

Existe capela do Espírito Santo.

Informantes: João Gonçalves Santos, 72 anos, Sarnadas de Ródão; Maria Salete Oliveira Gonçalves, Sarnadas de Ródão; Tomás Farinha, 58 anos, Sarnadas de Ródão.

Bibliografia: AFONSO, 1985; HENRIQUES, 1981; HENRIQUES, 1985; PAULA e SÃO, inédito.

Sarzedas (Castelo Branco)

Existe capela de São Sebastião a uns 600 metros a nascente de Sarzedas. Tem um só altar com a imagem do santo (*Estudos de Castelo Branco*, vol. 22, 1967, p.121).

Em 29.04.1824

Possui esta vila o São Sebastião no altar-mor da matriz, ao lado da Nossa Senhora da Conceição (orago) e de São José.

Houve capela do Espírito Santo (*Estudos de Castelo Branco*, vol. 21, p.106).

"As principais festividades realizadas em Sarzedas são: Endoenças, que já foram de extraordinária pompa; Festa do Coração de Jesus (primeira comunhão das crianças) e Festas de Setembro. Estas últimas são o resultado de uma promessa, feita remotamente a Nossa Senhora e ao Mártir S. Sebastião aquando de uma epidemia que vitimou inúmeras pessoas. Festa de penitência, anualmente celebrada, era levada a efeito por uma comissão de que faziam parte quatro senhoras, as quais, vestidas de luto e descalças, acompanhadas por quatro cavalheiros, pediam esmolas pelas casas. Tal costume extinguiu-se a ponto de, actualmente, as Festas de Setembro terem perdido a maior parte da feição de que se revestiam e se limitarem a uma vulgar festa religiosa, com procissão, tendo a seu lado surgido uma festa de carácter profano cuja realização tem lugar no mês de Agosto com características idênticas às verificadas nas de outro qualquer ponto do país e, portanto, sem nada que a individualize." (OLIVEIRA, s/d, p.133).

"Outra procissão de longo percurso é a que se realiza no dia das Festas de Setembro (no 2º Domingo deste mês, em cada ano) e na qual tomam parte os andores de Nossa Senhora da Conceição, do Mártir São Sebastião e do Menino Jesus." (OLIVEIRA, s/d, p.135).

A imagem de São Sebastião está no altar-mor da igreja matriz. Embora exista capela específica para este santo, recuperada não há muitos anos, ele continua na igreja pelo receio de roubo. A capela de São Sebastião fica a uns 600 metros a nascente da povoação, no meio de uma tapada de sobreiros e ao lado da estrada velha, ou estrada romana como também é conhecida, que dava acesso à cidade de Castelo Branco.

Era preferencialmente denominado por Mártir São Sebastião.

Figura 20. Imagem de São Sebastião, Sarzedas.

Festa

Desde há algumas dezenas de anos que não se regista qualquer tipo de festividades relacionada com este santo. Houve festa, dia 20 de Janeiro, com missa, sermão, procissão e arraial. A missa com o respectivo sermão fazia-se na capela do santo. O arraial era no Largo da Praça (interior da aldeia) e para isso era contratada uma aparelhagem, paga pelo padre.

Procissão

Saía no final da missa. Vinha até ao Largo da Misericórdia, no interior da povoação. Seguia o sentido dos ponteiros do relógio.

Na procissão participava São Sebastião e outra figura sacra, que também estava na capela.

O padre organizava-a e os “Irmãos do Santíssimo” disciplinavam-na. Para isso vestiam uma opa, pegavam nuns bastões e seguiam na procissão.

Na procissão os homens seguiam sempre à frente da imagem, as mulheres seguiam atrás das duas imagens que participavam. Os quatro homens nomeados, anualmente, para a irmandade de São Sebastião é que transportavam o andor. Excepto se houvesse promessa.

O dinheiro dado ao santo era colocado numa bandeja.

São Sebastião participa na procissão da festa de Santa Margarida e da Senhora da Conceição.

Devoção, promessas

A São Sebastião só prometiam missas e dinheiro. O dinheiro ia para a posse da fábrica paroquial.

Perpetuação

A irmandade de São Sebastião, quando a havia, era composta por cerca de seis homens, dos mais remediados da terra.

Outras notas:

Fazia-se ramo a Santo António e nunca a São Sebastião. Quando o porco estava doente, ou quando se comprava, era a Santo António que se pedia protecção. Em contrapartida era a ele que ofereciam os chouriços.

As mães e outros familiares, quando os filhos iam para a guerra, pediam protecção à Senhora da Conceição, que é a padroeira, não a São Sebastião.

Outras festas: Santo António dia 13 de Junho; São Pedro dia 29 de Junho; Santa Margarida e Senhora da Conceição no segundo Domingo de Setembro.

Acerca da Senhora da Conceição conta-se que numa ocasião os campos agrícolas da aldeia foram infestados por gafanhotos. Então as senhoras mais ricas da terra prometeram, caso os gafanhotos debandassem, andarem descalças a fazer um peditório para a realização de uma festa à senhora da Conceição, que se mantem até aos dias de hoje. Na procissão desta festa sempre participou a figura São Sebastião.

Outras capelas além da de São Sebastião: Santa Margarida; São Pedro; Santo António; São João (particular).

Informante: José Marinho da Fonseca, 60 anos, Sarzedas.

Bibliografia: OLIVEIRA, (s/d), *Estudos de Castelo Branco*, vol. 21 e 22.

Segura (Idanha-a-Nova)

Desconhece-se a data da sua fundação. Em 1758 a capela de São Sebastião era fora de muros. Em 1927 houve um incêndio provocado pelas velas, no cumprimento de uma promessa, de uma devota. Do incêndio só ficaram as paredes em pé. A própria imagem desapareceu. Foi comprada uma nova imagem e levada para a igreja matriz. Há cerca de 20 anos a capela foi recuperada sendo nela reinstalado São Sebastião. A capela fica no limite sul da povoação. O santo é preferencialmente denominado por Mártir da Guerra.

Festa

Tem festa anual em 20 de Janeiro. A parte religiosa da festa consistia em missa, sermão e procissão.

No dia da festa traziam o santo em procissão da capela para a igreja matriz. Dizia-se missa e fazia-se procissão com todas as imagens.

Terminada a festa traziam o santo, com o mesmo cerimonial, para a respectiva capela (ANDRADE, 1949). A missa é celebrada na própria capela e daqui sai a procissão.

O culto a São Sebastião teve um grande incremento por altura da Guerra do Ultramar. Mas a festa não movimentava muita gente, nem tinha grandes atractivos, etc.

O santo tinha uma “banda” cor-de-rosa (ANDRADE, 1949).

Procissão

O santo era transportado pelos rapazes que tinham cumprido o serviço militar e que regressavam com saúde e pelos seus pais. Nos tempos mais recentes o transporte do santo, na procissão, tanto pode ser feito por homens como por mulheres.

Além de São Sebastião, que é o último, participam na procissão a Senhora de Fátima, Nossa Senhora da Conceição e São José.

No interior da povoação a procissão segue o sentido contrário ao do movimento dos ponteiros do relógio.

Os homens vão sempre à frente e as mulheres atrás daqueles. O padre vai atrás da figura de São Sebastião.

No final da procissão costumavam colocar o São Sebastião, sobre o andor, no cimo da escadaria que dá acesso ao templo e aí fica durante toda a tarde para que as pessoas pudessem tirar as medidas ao santo. Recolhia-se ao anoitecer.

O andor é decorado pelas mulheres “as que andam mais de volta da igreja”. Não há flores nem cores específicas para a sua decoração.

Nunca se conheceu leilão do andor nem marcação das pernas do santo.

Devoção, promessas

São Sebastião preservava as pessoas contra inúmeras moléstias mas, principalmente, contra “as bexigas” (varíola). Para isso mediam com um fio de algodão a altura do santo, no dia da festa, e enrolavam o fio ao pescoço, dando-lhe duas voltas, se era rapariga. Se era rapaz faziam uns laços, com uns feitios, e colocavam-no na lapela do casaco. Ficavam assim protegidos da terrível doença.

Antes de saírem para o ultramar os soldados e os seus pais prometiam a São Sebastião que se voltassem com saúde que o levariam na procissão.

São Sebastião não estava ligado à protecção de qualquer animal. Protegia unicamente os soldados.

Não é hábito alumiar o santo.

Angariação de meios

“Era hábito, naquele dia, realizar-se o “jogo do frango”. Entre as oferendas destinadas a custear as despesas da festa apareciam galos e frangos, que eram destinados ao jogo referido. Enterravam-se vivos, deixando-lhes de fora somente a cabeça. Assim ficavam expostos para quem quisesse alvejá-los à pedrada, de uma certa distância, marcada pelos festeiros que presidiam ao jogo e que cobravam determinada importância por cada pedrada ou “tiro”. O galo era ganho por aquele que o conseguisse matar. Desenterrava-se e entregava-se ao vencedor, no meio da algazarra e dos aplausos dos que se juntavam a presenciar o jogo.” (ANDRADE, 1949, p.173).

Actualmente, o jogo do frango e o ramo só se realizam para a festa de Santa Marina.

Os devotos só oferecem dinheiro a São Sebastião. As moedas vão para uma bandeja que acompanha o santo durante a procissão e as notas são pregadas na fita. Este dinheiro é propriedade da igreja.

Perpetuação

No presente, não há qualquer tipo de comissão que se responsabilize pela realização da festa.

Outras notas: Na igreja Matriz existe a imagem do Espírito Santo (ANDRADE, 1949).

Os locais informam-me da inexistência da imagem. Existe uma bandeira que participa em todas as procissões. A bandeira está em casas particulares durante um ano, de Maio a Maio, as pessoas inscrevem-se para a ter em casa. Há festividades específicas do Espírito Santo.

Outras festas: 5.ª Feira Santa - Procissão do Senhor dos Passos; 6.ª Feira Santa - Procissão do enterro do Senhor; Festa do Domingo de Páscoa. Na terça-feira a seguir à Páscoa realiza-se a festa de Santa Marina que é a padroeira. Em 15 de Agosto realiza-se a festa da Nossa Senhora da Conceição. Esta imagem encontra-se na igreja e é a festa mais importante.

Informante: Joaquim do Carmo Vinagre, 44 anos, Segura.

Bibliografia: ANDRADE, 1949.

Sobreira Formosa (Proença-a-Nova)

A imagem de São Sebastião encontra-se na capela do mesmo nome que era à entrada nascente da povoação, junto à principal via que dava acesso a Castelo Branco, embora não o seja pela construção do desvio.

É mais conhecido por Mártir São Sebastião.

A festa era essencialmente constituída por missa, sermão, procissão e arraial.

Festa

A festa realizava-se no dia 20 de Janeiro, mas foi antecipada para o Domingo anterior. Acontece uma feira na mesma data, à qual se atribui o declínio acentuado da festa.

As pessoas desta povoação e das aldeias do seu aro, cerca de trinta e duas, tinham uma grande devoção por São Sebastião. Costumavam vir assistir à sua festa que se realizava na rua ao lado da capela, na altura estrada nacional. Esta rua, numa distância de cerca 150 m, estava toda cheia de pessoas e ali se faziam, durante a tarde, 10, 15 e mais bailes, um aqui, outro ali, outro acolá, etc. Era tanta a população que não dava para se fazer um baile único. Os bailes eram animados pela Filarmónica Sobreirense e pelos harmónios que as pessoas traziam de casa, propositadamente para o efeito.

Quando chovia, por não haver um espaço coberto que albergasse toda a gente, a festa não se realizava.

Após a 2ª Guerra Mundial deixou-se de realizar a festa profana. Passou a haver só festa religiosa. A Filarmónica Sobreirense continuou a actuar mas agora só na procissão. A partir desta data houve um nítido declínio da festa.

Para a missa e procissão costumavam vir padres de fora da terra que eram renumerados pelos seus serviços.

Devido à realização da feira não se faz a procissão, continuam a colocar os cestos para os devotos deixarem as oferendas em carne para São Sebastião.

Procissão

Para tocar na procissão e depois alegrar os bailes contratavam a Filarmónica Sobreirense.

Na procissão só participava a imagem de São Sebastião, nem bandeiras participavam.

No mesmo dia a imagem do santo era levada da capela para a igreja matriz, acompanhado pelos cânticos dos participantes e pela filarmónica, onde havia missa. Depois era a procissão de retorno do santo à sua capela. Sempre em sentido contrário aos ponteiros do relógio.

Era o padre que organizava a procissão e não havia ninguém responsável pela sua disciplina.

Na procissão, constituída por duas filas paralelas, o lugar dos homens era à frente e o das mulheres à retaguarda. O padre vinha a meio da procissão.

Na véspera da procissão o andor era decorado com flores, sem cores ou espécies específicas e o santo era lavado com vinho branco.

O andor era sempre transportado por rapazes ou raparigas, desconhecem qualquer critério para seleccionar estes jovens.

As ofertas em dinheiro iam para dentro de um açafate, nunca as pregavam na fita. Eram propriedade da igreja e destinavam-se geralmente, a custear despesas de reparação de templos.

Devido à feira, nesta mesma data, não se realiza procissão. A feira ocupou o espaço que seria percorrido pela procissão.

Devoção, promessas

Prometiam a São Sebastião quando compravam o porco, ou quando adoecia que, caso o matassem (sinal de que não tinha morrido), lhe ofereciam um chouriço do tamanho do animal (a medida da chouriça era tirada de entre as orelhas até ao início do rabo), um presunto, ou um chispe. Chegavam a aparecer chouriços com 1, 2 metros de tamanho.

Informaram-me que não era hábito dar ex-votos a São Sebastião. Mas na visita que fiz ao templo tive oportunidade de ver no chão, a um canto, um conjunto de ex-votos em cera.

Era a Santo António que pediam a protecção para os soldados na guerra.

Angariação de meios

Eram os festeiros que colocavam, no dia da festa, dois cabazes à porta da capela de São Sebastião onde os devotos depositavam as oferendas constituídas unicamente por carne de porco (chouriços, chouriças, presuntos e chispes).

O tesoureiro leiloava a carne oferecida ao santo. Algumas vezes chegou a vendê-la a uma única pessoa. Outras vezes era distribuída por duas ou três pessoas, aqui mesmo da terra.

O dinheiro obtido do leilão era para saldar as despesas da festa.

Havia pessoas que davam dinheiro (fruto ou não de promessa).

No final da festa o saldo era quase sempre positivo.

Perpetuação

Eram dois os festeiros de São Sebastião, tesoureiro e secretário. Tinham como função organizar a festa e administrar os valores gerados pela mesma.

Qualquer dos elementos poderia manter-se no cargo durante muitos anos (6, 7, 10, etc.).

Há muitos anos, para este par ser escolhido, reuniam-se os homens e escolhiam-se dois. A escolha final dos dois elementos recaía em quem manifestasse interesse e estivesse mais avalizado para o cumprimento da função (soubesse ler, escrever e organizar as contas).

A sua nomeação passou a ser da responsabilidade do padre.

Caso houvesse alterações, à comissão anterior, a sua publicitação era sempre feita no final da missa da festa de São Sebastião.

Os festeiros não davam almoços aos padres nem aos músicos. Aos músicos davam-lhe apenas umas bolachas com vinho.

Outras notas: Durante os anos de Guerra no Ultramar não se notou um incremento de culto a São Sebastião.

A capela de São Sebastião praticamente só abria no dia da festa.

Não há capela do Espírito Santo.

O padroeiro da Freguesia é São Tiago Maior com festa dia 20 de Agosto.

Capelas existentes: Santana; Santo António e São Sebastião.

A capela de São Sebastião é utilizada como capela de velaturas.

Informantes: Belmira da Conceição, 72 anos, Sobreira Formosa; Bernardino Ribeiro Louro, 60 anos, Sobreira Formosa; Fernanda Joaquina Moreira, 64 anos, Sobreira Formosa; José Nogueira Grilo, 65 anos, Sobreira Formosa; Maria do Carmo Ribeiro, 67 anos, Montes da Senhora; Maria Vaz Filipe, 83 anos, Sobreira Formosa.

Sobral do Campo (Castelo Branco)

A figura de São Sebastião encontra-se no altar da igreja matriz desta povoação.

Tem festa em Agosto.

Procissão

O dinheiro é colocado na fita do santo ou numa faixa que envolve todo o andor.

O andor é decorado pelas mulheres que se dedicam mais à igreja. Não há flores específicas para a decoração do andor.

O dinheiro que o santo leva na banda, ou na faixa que envolve o andor, é utilizado para pagar a missa e ao pregador, se houve sermão e o restante é para despesas da igreja.

Devoção, promessas

É costume oferecerem ex-votos em cera a São Sebastião. Fruto de devoção e promessas alumia-se, com velas e lamparinas, este santo.

Angariação de meios

Fazem uma mesa a São Sebastião, pela sua festa. A mesa uma substituição terminológica de ramo. Os bens (produtos hortícolas e frutas) obtidos para a mesa são posteriormente vendidos em leilão.

O dinheiro obtido, de vários modos, é canalizado para a festa e o que porventura possa sobrar para melhoramentos da igreja.

Perpetuação

A festa é organizada por uma comissão que prepara, igualmente, todas as outras. Os elementos para esta comissão são nomeados nos finais de Setembro. Da comissão fazem parte quatro pessoas. São elas: O juiz, o tesoureiro e dois mordomos.

Cada elemento da comissão nomeia a pessoa que o substituirá. Antigamente eram somente os mais remediados que faziam parte dela. Pertence à comissão qualquer elemento do povo, independentemente da sua riqueza.

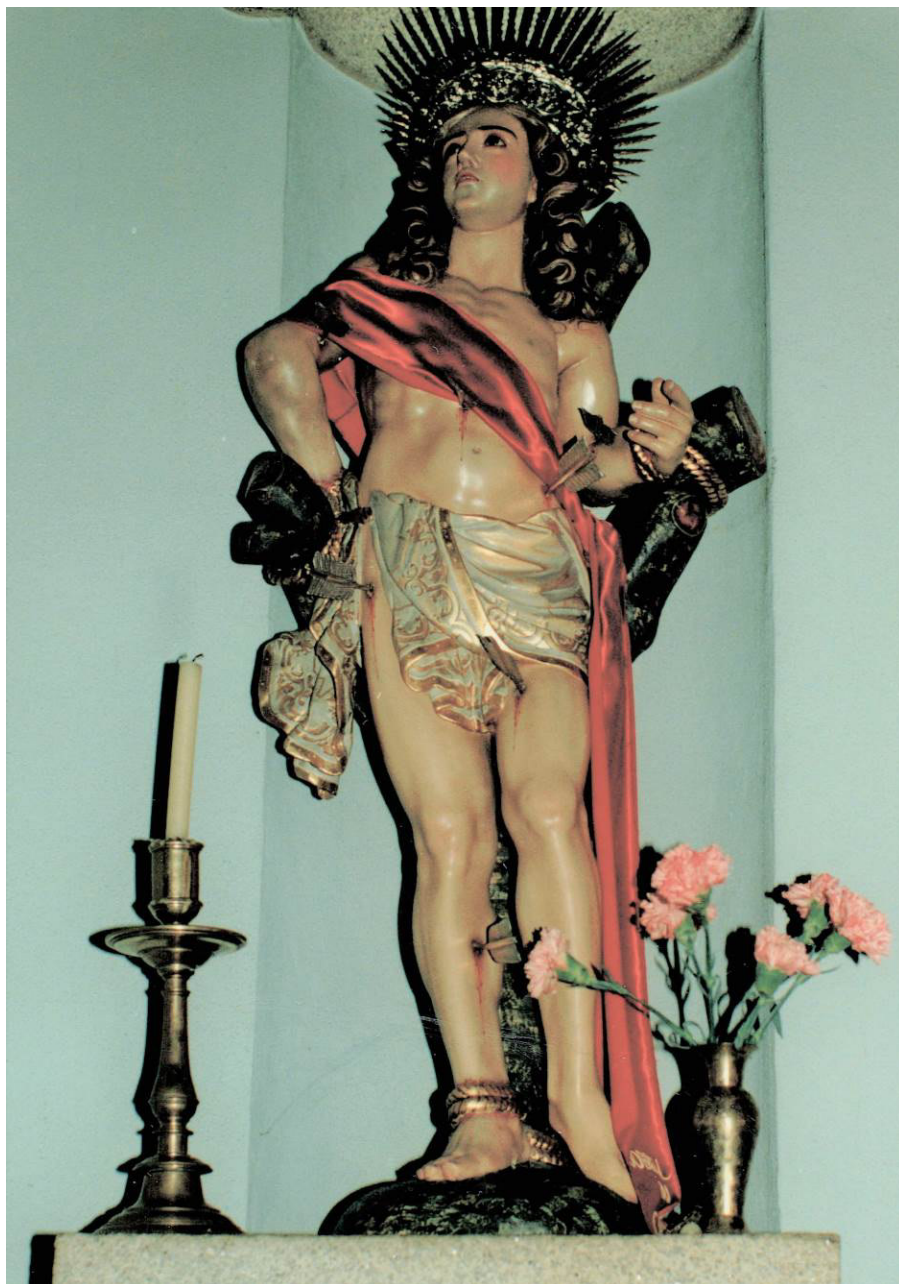



Figura 21. Imagem de São Sebastião, Sobral do Campo.

Outras notas: Referem-me existir grande número de indivíduos de nome Sebastião.

Nesta aldeia era a Santo António e não a São Sebastião, que pediam para “guardar os porcos”.

Outras festas desta comunidade: Senhora da Saúde, quinze dias depois da Páscoa; Divino Espírito Santo finais de Agosto e Santo António. Esta última festa tem mais do que uma comissão devido aos muitos afazeres.

Confrarias existentes: temos a Confraria das Almas e a do Santíssimo. A direcção destas confrarias mudava todos os anos. No interior da confraria cada elemento da direcção anterior nomeava um para o substituir. Cada confraria tinha um juiz e um tesoureiro.

Fui informado, com certo orgulho, que esta imagem foi a França.

Informante: Sebastião Santos Bonifácio, 65 anos, Sobral do Campo.

Tinalhas (Castelo Branco)

A imagem de São Sebastião encontra-se no altar-mor da igreja matriz desta povoação.

Houve capela de São Sebastião na entrada norte da aldeia. Após ter entrado em ruínas foi destruída para alargamento da estrada municipal.

Na aldeia é preferencialmente denominado por Mártir São Sebastião.

Festa

A festa de São Sebastião está integrada nas festas de Verão. É na 2.ª Segunda-feira de Setembro. No Domingo imediatamente anterior é a festa do Santíssimo Sacramento. Nunca se conheceu outra data para a festa.

Para explicar a origem da festa conta-se que uma vez esta área foi invadida por uma nuvem de gafanhotos que atingiu os terrenos agrícolas comendo tudo o que era verde. As gentes aflitas prometeram fazer uma festa a São Sebastião caso ele os livrasse dessa calamidade. Vendo-se livre desta praga começaram a fazer a festa anualmente.

A festa era sempre feita no adro da igreja. Desde há dois anos que é feita em recinto construído para o efeito.

Consta da festa missa, sermão e procissão. No sermão contam sempre a vida do santo. Vêm geralmente padres de fora. O padre da terra ajusta todo o serviço religioso, feito ou não por si. É a comissão que paga o serviço religioso a esses padres.

O dinheiro oferecido ao santo, sob a forma de notas, é espetado com um alfinete na fita do santo.

Nesta festa participa muita gente local, naturais, emigrados e gente das redondezas.

Na noite do dia da festa há um grande arraial.

Este ciclo de festas (Santíssimo Sacramento e São Sebastião) começa Sexta-feira e termina Terça-feira seguinte.

O jogo do galo fazia parte da festa. Não se realiza há mais de 30 anos. Informam-me que as pessoas consideravam este jogo bárbaro. Quem queria oferecia um galo para esse fim. Depois o galo era enterrado ficando apenas com a cabeça de fora. Seguidamente as pessoas atiravam pedradas e qualquer uma o podia fazer, até matar o galo. Quem o matasse ficava com direito a ele. Naturalmente que se pagava um valor estipulado por pedrada ou conjunto de pedras.

Posteriormente o galo foi substituído por uma laranja que dependuravam por um fio. Neste caso o desafio consistia em destruir a laranja. Neste jogo também se pagava um tanto por pedrada. Com a substituição do galo pela laranja este jogo deixou-se de realizar pouco depois.

Procissão

Realiza-se no dia da festa de São Sebastião, imediatamente após a missa. Percorre a aldeia em sentido contrário aos ponteiros do relógio.

Nesta procissão participam a Senhora de Fátima, o Santíssimo Sacramento, a Rainha Santa, São Sebastião, as bandeiras e o guião.

A procissão é organizada pelo pároco e pela comissão de festas. Os festeiros participam na procissão, para a disciplinar e orientar. Envergavam opas vermelhas e grandes bastões.

O lugar dos homens é à frente, em duas filas paralelas, as mulheres vão logo atrás deles. O padre vai à frente do andor e atrás vai logo a música.

O andor é levado por rapazes, excepcionalmente por raparigas. Mas, tanto os rapazes como as raparigas são quase sempre solteiros. Os casados transportam o andor se tiverem feito promessa.

Na altura da Guerra do Ultramar eram os soldados, geralmente fardados, que após a sua vinda levavam o andor. Era quase sempre o cumprimento de uma promessa “se viessem bem”.

Há muitos anos chegou a haver leilão da “perna do santo”. O leilão era da responsabilidade da comissão. Mas não era feito à porta da igreja no final da missa. Estava feito quando era preciso.

A decoração do andor era função da zeladora da igreja. Não havia flores nem cores específicas utilizadas para a decoração do andor.

Devoção, promessas

A São Sebastião pediam protecção para os militares. Costumavam-lhe acender velas.

Não se conhece ofertas de ex-votos a São Sebastião.

Angariação de meios

Até 1992 todo o dinheiro angariado pela festa, fosse ele colocado ou não na fita do santo, era propriedade da comissão (que pagava depois ao padre o valor previamente estabelecido). Em 1992 começou-se a colocar o problema da propriedade do dinheiro colocado na fita do santo ou na bandeja.

É costume realizar ramo para São Sebastião, uma vez por ano, no dia da festa. As pessoas oferecem feijão, abóboras, batatas, etc. As pessoas ofereciam estes bens por esmola e não no cumprimento de uma promessa. O ramo é feito junto da igreja matriz, lado sul. É costume os festeiros percorrem a aldeia a leiloar os produtos oferecidos. Era a comissão que tomava conta de tudo.

Mesmo no tempo em que havia duas comissões as pessoas davam no Domingo para o ramo do Santíssimo e na Segunda-feira para o ramo de São Sebastião.

O dinheiro obtido por todas as formas era propriedade da comissão. Por sua vez a comissão responsabilizava-se pela execução das obras na igreja ou nas capelas.

A existência do ramo não impede a existência de quermesse.

Perpetuação

Primitivamente havia dois grupos de festeiros. Uns faziam a festa Domingo (do Santíssimo Sacramento) e outros faziam a festa Segunda-feira (de São Sebastião). Existe apenas um grupo de festeiros que realiza ambas as festas.

Quando havia duas comissões, a comissão de São Sebastião era constituída pelo juiz, secretário e tesoureiro. Este grupo de três pessoas nomeava, depois, mais três ou quatro outras pessoas denominadas de mordomos. Cada indivíduo com uma função específica nomeava um outro, com função idêntica, para o ano seguinte.

A lista dos novos elementos era tornada pública no final da missa de São Sebastião. O juiz, o secretário e o tesoureiro eram escolhidos entre os mais remediados da terra. Posteriormente deixou de se escolher os mais remediados para se optar pelos que tinham mais tempo livre e maior competência.

Outras notas: De registar a existência de duas confrarias. A da Nossa Senhora do Rosário e a do Santíssimo Sacramento (que realiza a festa no Domingo anterior à de São Sebastião).

A padroeira é a Senhora da Assunção (não se faz festa).

Outras festas desta comunidade: em Janeiro temos a festa dos Reis. Pela Páscoa realiza-se a maior festa da comunidade que é a da Rainha Santa. Depois temos a do Santíssimo Sacramento e a de São Sebastião em Setembro e finalmente a da Nossa Senhora do Rosário no primeiro Domingo de Outubro.

Nesta povoação as pessoas, numa aflição eminente, preferiam recorrer ao Santíssimo Sacramento e à Nossa Senhora de Fátima.

O Santo António aqui era protector dos porcos. Por isso ofereciam-lhe chouriças do tamanho do porco que matavam.

Festa dos Reis

A comissão que organiza a festa de São Sebastião organiza também a festa dos Reis, dia 6 de Janeiro. Nesta data solteiros e casados formam um grupo com bombos, cornetas e pífaros e, por volta de 8/9 horas da noite, juntam-se ao pé da capela do Espírito Santo e começam a cantar os reis. Depois vai-se juntando mais e mais gente. Os solteiros cantam um verso e os casados cantam outro e tocam sempre. Dão a volta à povoação e param sempre junto à porta dos mais remediados (1 a 2 minutos). A capela do Espírito Santo é aberta e as pessoas da aldeia vêm vindo para a capela trazendo consigo vinho, tremoços, figos secos e filhós, quem não vai manda este tipo de bens. Estes produtos são aceites e arrumados na capela pela comissão. Depois as pessoas vão entrando por uma porta e pedem aos elementos da comissão o que desejam (vinho e os outros produtos mencionados) e saem por outra porta (lateral). Toda a gente come e bebe à vontade. Há sempre muita bebida. Incentiva-se a beber.

No largo da capela fazem, novamente, uma grande fogueira (pelo Natal é no Largo da Igreja Matriz) para melhor se passar a noite.

Contratam uma aparelhagem e fazem festa durante toda a noite.

O vinho que sobra é vendido e o dinheiro resultante é pertença da comissão de festas do Mártir Santo.

Informante: Hermenegildo dos Santos Ginja, 70 anos, Tinalhas.

Vila Velha de Ródão

No limite norte da povoação, junto do antigo caminho que ia para o Gavião, existiu uma capela a São Sebastião. Não existe figura sacra, dizem que foi roubada pelos espanhóis e apenas resta a microtoponímia, Mártir.

Desta capela no início dos anos 30, do século passado, só restavam ruínas, em avançado estado de degradação.

Na povoação não há tradição de festividades ou culto a São Sebastião.

Existiu uma capela ao Espírito Santo no interior da Vila e dela também não restam vestígios.

A quase generalidade das capelas desta povoação fora destruída, quando da implantação da República.

Bibliografia: HENRIQUES, 1986.

Zebreira (Idanha-a-Nova)

A figura de São Sebastião está em capela própria, implantada no interior da aldeia, região este. É provável que quando da sua construção ficasse no extremo este-sudeste da povoação. A informação recolhida é a de que no início do século XX, a capela de São Sebastião ficava no limite das casas, ao lado de um dos principais caminhos que davam acesso à povoação.

A festa é dia 20 de Janeiro e realiza-se em frente da capela de São Sebastião. É preferencialmente denominado por Mártir São Sebastião. Continua a ser uma figura sacra muito respeitada, mesmo pessoas que não vão à igreja costumam tirar o chapéu quando passam em frente da capela.

Festa

A festa era e é constituída por missa, sermão (que não se faz) e procissão. A missa é dita na igreja matriz para onde levam antecipadamente o santo e não vêm padres de fora para colaborar nas festividades.

Procissão

A primeira procissão realiza-se na véspera da festa e consiste no transporte do santo para a igreja matriz onde, no outro dia, se celebra missa.

No dia da festa e terminada a missa inicia-se a procissão que vai da igreja para a capela de São Sebastião, onde termina.

O sentido da procissão é contrário ao movimento dos ponteiros do relógio. Na aldeia todas as procissões têm este sentido, excepto a procissão do Enterro do Senhor.

Hoje ninguém disciplina a procissão, só se for o senhor padre que diga alguma coisa. Mas nem sempre foi assim. Há algumas dezenas de anos havia uns homens que vestiam opas vermelhas e que se encarregavam da procissão "ir direitinha".

O lugar dos homens é, em aglomerado, na traseira da procissão. As mulheres vão na dianteira da procissão, em duas filas paralelas. Nos enterros a ordem é inversa. O padre vai junto da figura do santo.

Na procissão só participa São Sebastião e a bandeira do Espírito Santo. Não há bandeira de São Sebastião.

Quando há procissão de qualquer santo todos os outros participam, quando é a procissão de São Sebastião ou de São Pedro só participam os próprios.

O andor é levado pelos rapazes "conhecidos das raparigas mordomas".

O andor é decorado pelas mordomas, com flores vermelhas.

Devoção, promessas

O culto a São Sebastião sofreu um grande incremento na altura da Guerra do Ultramar. Nessa ocasião as pessoas costumavam meter debaixo da imagem do santo fotografias dos soldados e os familiares, com maior incidência as mães, vinham acender velas ao santo. Por isso o tecto da capela estava defumado. Mesmo agora o santo está quase sempre iluminado. Por exemplo, os familiares acendem uma vela ao santo quando: alguém vai ser operado; por quem vai de viagem e até que não chegue ao destino.

Costumavam pedir ao santo para livrar os rapazes da tropa e protegê-los na guerra.

Costumavam prometer: "uma esmolinha ao santo" para proteger os animais bovinos de "mau olhado"; "se o meu porquinho não morrer prometo uma esmolinha ao santo"; ou "a minha vaca está a parir, se parir bem venho botar uma esmolinha ao santo".

Para proteger as pessoas das febres e maleitas costumavam medir, com um fio de algodão, o braço esquerdo de São Sebastião e atar o fio ao pulso.

Angariação de meios

As ofertas em dinheiro costumam ser espetadas na fita (as notas) ou deitam-nas numa bandeja (as moedas).

O dinheiro oferecido ao santo (banda ou bandeja) "devia ser para o fundo paroquial da igreja. E há festeiros honestos que o dão para a igreja. Há outros que ficam com ele".

Algum deste dinheiro é utilizado para reparações ou melhoramento da capela. Mas a qualidade, bom gosto e sensatez de algumas reparações deixam muito a desejar, embora a intenção seja, naturalmente, a melhor. Com este dinheiro há quem tenha comprado um fio de prata para colocar no pescoço do santo no qual mandaram gravar "oferta da festeira tal".

É costume fazerem ramo no dia da festa. O ramo é feito à porta da capela e é organizado pelas mordomas. Cada mordoma tem por costume oferecer um bolo com uma garrafa de vinho do porto.

"Há alguns anos fazia-se um bolo caseiro e oferecia-se. Hoje as pessoas não querem fazer bolos caseiros e encomendam-nos em Castelo Branco (bolo de pastelaria), acrescenta-lhe uma garrafa de vinho do porto, uns cachos de uva" e uns tremoços. Cada bolo é vendido em leilão e rende 12, 14, 15 mil escudos.

Estes bens são geralmente comprados por grupos de rapazes e raparigas que os comem conjuntamente, no baile, se o houver. Outras vezes é o avô ou a avó da rapariga que o "pica" e comem-no em família e outras vezes é comprado pelo namorado da mordoma, se o tiver, por se sentir na obrigação.

Hoje as pessoas mais honestas retiram o dinheiro que o bolo custou e dão o resto para a igreja, outras ficam com o dinheiro todo.

As esmolas da caixa de São Sebastião revertem a favor do fundo paroquial.

Há muitos anos era costume dar, para o ramo, galos, dióspiros, romãs, além de outros bens e as receitas obtidas revertiam a favor do santo.

A única coisa que permanece no ramo são os bolos referidos.

Há dezenas de anos atrás na tarde do dia da festa era costume fazerem o jogo do galo, em frente da capela, que na altura era uma tapada com oliveiras e hoje está coberta de casas.

O jogo do galo consistia em enterrar um galo vivo, dos oferecidos para o "ramo, deixando-lhe unicamente a cabeça de fora. Depois, os interessados em participar punham-se a uma certa distância atirando-lhe pedradas. Cada pedrada custava um tanto. Este dinheiro parece que era para a festa. O árbitro era um festeiro. Quem matasse o galo tinha direito a ficar com ele.

Perpetuação

Em cada ano são nomeadas 3 mordomas (juiz, tesoureira e secretária). São sempre raparigas muito novas (13 a 16 anos aproximadamente) e solteiras. São elas que velam pela higiene da capela durante o ano. Que preparam o andor e a imagem para a procissão, "pela sua idade algumas até já pintaram as unhas do santo com verniz das unhas e limpam-no com "Dabri"." Estas raparigas são nomeadas no segundo Domingo antes de fazerem o ramo. Cada mordoma escolhe uma substituta para o seu lugar. A sua função é organizarem o ramo e tomarem conta da capela e do santo durante todo o ano (limpeza e demais cuidados).

O conhecimento público da nova comissão é dado pelo padre no final da missa.

Acontece, com frequência, os elementos nomeados recusarem-se e então fica apenas uma ou duas.

Ao contrário das mordomas da festa da Senhora da Piedade, que são sempre as filhas dos mais ricos da terra, estas mordomas são sempre filhas de gente mais humilde.

Perante a questão colocada, porque devem ser as mordomas sempre novas e solteiras? Foi-me respondido desconhecerem o facto mas ao nível da povoação passa-se o seguinte: Para a festa de São Pedro, da Senhora da Piedade e de São Sebastião são sempre raparigas novas e solteiras. Para a festa da Senhora da Conceição são sempre mulheres casadas e para a festa de São Domingos (no campo, a caminho de Toulões) são sempre 5 casais (5 homens e 5 mulheres casados entre si).

Outras notas: Têm-se visto bêbados a falar, através da janela da capela, com São Sebastião. A auto lastimarem-se, a desabafarem com o santo. Nesta situação tratam-no de igual para igual.

O culto a São Sebastião está em franca regressão.

Há capela do Espírito Santo no interior da povoação.

Outras festas desta comunidade: Senhora da Piedade com festa no Verão. É a festa mais importante. Como se disse a comissão era unicamente composta por raparigas de bem. Senhora da Conceição é a padroeira; São Pedro; São Sebastião e São Domingos.

Nunca se conheceu confraria de São Sebastião. A única existente é a do Sagrado Coração de Jesus.

Há alguns atrás a capela estava em ruínas e foi reconstruída por empreiteiro, bem sucedido, da terra mas residente em Castelo de Vide.

Informantes: Domingos Moreira, 61 anos, Zebreira; Maria da Piedade Salgueiro Ramos, 55 anos, Zebreira.

Anexo 1 Listagem dos informantes

Nome	Idade	Residência
Abílio dos Santos		Almaceda
Angelina da Conceição Pereiro	77	Aldeia de Santa Margarida
António Augusto Alves	44	Partida
António Justo		Lardosa
António Manuel Pina da Costa	35	São Miguel de Acha
António Roberto Mendes Martins		Lousa
Aurora Pires Gomes	63	São Miguel de Acha
Belmira da Conceição	72	Sobreira Formosa
Benvinda Lopes Esteves	67	Mata
Bernardino Ribeiro Louro	60	Sobreira Formosa
Domingos Moreira	61	Zebreira
Ermelinda de Jesus	85	São Miguel de Acha
Fernanda Joaquim Moreira	64	Sobreira Formosa
Francisco Fernandes	77	Escalos de Cima
Hermenegildo Santos Ginja	70	Tinalhas
Ilda da Conceição	60	Cimadas Cimeiras
Isabel Cândida Falcão Navarro	65	Escalos de Baixo
Jaime Torres	63	São Miguel de Acha
João Carlos Antunes	42	Benquerenças
João Fernandes Carrega	62	Alcains
João Gonçalves dos Santos	72	Sarnadas de Ródão
João dos Reis Couto	67	São Vicente da Beira
Joaquim do Carmo Vinagre	44	Segura
Joaquim Dourado	84	Escalos de Cima
Joaquim Manuel Batista dos Santos	33	Idanha-a-Velha
Joaquina Nunes Pereira	60	Póvoa Rio Moinhos
Joaquina dos Reis Barata	73	Medelim
José António Calmeiro	58	Freixial do Campo
José António Nunes Calmeiro	66	Freixial do Campo
José Fernando Alexandre Martins	47	Fratel
José Manuel dos Reis Lourenço	43	Escalos de Cima
José Marinho da Fonseca	60	Sarzedas
José Marques Lourenço	66	Escalos de Cima
José Marques Rato	63	Medelim
José Nogueira Grilo	65	Sobreira Formosa
José Sousa Bispo	44	Lousa
Leonor Maria	82	Alcafozes
Leonor Xavier	64	Monsanto
Ludovina da Conceição	85	Póvoa Rio de Moinhos
Luis Nunes Morais	82	Medelim
Manuel Esteves Justo	57	Lardosa
Maria Alice Dias Cardoso	65	Proença-a-Nova
Maria dos Anjos F. Marques Alves	42	Partida
Maria Antunes Reis	63	Escalos de Cima
Maria do Carmo Ribeiro	67	Montes da Senhora
Maria Conceição Fonseca	82	Medelim
Maria Conceição Martins	36	Penha Garcia
Maria Dias Silva	77	Lousa
Maria Fátima Santos Pereira	53	Póvoa Rio Moinhos
Maria Frade	69	Alcafozes
Maria Henriqueta Josefa Bispo	65	Póvoa Rio Moinhos
Maira Jesus Alves	58	Lousa
Maria José Castiço	68	Medelim
Maria José Torres Ferreira	71	Vila Velha de Ródão
Maria Lurdes Cordeiro	53	Aldeia de Santa Margarida
Maria Oliveira Esteves	73	Lousa
Maria da Piedade Salgueiro Ramos	55	Zebreira
Maria Pires Faustina	76	Mata
Maria Salete Oliveira Gonçalves		Sarnadas de Ródão
Maria Vaz Filipe	83	Sobreira Formosa
Pároco		Idanha-a-Nova
Pároco		Sarnadas de Ródão
Pároco		Sobreira Formosa
Pároco		Vila Velha de Ródão
Pároco da Sé		Castelo Branco
Rafael Agostinho Afonso Lourenço	56	Salgueiro do Campo
Rosa Maria Correia Antunes	41	Benquerenças
Rosário Morgado	41	Fratel
Sebastião Santos Bonifácio	65	Sobral do Campo

Anexo 2 Esboço de guião 1

Localidade...Freguesia...
Concelho ....Distrito..

São Sebastião encontra-se na matriz

É o padroeiro? SIM NÃO
Está no altar-mor? SIM NÃO
Está num altar lateral SIM NÃO
Outro local. Qual?..
Terá vindo a imagem de uma capela própria, hoje arruinada ou destruída?
SIM NÃO DESCONHECE
Há na igreja matriz a imagem do Espírito Santo? SIM............... NÃO..............

São Sebastião tem capela própria
É acompanhado nesta capela por outros santos? SIM............... NÃO..............
Quais..
A capela localiza-se:
no meio da povoação..............
à entrada, ou saída da povoação..............
na periferia da povoação..............
no campo..............

Qual o estado de conservação da imagem?
degradado...........
não degradado...........

Qual o estado de conservação da capela?
degradado...........
não degradado...........

A capela está:
ao culto...........
não está ao culto...........
abandonada...........

Presentemente há, nesta povoação, culto a São Sebastião?

Nesta povoação o culto a São Sebastião é invocado contra a:
fome SIM .... NÃO ....
peste SIM .... NÃO ....
guerra SIM .... NÃO ....

O que ofereciam e oferecem a São Sebastião?
....
....
....
....
....
....
....
Ofereciam-lhe bexigas de cera? SIM .... NÃO ....
Nome pelo qual é mais conhecido:
Mártir ....
Divino Mártir ....
Divino Mártir Bendito ....
Mártir São Sebastião ....
São Sebastião ....

Nome como também é conhecido:
Mártir ....
Divino Mártir ....
Divino Mártir Bendito ....
Mártir São Sebastião ....
São Sebastião ....

Há na povoação toponímia (rua, praça, lugar, etc.) relacionada com São Sebastião? Qual?
....
....
....
....
Há, ou houve, na povoação confraria de São Sebastião? SIM..............NÃO ....
Está a funcionar? SIM..............NÃO ....

Festividades:
Data do ano ....
Já se conheceu outra data, qual? ....
....
....
....
Porque houve alteração? ....
....
....

Quem e como se organiza? ....
....
....

Como se costuma denominar (de ramo, etc.) esta festa? ....
....
....

Na procissão, quem costumava transportar o santo? ....
....
....
Descrição sumária das actividades ....
....
....
....
....
....
....
....

A imagem de São Sebastião
Está em bom estado de conservação? SIM................ NÃO ....
Foi restaurada recentemente? SIM................ NÃO ....
Qual o tamanho aproximado da imagem? .... Centímetros

Como é representado

sorridente	SIM..............NÃO ....
cabelo comprido	SIM..............NÃO ....
tanga	SIM..............NÃO ....
calção	SIM..............NÃO ....
corda aos pés	SIM..............NÃO ....
amarrado a uma árvore	SIM..............NÃO ....

Registe tudo o que deseje acerca de São Sebastião e do seu culto e festividades ....
....
....
....
....
....
....
....
....
....
....

Tipo de informação
resposta a este inquérito ....
oral ....
bibliográfica ....

Ida ao local SIM
NÃO

OBSERVAÇÕES

Anexo 2 Esboço de guião 2

Com o esboço de guião que se segue não se pretende elaborar um inquérito exaustivo. Foi objectivo registar um conjunto de questões para servirem como auxiliar de memória e criar uma certa uniformidade no trabalho.
Naturalmente durante o trabalho de campo muitas outras questões foram colocadas, dependentes sempre da complexidade do culto, da necessidade de esclarecimento e mesmo do nível cultural do questionado.

Localidade
Freguesia
Concelho

Local onde se encontra a imagem de São Sebastião?
Nome pelo qual é mais designado?

Da festa
Data do ano?
Já se conheceu outra data?
Porque houve alteração?
História que justifique a capela ou a festa?
Onde se faz a festa?
Há missa? Há sermão?
Vêm padres de fora fazer o sermão?
Paga-se? É um serviço caro?
Há procissão?

Da procissão
Quando se faz?
Figuras sacras que participam?
Qual o percurso e sentido?
Quem organiza e disciplina?
Qual o lugar dos homens, das mulheres, das crianças e do padre?
Participam bandeiras? Quais?
Qual o seu lugar?
Quem transporta o andor? Porquê?
Há leilão ou compra da perna do santo, varas?
Quando? Quem o faz e organiza?
Quem remata a vara do andor dá-lhe direito a transportá-lo durante todo o trajecto? Ou somente até que apareça melhor oferta?
Marcam-se as pernas do andor?
Cor da banda do santo?
Onde colocam as ofertas em dinheiro?
Decoração do andor, com que flores? De que cores? Quem a executa?
Propriedade do dinheiro que o santo leva na banda?
Propriedade do dinheiro obtido pelo leilão do andor?

Promessas
Que graças pedem ou pediam?
Há hábito de oferecer ex-votos a São Sebastião?
Que tipo de aflições recorre ao santo?
Há hábito de se prometer ir debaixo do andor durante a procissão?
Acendem-se ou acendiam-se velas a São Sebastião? Quando? Porquê?
Recorriam a São Sebastião para os livrar da tropa? Para os proteger na guerra?
Recorriam a São Sebastião para a protecção dos seus animais domésticos? Quais? Quando?

Do ramo
Em que consiste?
Quem, como e onde se organiza?
Quantas vezes ao ano?
Que bens colocam/colocavam no ramo? São fruto de promessa?
Onde, como e por quem se processa a venda dos bens colocados no ramo?
Para quem reverte o dinheiro obtido?
Qual o destino do dinheiro obtido?

Da comensalidade
Há comensalidade colectiva?
Quando? Onde? Porquê?
Quem organiza o bodo?

Quais as ementas? Descrever a sua composição e confecção.
Quando se começam a confeccionar?
Que tipo de instrumentos utiliza?
Propriedade destes instrumentos?
Quem come e bebe?
Os ricos participam?
Os pedintes participam?
Vêm pedintes e outras pessoas do aro?
O padre, qual o seu papel?
O que se bebe?
Quantidade por pessoa? Há limitação?
Origem dos bens alimentares para o bodo?
Origem dos meios para aquisição destes bens?
Origem dos ingredientes da composição das ementas?
Quanto, por festeiro, pode ficar a festa num ano?
Homens e mulheres chegam a ficar bêbados?

Da comissão
Como se designa o grupo organizativo da festa?
Quantos elementos fazem parte deste grupo?
Quais as funções deste grupo?
Quem e quando eram nomeados?
Quando e como era dado conhecimento público dos nomes que constavam deste grupo?
Que critérios eram seguidos para a escolha dos elementos para o grupo organizativo?
Possibilidade de escusa?
Havia juiz? Secretário? E tesoureiro?
Quais as funções de cada um?

Outras notas
Calendário de festas existentes na comunidade ao longo do ano?
Tipo de alimentação durante a festa?
Relação entre o culto a São Sebastião e a Guerra do Ultramar?
Há capela do Espírito Santo?
Qual o santo padroeiro?

Anexo 3 Questionário devolvido

Com o esboço de guião que se segue, não pretendi elaborar um inquérito exaustivo. Foi meu objectivo registar um conjunto de questões para me servirem como auxiliar de memória e criar uma certa uniformidade no trabalho.
Naturalmente que no trabalho de campo muitas outras questões foram colocadas, dependentes sempre da complexidade do culto, da necessidade de esclarecimento e mesmo do nível cultural do questionado.

Localidade PARTIDA
Freguesia S. VICENTE DA BEIRA
Concelho CASTELO BRANCO

Local onde se encontra a imagem de São Sebastião? CAPELA DE S. SEBASTIÃO
Nome pelo qual é mais designado? MÁRTIR

<u>Da festa</u>
Data do ano? 1919
Já se conheceu outra data? NÃO
Porque houve alteração? ———
História que justifique a capela ou a festa? SIM
Onde se faz a festa?
Há missa? Há sermão? SIM
Vêm padres de fora fazer o sermão? SIM
Paga-se? É um serviço caro? NÃO
Há procissão? SIM

<u>Da procissão</u>
Quando se faz? DIA 20 JANEIRO
Figuras sacras que participam? S. SEBASTIÃO
Qual o percurso e sentido? PERCURSO CIRCULAR, SENTIDO INVERSO AOS PONTEIROS DO RELÓGIO
Quem organiza e disciplina? MULHERES
Qual o lugar dos homens, das mulheres, das crianças e do padre?
Participam bandeiras? Quais? SIM. S. JOSÉ
Qual o seu lugar? A SEGUIR AO GUIÃO E ANTES DO ANDOR S. SEBASTIÃO
Quem transporta o andor? Porquê? QUEM O REMATAR NO LEILÃO
Há leilão ou compra da perna do santo, varas? SIM
Quando? Quem o faz e organiza? NO FIM DA MISSA. COMISSÃO DE FESTAS
Quem remata a vara do andor dá-lhe direito a transportá-lo durante todo o trajecto? Ou somente até que apareça melhor oferta? QUEM LICITAR MAIS ALTO NO LEILÃO TEM DIREITO A LEVÁ-LO TODO O TRAJECTO.
Marcam-se as pernas do andor? (?)
Cor da banda do santo? VERMELHO
Onde colocam as ofertas em dinheiro? ————
Decoração do andor, com que flores? De que cores? Quem a executa? CRAVOS VERMELHOS. MULHERES DA COMISSÃO DE FESTAS E OUTRAS
Propriedade do dinheiro que o santo leva na banda? Ñ LEVA DINHEIRO NA BANDA
Propriedade do dinheiro obtido pelo leilão do andor? COMISSÃO DE FESTAS

<u>Promessas</u>
Que graças pedem ou pediam? NÃO SABEMOS
Há hábito de oferecer ex-votos a São Sebastião? ACTUALMENTE NÃO
Que tipo de aflições recorre ao santo? NENHUMA EM ESPECIAL
Há hábito de se prometer ir debaixo do andor durante a procissão? NÃO
Acendem-se ou acendiam-se velas a São Sebastião? Quando? Porquê? SIM. DURANTE A PROCISSÃO. PROMESSA (?)
Recorriam a São Sebastião para os livrar da tropa? Para os proteger na guerra? NÃO
Recorriam a São Sebastião para a protecção dos seus animais domésticos? Quais? Quando? NÃO

<u>Do ramo</u> NÃO HÁ RAMO EM PARTIDA
~~Em que consiste?~~
~~Quem, como e onde se organiza?~~
~~Quantas vezes ao ano?~~
~~Que bens colocam/colocavam no ramo? São fruto de promessa?~~
~~Onde, como e por quem se processa a venda dos bens colocados no ramo?~~
~~Para quem reverte o dinheiro obtido?~~
~~Qual o destino do dinheiro obtido?~~

<u>Da comensalidade</u> SIM

Há comensalidade colectiva? NÃO NÃO
~~Quando? Onde? Porquê?~~
~~Quem organiza o bodo?~~
~~Quais as ementas? Descrever a sua composição e confecção.~~
~~Quando se começam a confeccionar?~~
~~Que tipo de instrumentos utiliza?~~
~~Propriedade destes instrumentos?~~
~~Quem come e bebe?~~
~~Os ricos participam?~~
~~Os pedintes participam?~~
~~Vêm pedintes e outras pessoas do aro?~~
~~O padre, qual o seu papel?~~
~~O que se bebe?~~
~~Quantidade por pessoa? Há limitação?~~
~~Origem dos bens alimentares para o bodo?~~
~~Origem dos meios para aquisição destes bens?~~
~~Origem dos ingredientes da composição das ementas?~~
~~Quanto, por festeiro, pode ficar a festa num ano?~~
~~Homens e mulheres chegam a ficar bêbados?~~

Da comissão
Como se designa o grupo organizativo da festa? COMISSÃO DE FESTAS, FESTEIROS
Quantos elementos fazem parte deste grupo? 4 CASAIS
Quais as funções deste grupo? H – TRATAR DE ASSUNTOS RELACIONADOS COM $ / M – ASSUNTOS DA IGREJA
Quem e quando eram nomeados? NA MISSA 8 DIAS DEPOIS DA FESTA DE S. SEBASTIÃO
Quando e como era dado conhecimento público dos nomes que constavam deste grupo?
Que critérios eram seguidos para a escolha dos elementos para o grupo organizativo? É DADA PRIORIDADE A PESSOAS QUE TENHAM SIDO FESTEIRAS HÁ MAIS TEMPO. SÓ PODEM SER FESTEIROS OS CASAIS
Possibilidade de escusa? SIM
Havia juiz? Secretário? E tesoureiro? SIM
Quais as funções de cada um? NÃO ESTÃO ESPECIFICADOS EMBORA HAJA UMA MAIOR AUTORIDADE POR PARTE DOS TESOUREIROS

Outras notas
Calendário de festas existentes na comunidade ao longo do ano? S. SEBASTIÃO – CARNAVAL – STO. ANTÓNIO (DIA DE NOSSA SR.ª) - SÃO TIAGO MAIOR E MENOR
Tipo de alimentação durante a festa? REFORÇADA MAS NÃO ESPECIALIZADA
Relação entre o culto a São Sebastião e a Guerra do Ultramar? NENHUMA
Há capela do Espírito Santo? NÃO
Qual o santo padroeiro? SÃO JOSÉ

Localidade LARDOSA
Freguesia
Concelho CASTELO BRANCO

Local onde se encontra a imagem de São Sebastião? NA CAPELA
Nome pelo qual é mais designado? MÁRTIR SANTO

Da festa
Data do ano? JANEIRO – MAIO/JUNHO
Já se conheceu outra data? NÃO
Porque houve alteração?
História que justifique a capela ou a festa? PRAGA DE GAFANHOTOS
Onde se faz a festa? NO ADRO DA CAPELA
Há missa? ~~Há sermão~~? SIM
Vêm padres de fora fazer o sermão? NÃO
Paga-se? É um serviço caro? ————
Há procissão? ————NA 2.ª FASE DA FESTA

Da procissão NÃO ASSISTIMOS À PROCISSÃO
Quando se faz? MAIO/JUNHO
Figuras sacras que participam? S. ANTÓNIO
Qual o percurso e sentido? DIREITA/ESQUERDA
Quem organiza e disciplina?
Qual o lugar dos homens, das mulheres, das crianças e do padre?
Participam bandeiras? Quais?
Qual o seu lugar?
Quem transporta o andor? Porquê?
Há leilão ou compra da perna do santo, varas?
Quando? Quem o faz e organiza?
Quem remata a vara do andor dá-lhe direito a transportá-lo durante todo o trajecto? Ou somente até que apareça melhor oferta?
Marcam-se as pernas do andor?
Cor da banda do santo?
Onde colocam as ofertas em dinheiro?
Decoração do andor, com que flores? De que cores? Quem a executa?
Propriedade do dinheiro que o santo leva na banda?
Propriedade do dinheiro obtido pelo leilão do andor?

Promessas
Que graças pedem ou pediam? POR DOENÇA
Há hábito de oferecer ex-votos a São Sebastião? HÁ
Que tipo de aflições recorre ao santo? DE DOENÇA
Há hábito de se prometer ir debaixo do andor durante a procissão?
Acendem-se ou acendiam-se velas a São Sebastião? Quando? Porquê?
Recorriam a São Sebastião para os livrar da tropa? Para os proteger na guerra?
Recorriam a São Sebastião para a protecção dos seus animais domésticos? Quais? Quando? SIM

Do ramo
~~Em que consiste?~~
Quem, como e onde se organiza?
Quantas vezes ao ano?
Que bens colocam/colocavam no ramo? São fruto de promessa?
Onde, como e por quem se processa a venda dos bens colocados no ramo?
Para quem reverte o dinheiro obtido?
Qual o destino do dinheiro obtido?

Da comensalidade SIM
Há comensalidade colectiva? NÃO
~~Quando? Onde? Porquê?~~
~~Quem organiza o bodo?~~
~~Quais as ementas? Descrever a sua composição e confecção.~~
~~Quando se começam a confeccionar?~~
~~Que tipo de instrumentos utiliza?~~
~~Propriedade destes instrumentos?~~
~~Quem come e bebe?~~
~~Os ricos participam?~~
~~Os pedintes participam?~~
~~Vêm pedintes e outras pessoas do aro?~~
~~O padre, qual o seu papel?~~
~~O que se bebe?~~

~~Quantidade por pessoa? Há limitação?~~
~~Origem dos bens alimentares para o bodo?~~
~~Origem dos meios para aquisição destes bens?~~
~~Origem dos ingredientes da composição das ementas?~~
~~Quanto, por festeiro, pode ficar a festa num ano?~~
~~Homens e mulheres chegam a ficar bêbados?~~

<u>Da comissão</u>
Como se designa o grupo organizativo da festa? FESTEIROS (COMISSÃO)
Quantos elementos fazem parte deste grupo? VARIÁVEL (4 - 12)
Quais as funções deste grupo? ORGANIZAR A FESTA
Quem e quando eram nomeados? NA MISSA
Quando e como era dado conhecimento público dos nomes que constavam deste grupo? NA MISSA
Que critérios eram seguidos para a escolha dos elementos para o grupo organizativo?
Possibilidade de escusa? SIM
Havia juiz? Secretário? E tesoureiro? SIM (OUTRORA)
Quais as funções de cada um? NORMAIS DOS FESTEIROS

<u>Outras notas</u>
Calendário de festas existentes na comunidade ao longo do ano? STO. ANTÓNIO, S. MARTINHO, S. SEBASTIÃO
Tipo de alimentação durante a festa?
Relação entre o culto a São Sebastião e a Guerra do Ultramar? TODA
Há capela do Espírito Santo? NÃO
Qual o santo padroeiro? S. MARTINHO